

América

SOCIALISTA

EM DEFESA DO MARXISMO

Nº 21 - OUT 2022



VIVA OS 20 ANOS DAS FÁBRICAS OCUPADAS!

"ELES FECHAM AS FÁBRICAS, NÓS ABRIMOS. ELES ROUBAM AS TERRAS E NÓS OCUPAMOS. ELES FAZEM GUERRAS E DESTRÓEM NAÇÕES, NÓS DEFENDEMOS A PAZ E A INTEGRAÇÃO SOBERANA DOS POVOS. ELES DIVIDEM E NÓS UNIMOS. PORQUE SOMOS A CLASSE TRABALHADORA. SOMOS O PRESENTE E O FUTURO DA HUMANIDADE."

(1º ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE EMPRESAS RECUPERADAS PELOS TRABALHADORES, CARACAS, 29/10/2005)

LEIA TAMBÉM: SPINOZA E O ILUMINISMO, CONTRA O "MARXISMO" ACADÊMICO

América **SOCIALISTA**

EM DEFESA DO MARXISMO

REVISTA AMÉRICA SOCIALISTA - EM DEFESA DO MARXISMO

Edição em português, nº 21

Diretor: Serge Goulart

Editora: Maritania Camargo

Tradução: Fabiano Leite, Fernando Leal e Tiago de Carvalho

Revisão: Bruna Machado dos Reis, Felipe Libório, Francine Hellmann,
Juliano Riechelmann Maciel, Luiz Alexandre Devegili, Gilmara Martins, Mateus Tavares

Capa: Evandro Colzani

Direção de arte e projeto gráfico: Evandro Colzani e Maritania Camargo

Diagramação: Henrique de Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

A512 América socialista: em defesa do marxismo / Corrente
Marxista Internacional. - Vol. 12, n. 21 (out. 2022). -
São Paulo, SP: Editora Marxista, 2022
48 p.

Semestral.
Vol. 1, n. 1 (abr. 2009) -
ISSN 2764-0752

1. Marxismo. 2. Socialismo. 3. Luta de classes. 4. Revolução.
I. Corrente Marxista Internacional.

CDD 335.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior - CRB6/2422

Outubro de 2022

Livraria e Editora Marxista

Rua Dom José de Barros, 17, São Paulo/SP. CEP: 01038 900

Telefone: (11) 3104 0111

www.livrariamarxista.com.br

www.marxismo.org.br

contato@marxismo.org.br

Tiragem: 1.000

Bem-vindos

Você tem em mãos a 21ª edição da revista *América Socialista - Em Defesa do Marxismo*. Nesta edição retomamos a publicação impressa e trazemos aos nossos leitores uma seleção de textos que tratam de modo geral de filosofia. Vamos aos clássicos com Spinoza, passando pela crítica à Escola de Frankfurt, o legado revolucionário da literatura de James Joyce até a crítica filosófica à ciência moderna. Trazemos ainda uma homenagem aos 20 anos das Fábricas Ocupadas.

Boa Leitura a todos!

Arte de capa

A capa da 21ª edição da revista *América Socialista - Em Defesa do Marxismo* é inspirada nos ensinamentos revolucionários da escola de arte Bauhaus. Na República de Weimar, após a derrubada do kaiser em 1918 pelos trabalhadores, a Alemanha passava por um processo de revolução e contrarrevolução incessante até a chegada do nazismo em 1933, quando a Bauhaus é fechada. Nesse contexto floresce a escola. A palavra Bauhaus, em sentido literal, significa "casa de construção", o que nos leva a entender a ligação profunda da escola com as idéias marxistas, com a dialética, com a vanguarda russa de artistas que haviam feito a Revolução de 1917. A Escola reuniu nomes que permanecem como ícones até nossos dias, como Wassily Kandinsky, Walter Gropius, Paul Klee e muitos outros. Em suas várias fases, vale citar a mudança de sede de Weimar para Dessau, que tinha um teor político. É nesse momento que a Escola chega à sua maturidade, encontra a técnica e consegue caminhar na linha tênue entre a técnica e a poética, as massas e o individual, e põe em prática um de seus lemas: "A forma segue a função." Ali se reuniu a vanguarda da arte europeia que nos deixou um legado que possibilita muita inspiração. Vale a pena conhecer a história e os artistas da famosa escola Bauhaus.

Nossa capa segue a ideia de um projeto gráfico arquitetônico e as cores predominantes em Kandinsky, uma homenagem aos trabalhadores do mundo que são impedidos muitas vezes de conhecer os grandes feitos da humanidade. Ainda na capa, colocamos um excerto poético da declaração final do *I Encontro Latino-Americano de Empresas Recuperadas pelos Trabalhadores*, realizada em Caracas no ano de 2005.





Apresentamos aos nossos leitores, como alegoria aos temas discutidos nesta edição da revista *América Socialista - Em Defesa do Marxismo*, a obra de Jan Matejko (1838-1893) intitulada *O Astrônomo Copérnico*. O polonês Matejko é reverenciado em seu país por retratar importantes momentos da história com detalhes. A obra aqui em destaque é uma belíssima homenagem do pintor ao astrônomo e matemático Copérnico (1473-1543), que, depois dos gregos antigos, foi o primeiro a afirmar que o sol, e não a Terra, está no centro de nosso sistema planetário e que giramos em torno dele.

Índice



p4

O Iluminismo e o racionalismo revolucionário de Spinoza

Hamid Alizadeh

Baruch Spinoza foi um gigante na luta pelo pensamento racional. Submeteu todos os dogmatismos e preconceitos da Igreja e do Estado a uma crítica impiedosa, que continha um núcleo. Essas tradições do Iluminismo devem ser reivindicadas pelos revolucionários socialistas na luta contra o capitalismo.

O "marxismo" acadêmico da escola de Frankfurt

Daniel Morley

Apesar de se dizerem "marxistas", os defensores pequeno-burgueses da Escola de Frankfurt rejeitam as ideias do marxismo. O presente artigo tem por objetivo responder às reacionárias ideias dessa escola de pensamento, que tiveram uma perniciosa presença no movimento estudantil e operário.



p11



p21

Cem anos do *Ulysses* de James Joyce

John McNally

Para comemorar o centenário da publicação de *Ulysses*, um artigo que explica o significado do trabalho revolucionário, para a literatura e para o conjunto das artes, desenvolvido por James Joyce.

O telescópio James Webb

David García Colín e Vincent Angerer

As últimas imagens do telescópio James Webb colocaram sérios problemas à cosmologia moderna, tensionando a contraditória teoria do Big Bang. Este artigo discute a crise na cosmologia e por que as ideias da dialética e do materialismo são necessários para a ciência.



p25

Viva os 20 anos das Fábricas Ocupadas : nota de introdução

A Redação

O Marxismo, as ocupações de fábricas e a revolução socialista

Serge Goulart

Em comemoração aos 20 anos de ocupação da Cipla pelos trabalhadores, trazemos aos nossos leitores um texto teórico com base na luta viva das ocupações de fábricas no Brasil e Venezuela, que se iniciaram em 2002, resgatando os ensinamentos de Lênin e Trotsky.



p30



p48

Aceitar o fechamento de fábricas? Jamais!

Chico Lessa

Dando continuidade às comemorações, republicamos um texto de combate ao fechamento de fábricas a qualquer tempo e homenageamos nosso grande camarada Chico Lessa.

O ILUMINISMO E O RACIONALISMO REVOLUCIONÁRIO DE SPINOZA

HAMID ALIZADEH

Nascido em 1632 na República Holandesa, o filósofo racionalista Baruch Spinoza foi um dos grandes pais do pensamento Iluminista. Como explica Hamid Alizadeh, a filosofia de Spinoza - que continha um núcleo materialista e ateu - representou um desafio revolucionário à autoridade da Igreja e do Estado.

A Redação

A era do Iluminismo, também conhecida como a era da Razão, foi um dos episódios mais inspiradores da história humana. Produziu uma multidão de pensadores cuja luta contra a ignorância, superstição e dogma religioso desempenhou um papel fundamental na luta contra o sistema feudal e a ditadura da Igreja. A filosofia radical do filósofo holandês Baruch Spinoza¹ (1632-1677) desempenhou um papel seminal nesse desenvolvimento.

Tal foi o impacto de suas ideias, como explicou Hegel, que “Spinoza [foi] convertido em um ponto de prova na filosofia moderna, de modo que realmente se pode dizer: você é um spinozista ou não é um filósofo”². Vindas de Hegel, essas palavras são um testemunho inegável da influência das ideias de Spinoza. Para esse grande pensador, porém, a filosofia não era um exercício calmo e especulativo. Estava diretamente ligada à tarefa de compreender a natureza e a sociedade, a fim de transformá-las em benefício da humanidade.

NEM RIR, NEM CHORAR, MAS ENTENDER!

“Tomei muito cuidado para não ridicularizar, lamentar ou execrar as ações humanas, mas para entendê-las. Assim, considerei as emoções humanas como o amor, o ódio, a raiva, a inveja, o orgulho, a piedade e outras agitações da mente não como vícios da natureza humana, mas como propriedades pertencentes a ela da mesma forma que o calor, o frio, a tempestade, o trovão e outros pertencem à natureza da atmosfera. Essas coisas, embora problemáticas, são inevitáveis e têm causas definidas pelas quais tentamos entender sua



Spinoza (c. 1665)

natureza. E a mente obtém tanto prazer em contemplá-las corretamente quanto no conhecimento das coisas que agradam aos sentidos.”³

Spinoza foi um destacado representante de sua época. Juntamente a outros pensadores do início do Iluminismo, como Francis Bacon (1561-1626), Thomas Hobbes (1588-1679) e René Descartes (1596-1650), ele foi uma dessas figuras

imponentes da história e uma referência em um momento em que a humanidade lutava para sair do pântano sombrio da sociedade feudal.

Em seu famoso Dicionário Histórico e Crítico, publicado em 1697, até mesmo o teólogo Pierre Bayle (1647-1706), que era um oponente declarado do monismo de Spinoza (ou seja, de uma filosofia que considera que o mundo se compõe de uma substância, por exemplo,

matéria ou mente), teve de admitir que “ele era um homem avesso a qualquer constrangimento de consciência e um grande inimigo da dissimulação. É por isso que ele expôs livremente suas dúvidas e suas crenças”⁴. Ao fazê-lo, podemos acrescentar, ele encapsulou o verdadeiro espírito de sua época.

Em toda a Europa, Spinoza ganhou notoriedade por seu inflexível método racional e por sua rejeição a qualquer recurso a tradições, emoções e moralidade vazia ao procurar entender a natureza do nosso mundo em seu nível mais fundamental. Àqueles que tentaram explicar a natureza pela “vontade de Deus” ele acusou ousadamente de buscar “o santuário da ignorância”⁵. Nessa busca por uma abordagem racional e uma explicação da natureza baseando-se apenas na natureza, ele inevitavelmente entrou em conflito com as ideias dominantes de seu tempo.

REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO

O Iluminismo abrange um período de intensa turbulência cultural, científica e intelectual, coincidindo com a ascensão do capitalismo na Europa, abrangendo desde aproximadamente meados do século 17 até as primeiras décadas do século 19. Este foi um período de extrema turbulência: de guerras, guerras civis, revoluções e contrarrevoluções. As contradições internas dos antigos regimes europeus foram exacerbadas pela ascensão da burguesia. A velha ordem havia sido desestabilizada e, no século 17, as grandes monarquias europeias se transformaram em regimes absolutistas, com todo o poder concentrado nas mãos do governante monárquico, que se equilibrava entre a velha aristocracia decrépita e a classe capitalista ascendente.

O absolutismo era apoiado pela Igreja estabelecida, católica ou protestante, que mantinha uma ditadura sobre todos os aspectos da vida pessoal, incluindo o pensamento das pessoas. A França, a Espanha e o Sacro Império Romano foram dominados por guerras e guerras civis – travadas em nome da religião – que levaram à morte de milhões de pessoas. Na Alemanha moderna, a Guerra dos Trinta Anos – formalmente uma guerra entre católicos e luteranos – custou entre 5 e 8 milhões de vidas.

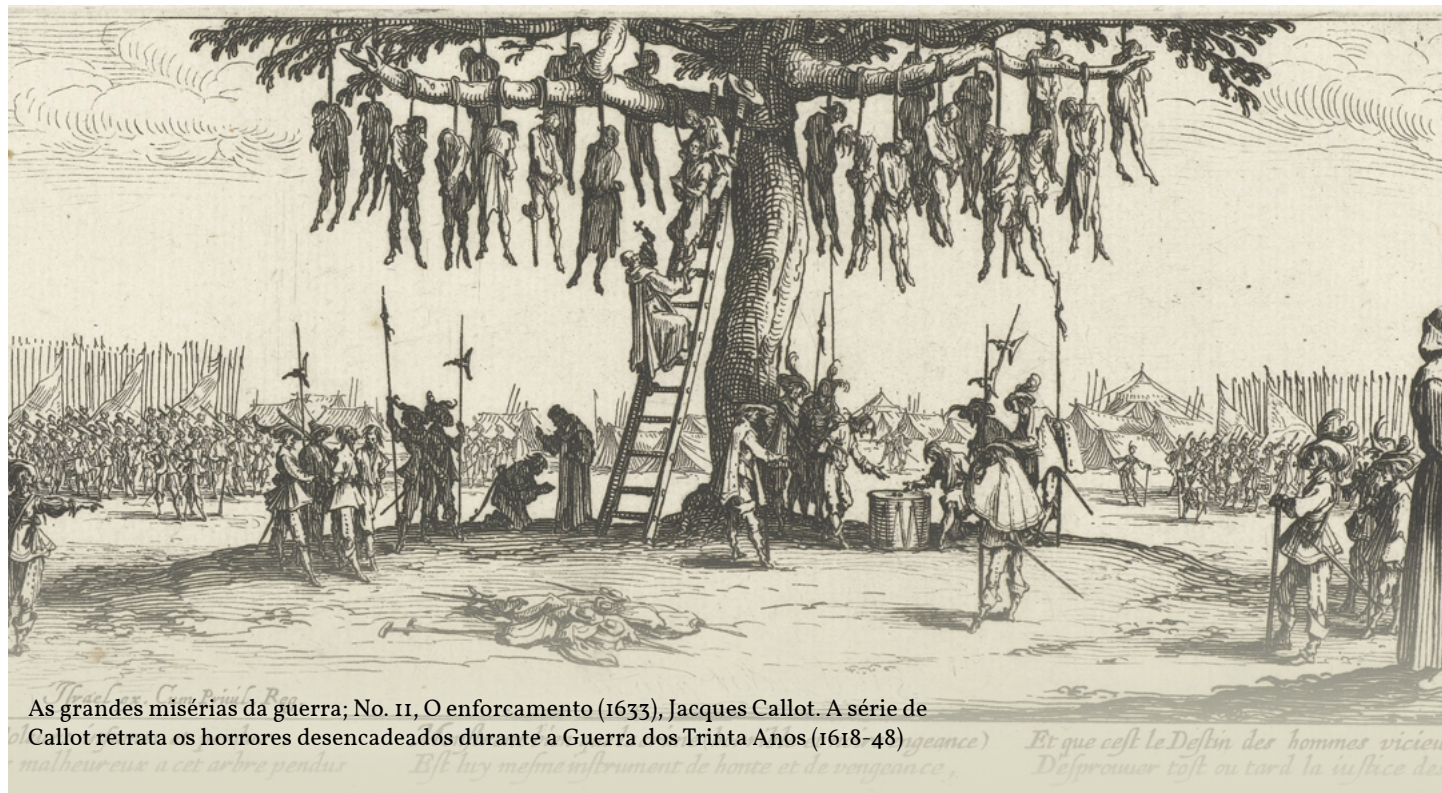
Os poderes da Igreja penetravam profundamente em todas as fendas da sociedade. Livros que se acreditava contradizer, ou mesmo semear dúvidas – sobre dogmas religiosos, autoridade das escrituras como a verdade indiscutível, ou monopólio do clero sobre a interpretação de tal escritura – foram censurados, banidos ou queimados em massa. Em toda a Europa, entre 1560 e 1630, 80 mil pessoas foram acusadas de feitiçaria e metade delas foi executada. Cientistas como Galileu foram perseguidos pelos inquisidores da Igreja. Alguns, como Giordano Bruno, foram queimados na fogueira por contrariar as doutrinas oficiais.

A família de Spinoza também foi vítima da perseguição da Igreja. Primeiro foi expulsa da Espanha em 1492 após a adoção do Decreto de Alhambra, que ordenou a expulsão dos judeus praticantes. Mudando-se inicialmente para Portugal, foi obrigada a converter-se ao catolicismo e a praticar a sua própria fé em segredo durante quase um século. Mais tarde, a família mudou-se para a França, finalmente estabelecendo-se na Holanda, que, na época, era o país da Europa com a atitude mais tolerante em relação à sua religião.

No início do século 17, a Holanda estava no auge da primeira revolução burguesa do mundo, que tomou a forma de uma guerra de libertação nacional da Espanha, que durou de 1566 a 1609. As Províncias Unidas, como a jovem República burguesa veio a ser conhecida, eram um centro comercial multicultural e, na época, abrigavam as formas mais avançadas de indústria e manufatura capitalistas. Sua luta contra o catolicismo e o absolutismo tornou-se um ponto focal para pensadores radicais e revolucionários em todo o continente. Naturalmente, portanto, forneceu terreno fértil para o desenvolvimento de algumas das ideias mais avançadas da época, incluindo as de Descartes, Spinoza e, mais tarde, John Locke (1632-1704).

Nascido em uma família de comerciantes em 1632, Spinoza recebeu formação e educação judaica tradicional. Embora tenha se destacado como estudante da Torá e do Talmud, suas visões radicais o excomungaram da comunidade judaica por decreto especial aos 25 anos.

No entanto, Spinoza estava mais interessado em outros assuntos. Quando jovem, conheceu e mais tarde ingressou nos Colegiados – uma seita cristã radical, que lutava contra a ortodoxia religiosa, a autoridade e o poder eclesiástico, bem como adotava as mais altas formas de tolerância religiosa e intelectual. Mais tarde, a seita se dividiu em duas sob o impacto dos avanços da filosofia e da ciência, liderados por pessoas como Descartes e o próprio Spinoza, com a ala sociniana assumindo uma visão cada vez mais racionalista, deixando pouco ou nenhum espaço para divindades e autoridade religiosa.



As grandes misérias da guerra; No. II, O enforcamento (1633), Jacques Callot. A série de Callot retrata os horrores desencadeados durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-48)

Seitas religiosas radicais como os Anabatistas, Quakers, Ranters, Levellers e Diggers estavam se espalhando por toda a Europa, refletindo a crise do antigo regime e os ânimos revolucionários entre as massas. Muitas delas rejeitaram as hierarquias sociais e algumas, como os Diggers da Revolução Inglesa, chegaram a rejeitar completamente a propriedade privada. Tais agrupamentos desempenharam um papel fundamental nos eventos monumentais da Guerra Civil Inglesa de 1642-1649, a segunda revolução burguesa do mundo, que terminou com a vitória do exército de Cromwell e a deposição e execução do monarca absoluto.

A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Em toda a Europa, a burguesia ganhava força às custas da classe dominante feudal. As cidades cresciam e com elas o comércio, a manufatura e a indústria. Esse desenvolvimento deu um poderoso impulso a uma revolução na ciência.

Spinoza acompanhou avidamente os desenvolvimentos da ciência. Ele próprio era um respeitável polidor de lentes – uma arte que desempenhou um papel importante no desenvolvimento da astronomia, bem como da biologia e da química – e trabalhou arduamente, embora sem sucesso, no desenvolvimento de uma explicação puramente científica para a ocorrência dos arco-íris.

Ele se correspondia regularmente com Henry Oldenburg, um cientista e um dos membros mais proeminentes da Royal Society científica britânica, bem como com Robert Boyle, um dos fundadores da química moderna e do método científico experimental moderno. Ele também estava em contato com o famoso anatomista, geólogo e paleontólogo dinamarquês Nicolas Steno, cujas disseções anatômicas Spinoza durante um período assistia diariamente.

A ciência avançava em alta velocidade. O mais importante desses avanços foi o desenvolvimento da mecânica clássica newtoniana e a vitória do sistema copernicano na astronomia, que demoliu de uma vez por todas a ideia de que a Terra era o centro do universo.

Cada passo adiante para a ciência minava os dogmas da Igreja; e a ideia de uma divindade caprichosa e toda poderosa governando o mundo foi gradualmente dando lugar à visão de um mundo governado por leis definidas, independentes dos seres humanos.

A velha doutrina afirmava que a realidade era rigidamente ordenada, com Deus no topo e os monarcas e autoridades religiosas como seus representantes indiscutíveis na Terra. A Terra, por sua vez, era o centro do universo, com o sol, a lua e as estrelas girando em torno dela. As massas se viam destinadas a tolerar quaisquer dificuldades que este edifício imutável lhes impusesse. A vitória do sistema copernicano desferiu um golpe devastador nessa visão de mundo.



Filósofo palestrando sobre planetário onde a lâmpada é colocada no lugar do Sol (c. 1766), Joseph Wright of Derby

Todos esses avanços vieram por meio de uma combinação de ciência experimental e análise, ou seja, sem recorrer à escritura religiosa e à interpretação clerical, que eram os caminhos oficialmente decretados para a verdade.

A ASCENSÃO DO RACIONALISMO

Esta revolução na ciência encontrou uma contrapartida na filosofia. Na Grã-Bretanha, o materialismo inicial se desenvolveu na forma do empirismo de pessoas como Francis Bacon (1561-1626) e Thomas Hobbes (1588-1679). A escola empirista enfatizou a experiência e a observação como os pilares fundamentais de todo conhecimento.

Ao mesmo tempo, a Europa continental testemunhou o surgimento do racionalismo moderno, cujo pai foi o filósofo francês René Descartes, famoso por seu aforismo “Penso, logo existo”. Descartes identificou a razão, ou seja, o pensamento científico sistemático, como a forma mais elevada de conhecimento. Todas as verdades estabelecidas, acreditava Descartes, tinham de ser justificadas pela razão – até mesmo a existência de Deus, para a qual Descartes tentou desenvolver uma explicação racional.

Isso em si era um pecado capital no livro da Igreja, que sustentava que a fé e as escrituras eram a única base para a verdade e que Deus como o ser supremo não precisava ser justificado por nada, muito menos pelas ideias de um leigo.

Mas o racionalismo de Descartes convergia com os avanços da ciência – onde cálculos matemáticos aplicados aos fatos da observação forneceram provas das novas teorias – e, com base nisso, foram adotados por cientistas e filósofos de toda a Europa. De fato, o objetivo declarado de Descartes era desenvolver um método para a certeza científica. E embora ainda houvesse espaço no sistema de

Descartes para Deus, sua física levou em conta muitas das visões de seus contemporâneos na ciência, explicando a natureza como um reino reconhecido onde Deus não desempenhava nenhum papel.

Portanto, não foi surpresa que suas obras tenham sido colocadas no *Índex de livros proibidos pela Igreja Católica* em 1663 devido ao perigo que representavam para a religião oficial. Mesmo na Holanda, as ideias cartesianas foram censuradas e o nome de Descartes foi proibido de ser mencionado em palestras e debates nas universidades.

“DEUS OU NATUREZA”

Spinoza foi um estudante perspicaz das obras de Descartes e adotou sua abordagem firmemente racionalista. Tudo tinha que ser justificado e comprovado racionalmente. Para Spinoza, no entanto, isso também se aplicava ao sistema de Descartes.

De acordo com Descartes, a realidade tem um caráter dual que consiste em duas substâncias, mente e matéria, as quais existem totalmente independentes uma da outra. O principal avanço aqui foi ver o mundo físico como inteiramente governado por leis naturais, que poderiam ser descobertas pela humanidade por meio do método científico.

Aparte deste mundo reconhecido, no entanto, está a mente, que Descartes acreditava ser totalmente separada e independente do mundo físico. O único ponto de interseção entre essas duas esferas da realidade deveria estar na glândula pineal, o local de descanso da alma humana e a origem de todas as ideias. Mas como e por qual mecanismo ocorria essa interseção, Descartes não pôde explicar.

Spinoza criticou essa inconsistência no dualismo de Descartes, desenvolvendo uma nova doutrina monista, que sustenta

que “na Natureza existe apenas uma substância”, que ele afirma ser eterna e “absolutamente infinita”⁶. Essa substância infinita, eterna e abrangente, Spinoza chamou de “Deus”, acrescentando no mesmo fôlego “ou natureza”⁷. De acordo com Spinoza, Deus ou a mente não são substâncias especiais separadas da natureza; todos os seres, incluindo a mente e a alma humanas, são meras modificações da mesma substância. Assim, o Deus de Spinoza não é nenhum Deus, no sentido de um ser supremo e consciente que observa e governa o mundo de acordo com seus próprios caprichos.

Assim, o Deus de Spinoza não é nenhum Deus, no sentido de um ser supremo e consciente que observa e governa o mundo de acordo com seus próprios caprichos

Este Deus é simplesmente a natureza: ilimitada, autocriada e perpetuamente em movimento, agindo unicamente de acordo com suas próprias leis imanentes e eternas. “A natureza não age com um fim em vista”, escreveu ele em sua *Ética*, acrescentando que “o ser eterno e infinito, a quem chamamos Deus, ou Natureza, age pela mesma necessidade pela qual existe”. Essas leis naturais, por sua vez, sustentavam ele, podem ser descobertas e compreendidas por nós por meio da ciência e do pensamento racional.

Mas a humanidade não pode se separar das leis naturais, disse ele: “Os homens acreditam que são livres, precisamente porque estão conscientes de suas vontades e desejos; mas quanto às causas que os determinaram a desejar e querer, eles não pensam nem sonham, porque ignoram [essas causas]”⁸.

De acordo com Spinoza, a liberdade não provém de tentar ficar acima das leis naturais; mas em entendê-las para usá-las em benefício da humanidade. Estas são ideias muito avançadas, que desde então foram comprovadas muitas vezes pela ciência moderna.

A doutrina de Spinoza é frequentemente descrita como uma forma de panteísmo, ou seja, uma visão de mundo que vê o universo como a manifestação de Deus. Mas a perspectiva de Spinoza não era tão simples assim. É óbvio para todos que, embora Spinoza falasse de Deus e às vezes usasse o jargão religioso, Deus parece inteiramente supérfluo em sua estrutura. Como os grandes filósofos da Grécia antiga, Spinoza tentou explicar o mundo por conta própria, sem recorrer ao sobrenatural.

Na época, esta foi uma ruptura radical na filosofia e imediatamente trouxe Spinoza para o centro de todos os debates filosóficos na Europa. De acordo com seu contemporâneo, Pierre Bayle, o próprio Spinoza estava defendendo abertamente o ateísmo no final de sua vida. Se isso é verdade ou não, não podemos saber. Spinoza foi altamente controverso para sua época, mas muitas vezes foi cuidadoso em como formular para evitar as piores formas de perseguição. Independentemente disso, que os germes do ateísmo e do materialismo estavam no centro do Spinozismo era bastante claro para todos na época e trouxe a ira das autoridades sobre os escritos de Spinoza, que também foram adicionados ao *Índice de Livros Proibidos da Igreja Católica*.

Em seu famoso Dicionário, onde o artigo mais longo foi dedicado a Spinoza e ao Spinozismo, Bayle, ecoando a impressão que Spinoza deixou em seus contemporâneos, escreveu que “ele é o primeiro que reduziu o ateísmo a um sistema, e o tornou um corpo de doutrina ligado e entrelaçado de acordo com os costumes dos geômetras”⁹.

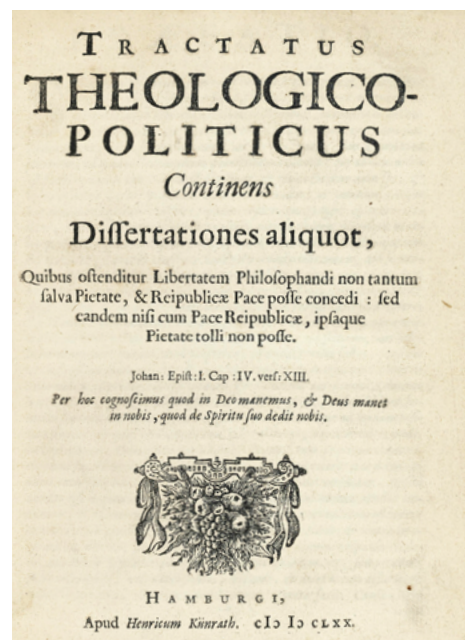
Mas Spinoza não estava mais interessado em se defender da acusação de ateísmo do que em expor seus acusadores:

*“Aquele que busca as verdadeiras causas dos milagres e está ansioso para entender as obras da Natureza como um erudito, e não apenas olhar para elas como um tolo, é universalmente considerado como um herege ímpio e denunciado por aqueles a quem o comum das pessoas se inclinam como intérpretes da Natureza e dos deuses. Pois essas pessoas sabem que a dissipação da ignorância significaria o desaparecimento desse espanto, que é o único suporte para seu argumento e para salvaguardar sua autoridade.”*¹⁰

O TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO

Para Spinoza, a filosofia não era um campo abstrato e independente à parte da ciência e da política. Muito pelo contrário, ele tirou as conclusões mais radicais com base nisso. A expressão mais clara disso foi em seu Tratado Teológico-Político, que, ao contrário de sua obra-prima, *Ética*, foi publicado durante sua vida, embora não sob seu próprio nome.

Nesse tratado político, Spinoza criticou impiedosamente a superstição e, em particular, a religião organizada. Nessa época, a Bíblia, a Torá e outras escrituras religiosas foram decretadas pelas autoridades como



sendo as palavras diretas de Deus a serem seguidas servilmente, embora com base apenas na interpretação do clero.

Spinoza declarou guerra a essa abordagem. Ele sustentava que as escrituras eram documentos inteiramente históricos, que apenas refletiam as leis e os valores morais de um determinado período. “O método de interpretar as escrituras”, disse ele, “não difere do método [correto] de interpretar a natureza, mas está totalmente em consonância com ele”¹¹. Esta foi uma ruptura completa com toda a tradição passada – em essência, Spinoza está pedindo uma interpretação materialista das escrituras.

Desde as primeiras linhas do Tratado Teológico-Político Spinoza não poupou ninguém, afirmando que a raiz de toda superstição é a falta de compreensão e controle que as pessoas têm sobre seus próprios destinos. Ele então explica como essa superstição é utilizada pelos governantes para perpetuar seu governo. Mas para fazer isso, eles primeiro precisam vestir essa superstição com edifícios opulentos, cerimônias obscuras, costumes e tradições. Em outras palavras, o que Spinoza estava expondo era a fraude da religião organizada como uma mascarada destinada a enganar as massas.

Ele então liga diretamente essa operação ao governo monárquico:

*“Pode ser de fato o maior segredo do governo monárquico e absolutamente essencial a ele, manter os homens enganados e disfarçar o medo que os influencia com o nome especioso de religião, para a qual eles lutarão por sua servidão como se estivessem lutando por sua própria libertação, e não acharão humilhante, mas supremamente glorioso derramar seu sangue e sacrificar suas vidas pela glorificação de um único homem.”*¹²

A coragem e a clareza dessas declarações poderosas contrastam fortemente com o jargão vaidoso que se aplica à filosofia nas universidades hoje. Muito à frente de seu

tempo, Spinoza expôs um elemento essencial da sociedade de classes: que, para manter seu domínio, a classe dominante não precisa apenas de um Estado e de corpos armados de homens, mas também, e tão importante quanto, de instituições poderosas para disseminar suas ideologias, como a Igreja e, poderíamos acrescentar em nosso tempo, as escolas, a mídia etc. E, assim, sua filosofia tornou-se uma acusação aberta da classe dominante e de todas as suas instituições.

SOBRE PROFETAS, PROFECIAS E MILAGRES

Spinoza percorreu metodicamente a Bíblia e a Torá, destacando todas as suas contradições. Baseando-se apenas no texto, ele descartou os supostos profetas do judaísmo e do cristianismo como homens “não dotados de mentes mais perfeitas do que os outros, mas apenas de um poder de imaginação mais vívido”¹³. A única exceção a isso, ele afirma, é Jesus Cristo, a quem ele, no entanto, definiu mais como um filósofo da ética do que como um ser sobrenatural.

Segundo Spinoza, os profetas eram essencialmente meros políticos e Jesus Cristo um filósofo, que usava uma linguagem impressionante e mística que chamavam de “profecias” para convencer seus semelhantes e, assim, constituir a ordem social e moral. Mas dado que esses decretos só se aplicam ao período histórico em questão, ele sustenta, há pouco para aprendermos com eles, exceto os valores morais mais gerais da revelação.

Outro ponto de ataque de Spinoza foi sobre os chamados milagres ou provas de Deus. Ele

rejeitou qualquer noção de que estes contivessem alguma verdade e sustentou que o que a Bíblia menciona como milagres eram apenas fenômenos naturais que as pessoas na época não podiam explicar.

“Neste sentido, tudo o que ultrapassava a compreensão dos judeus e cujas causas naturais eram desconhecidas naquela época, tendia a ser atribuído a Deus. Assim, uma tempestade foi chamada de ‘uma repreensão de Deus’, e trovões e relâmpagos, as flechas de Deus; pois eles pensavam que Deus mantinha os ventos fechados em cavernas que eles chamavam de tesouros de Deus, [...]. Pela mesma razão, os milagres são chamados de obras de Deus, isto é, obras surpreendentes. Pois todas as coisas naturais são indubitavelmente obras de Deus e existem e agem pelo poder divino. Nesse sentido, portanto, o salmista chama os milagres do Egito de poderes de Deus, porque abriram um caminho de segurança para os hebreus em seu extremo perigo, quando não esperavam que aparecesse nenhuma saída, pelo que ficaram totalmente assombrados.”¹⁴

De fato, mais adiante no livro, Spinoza atribui a história da divisão do mar por ordem de Moisés a “um vento leste que soprou muito forte por uma noite inteira” e não a algum tipo de intervenção divina.

Percorrendo os textos metodicamente, Spinoza conclui que não há nada a aprender com eles, exceto valores morais e normas sociais, e mesmo essas normas, afirma Spinoza, só eram aplicáveis às condições históricas

específicas da época. Em última análise, ele conclui, tudo o que nos resta para usar é a mensagem moral mais básica da Bíblia, de que as pessoas devem “amar o próximo como a si mesmas”; mesmo esta lição que Spinoza detém, no entanto, é precisamente o que a religião organizada ignorou:

“Muitas vezes me surpreendi ao descobrir que pessoas que se orgulham de professar a religião cristã, que é [uma religião de] amor, alegria, paz, moderação e boa vontade para com todos os homens, opõem-se uns aos outros com extraordinária animosidade e dando expressão diária ao mais amargo ódio mútuo. Tanto que se tornou mais fácil reconhecer a fé de um indivíduo pelas últimas características do que pelas primeiras.”¹⁵

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E PENSAMENTO, SECULARISMO E DEMOCRACIA

A crítica de Spinoza atingiu o coração da ditadura monárquica do governo do clero. De acordo com os decretos da Igreja, a Bíblia era a verdade absoluta e a mais alta autoridade. Mas, de acordo com Spinoza, a verdade não pode ser encontrada em nenhum lugar nas Escrituras ou na Igreja, mas no estudo da natureza.

A partir daqui ele passou a desafiar completamente o papel e os privilégios do clero, argumentando que deveria ser destituído de todos os seus poderes oficiais. Ele defendeu firmemente uma separação completa entre Igreja e Estado e a “liberdade para filosofar” universal¹⁶:

“Todos são, portanto, obrigados a viver unicamente por suas próprias decisões e não pelas de outrem, e não são obrigados a reconhecer ninguém como juiz ou como legítimo defensor da religião.”¹⁷

Ele também argumentou que uma república democrática era a melhor forma de Estado e até que um exército de cidadãos era preferível a um exército mercenário, que os governantes usariam mais facilmente para oprimir a vontade das massas.

O Tratado Teológico-Político foi uma bomba, que enviou ondas de choque por toda a Europa. Isso é comprovado pelo fato de que, embora tenha sido amplamente proibido, mesmo na Holanda, muitas cópias dele sobreviveram até hoje.

Spinoza tornou-se notório por suas ideias ateístas e revolucionárias, que se opunham diretamente ao cristianismo, ao judaísmo e à filosofia medieval como um todo. No século 18, sua crítica se tornou a mais proeminente em relação aos governos do clero e à religião.

Seitas radicais avidamente adotaram suas ideias e argumentos em todo o continente, e, em Amsterdã, ele se tornou um dos líderes mais proeminentes, se não o líder mais proeminente dos círculos ateus. De acordo com o estudioso de Spinoza, Jonathan Israel, as ideias de Spinoza não eram apenas



Pomba Enviada da Arca (1866), Gustave Doré

conhecidas entre a intelligentsia, mas também na sociedade europeia mais ampla. Isso fez dele o alvo principal dos ataques de todos os defensores da ordem existente, embora até o final de sua vida Spinoza permanecesse impassível ante seus críticos e ferozmente leal às suas ideias.

À FRENTE DE SEU TEMPO

As ideias filosóficas de Spinoza estavam muito à frente de seu tempo e muitas delas só seriam comprovadas pela ciência séculos depois. É verdade que havia uma ambiguidade em seu conceito de "Deus ou natureza", e que seus escritos continham um rastro da tradição escolástica predominante. Alguns acadêmicos modernos usaram isso para descartá-lo como um idealista e tradicionalista, mas não conseguiram compreender o terremoto que o Spinozismo representou na história do pensamento. Não seria a primeira vez na história que novas ideias seriam apresentadas no quadro de uma velha retórica – particularmente quando um afastamento dessa retórica poderia ter consequências fatais. Mas é inegável que todas as suas obras estão imbuídas de um

poderoso espírito combativo de ateísmo e materialismo.

Como uma contraparte direta de sua filosofia, os escritos políticos de Spinoza não foram menos revolucionários. Por quase um século, seus argumentos foram considerados a melhor e mais sistemática defesa do secularismo e da liberdade de pensamento. Nisso, ele antecipou e até certo ponto também inspirou os filósofos franceses do século 18 que desempenharam um papel crucial na preparação da grande Revolução Francesa.

ATREVA-SE A SABER!

O filósofo alemão Immanuel Kant uma vez resumiu o Iluminismo no lema "ousar saber!". Ele continuou dizendo: "O comandante diz: 'Não discuta – avance!' O cobrador de impostos: 'Não discuta – pague!' O pastor: 'Não discuta – acredite!'"¹⁸.

Os filósofos do Iluminismo, no entanto, recusaram-se a obedecer cegamente. Nas palavras de Descartes, eles tomavam como tarefa "duvidar de todas as coisas". Este é um método bem à parte do ceticismo cínico que infectou a academia moderna, em que toda a verdade desaparece e apenas uma dúvida vazia permanece. Pelo

contrário, o método dos pensadores iluministas era exigir uma explicação racional e científica de todas as crenças estabelecidas na sociedade. E, ao fazê-lo, lançaram as bases para a ciência, a cultura e, portanto, para o avanço da sociedade humana a um nível qualitativamente mais alto. Isso não foi nada menos que uma revolução.

Esta revolução no campo das ideias, foi uma parte fundamental da revolução social contra o feudalismo em que esses pensadores corajosos e engenhosos desempenharam um papel fundamental ao demolir a ideologia oficial e inspirar tendências revolucionárias em toda a Europa.

A esses desenvolvimentos monumentais, nossos chamados filósofos modernos respondem com hostilidade zombeteira. Michel Foucault, um dos grandes do pensamento acadêmico contemporâneo, escreveu certa vez que "devemos nos libertar da chantagem intelectual de 'ser a favor ou contra o Iluminismo'"¹⁹. Nas torres de marfim das universidades e nos jardins murados da publicação acadêmica, longe da vida real, o Iluminismo é retratado como o maior pecado. Decepcionados por não encontrarem uma verdade última na "Razão"



do Iluminismo, os pós-modernistas atacam a ideia de ciência e pensamento racional ao mesmo tempo, assim como condenam todas as revoluções que não resolvem todos os problemas da humanidade de uma só vez.

Para essas pessoas, qualquer conversa sobre progresso é reacionária em si mesma. Apontam esta ou aquela deficiência do pensamento iluminista, ou o fato de que a opressão não foi erradicada na “Idade da Razão”, para argumentar que, portanto, a revolução burguesa, apesar de suas imensas conquistas, não foi um avanço e talvez até um passo atrás da sociedade feudal com seu atraso bárbaro, superstição e ignorância em massa. Mas não pode haver meio-termo em nenhuma revolução, e aqueles que tentam encontrá-lo logo se encontrarão no campo da ordem existente. Nossos pós-modernistas não são exceção: em todo o seu “raciocínio” eles se colocam em oposição ao Iluminismo e à revolução burguesa – isto é, do lado da reação. Friedrich Engels respondeu a essas acusações há muito tempo:

“Toda forma de sociedade e governo então existente, toda velha noção tradicional, foi jogada na despensa como irracional; o mundo até então se deixara conduzir unicamente por preconceitos; tudo no passado merecia apenas piedade e desprezo. Agora, pela primeira vez, apareceu a luz do dia, o reino da razão; doravante a superstição, a injustiça, o privilégio, a opressão, seriam substituídos pela verdade eterna, pelo Direito eterno, pela igualdade baseada na Natureza e pelos direitos inalienáveis do homem.

“Sabemos hoje que esse reino da razão nada mais era do que o reino idealizado da burguesia; que esse Direito eterno encontrou sua realização na justiça burguesa; que essa igualdade se reduzia à igualdade burguesa perante a lei; que a propriedade burguesa foi proclamada como um dos direitos essenciais do homem; e que o governo da razão, o Contrato Social de Rousseau, nasceu, e só poderia nascer, como uma república democrática burguesa. Os grandes pensadores do século 18 não podiam, mais do que seus predecessores, ir além dos limites impostos pela sua época.”²⁰

O Iluminismo sinalizou o alvorecer de uma nova sociedade capitalista, que

era a forma mais avançada de sociedade na época. Este foi um grande avanço para a humanidade. Sob o capitalismo, a cultura, a ciência e a tecnologia floresceram e atingiram níveis sem precedentes. Produziu forças produtivas que têm o potencial de transformar a sociedade e tirar toda a humanidade da pobreza e da miséria. É claro que não é preciso dizer que dentro dos limites desse sistema isso não é possível.

Hoje o próprio capitalismo chegou a um beco sem saída. Tornou-se uma enorme barreira ao progresso e ao desenvolvimento da ciência e da cultura. Enquanto isso, enquanto uma pequena minoria vive em uma opulência extravagante, a grande maioria está condenada a uma rotina diária para se manter à tona. A burguesia em seus primórdios baseou-se no racionalismo, no empirismo e no materialismo. Promoveu a ciência, a filosofia, a cultura; em outras palavras, promoveu a iluminação. Hoje, está cada vez mais se voltando para a ignorância; os dogmas irracionais, como o pós-modernismo e o positivismo, tornaram-se os principais meios pelos quais tenta justificar sua própria existência.

O manto da revolução caiu agora sobre a classe trabalhadora, cuja tarefa não é apenas derrubar o capitalismo, mas também a sociedade de classes. Como em

todas as revoluções, uma parte integrante da revolução proletária é a luta pelas ideias: uma luta pelo materialismo e por uma abordagem racional e científica contra a propaganda idealista reacionária da classe dominante e seus altos sacerdotes nos corredores da academia. A verdade, em outras palavras, voltou a ser uma arma revolucionária, desta vez contra a burguesia.

Nesta luta, nós, marxistas, reivindicamos orgulhosamente as melhores tradições revolucionárias do Iluminismo e rejeitamos as calúnias dos pós-modernistas contra os audaciosos pensadores daquela época. O marxismo se baseia em todas as ideias mais avançadas da revolução burguesa, enriquecida e desenvolvida pelos enormes avanços da ciência desde então, bem como pelas experiências da classe trabalhadora.

Nossa luta não é por uma nova forma de sociedade de classes, mas pela libertação total da humanidade dos grilhões da sociedade de classes. Lutamos por um novo amanhecer para a humanidade: onde o véu da ignorância, absolutamente necessário para qualquer sociedade de classes, possa ser rasgado, e a humanidade como um todo, baseando-se no esclarecimento universal, na ciência e na tecnologia, possa estabelecer um paraíso para si mesma na terra.



Liberdade guiando o povo, Delacroix

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Baruch era o nome judaico de Spinoza. Após sua excomunhão da comunidade judaica em Amsterdã, no entanto, ele mudou seu nome para Benedictus, um nome latino com o mesmo significado: “Abençoado”.

² GWF Hegel, *Lectures on the history of philosophy* vol. 3, Routledge and Kegan Paul, 1874, p. 283

³ B Spinoza, “Political Treatise”, *Spinoza Complete Works*, Hackett Publishing Company, 2002, p. 681

⁴ P Bayle, *Historical and Critical Dictionary*, The Bobbs-Merrill Company, 1965, p. 290

⁵ B Spinoza, “Ethics”, *Spinoza Complete Works*, Hackett Publishing Company, 2002, p. 241

⁶ B Spinoza, “Ethics”, *Spinoza Complete Works*, Hackett Publishing Company, 2002, p. 221

⁷ *ibid.*, p. 321

⁸ *ibid.*, p. 239

⁹ (Pierre Bayle, *Dictionnaire historique et critique de Pierre Bayle*. Nouvelle Édition, Tome Treizième, 1820 p. 421 - own translation). Original: “Je crois qu’il est le premier qui ait réduit en système l’athéisme, et qui en ait fait un corps de doctrine lié et tissu selon les manières des géomètres”.

¹⁰ B Spinoza, “Ethics”, *Spinoza Complete Works*, Hackett Publishing Company, 2002, p. 221

¹¹ B Spinoza, *Theological-Political Treatise*, Cambridge University Press 2007, p. 98

¹² *ibid.*, p. 6

¹³ *ibid.*, p. 27

¹⁴ *ibid.*, pp 24-25

¹⁵ *ibid.*, p. 102

¹⁶ *ibid.*, p. 195

¹⁷ *ibid.*, p. 206

¹⁸ I Kant, “An answer to the question: What is enlightenment?”, *Practical Philosophy*, Cambridge University Press, 1999, p. 18

¹⁹ M Foucault, “What is Enlightenment?”, *The Foucault Reader*, Pantheon Books, 1984, p. 45

²⁰ F Engels, “Socialism: Utopian and Scientific”, *The classics of Marxism vol 1*, WellRed Books, 2013, p. 39

O "MARXISMO" ACADÊMICO DA ESCOLA DE FRANKFURT: "HIPOCRISIA ORGANIZADA"

DANIEL MORLEY

Na década de 1960, especialmente nos círculos estudantis radicais, havia muitas ideias fantasiosas circulando. A mais perniciosa e errônea delas foi a visão representada por Herbert Marcuse, Theodor Adorno e Max Horkheimer, de que o "neocapitalismo" desenvolveu formas de evitar a crise capitalista e que a classe trabalhadora havia sido integrada ao sistema como consumidores passivos na sociedade "afluente". Como explica Daniel Morley, essas eram as ideias pseudomarxistas da chamada Escola de Frankfurt.

A Redação



Theodor W. Adorno, um dos líderes da Escola de Frankfurt

A ideia de que a classe trabalhadora foi subornada e de que é muito conservadora para realizar a revolução socialista tem sido difundida entre a chamada intelectualidade de esquerda e seus líderes por muito tempo. Esses intelectuais de "esquerda" nos dizem que a revolução socialista é "pouco realista", que foi "tentada antes", ou melhor ainda, que os trabalhadores estão demasiado absorvidos em coisas materiais para organizar

uma revolução. Este argumento é sempre apresentado como se fosse novo. Na realidade, tem sido revisto geração após geração de intelectuais pequeno-burgueses. Aqueles que querem justificar seu próprio oportunismo político sempre encontraram uma maneira de culpar a classe trabalhadora.

A Escola de Frankfurt, ou o *Institut für Sozialforschung* (Instituto de Pesquisa Social), é culpada de dar a tais ideias falidas a aparência de credibilidade intelectual e

de espalhá-las por toda parte. Seus principais pensadores – Adorno, Horkheimer e Marcuse – são frequentemente descritos como "marxistas", e até mesmo, se você pode acreditar, como alguns dos marxistas mais inovadores do século 20. O fato desses chamados "marxistas" argumentarem que a classe trabalhadora é incapaz de abolir o capitalismo fornece uma cobertura quase teórica para que intelectuais presunçosos da pseudo-esquerda abandonem seu "radicalismo", enquanto se acomodam à sociedade burguesa.

Seus apoiadores apontam para o fato de que o capitalismo ainda existe. Eles sustentam que o capitalismo mudou muito desde os dias de Marx e que, portanto, certamente o marxismo precisa ser atualizado. Eles afirmam que a classe trabalhadora perdeu pelo menos parte de sua "agência" revolucionária, e que isso é resultado do papel cada vez mais poderoso da cultura de massa, que Marx ignorou. Eles afirmam que a "superestrutura" da ideologia e da cultura ganhou uma grande autonomia sobre a base econômica, ao contrário do que Marx explicou.

Para responder a tais críticas, devemos começar comparando os fundamentos da filosofia marxista com os da Escola de Frankfurt. Esta não será uma tarefa fácil, pois, como todos os outros filósofos pequeno-burgueses do século 20, eles parecem ser alérgicos a explicar suas ideias com alguma clareza.

MATERIALISMO HISTÓRICO

O marxismo é antes de tudo uma filosofia materialista. Existe apenas um universo, que é composto de matéria. A consciência não existe independentemente da matéria, mas é uma expressão da matéria organizada de uma maneira particular, ou seja, o produto de um sistema nervoso material.

O materialismo filosófico quando aplicado ao estudo da sociedade é o que se conhece como materialismo histórico. Como Marx e Engels explicaram na Ideologia Alemã:

“Os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas a vida envolve antes de tudo comer e beber, uma habitação, roupas e muitas outras coisas. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material. E, de fato, este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprida diariamente e a cada hora apenas para sustentar a vida humana.”¹

A “produção da vida material” obriga homens e mulheres a desenvolver ferramentas de produção e a entrar em relações definidas, “relações de produção”, como explicou Marx, que são independentes de nossa vontade. Em tais condições, as formas que a sociedade assume não são determinadas por nossos desejos conscientes, ou pelas ideias que temos, mas, em última análise, pelo desenvolvimento dado das forças produtivas. É nesta base material que surgem diferentes formas de consciência. Assim, “não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas seu ser social que determina sua consciência”².

Em outras palavras, as classes surgem não de nossas ideias, mas do desenvolvimento das forças produtivas. Nas sociedades de classes pré-capitalistas, tínhamos patrícios, plebeus, escravos, senhores, vassallos e servos. Sob o capitalismo, a sociedade está dividida em duas classes principais e opostas; a classe capitalista, que possui os meios de produção, e a classe trabalhadora, que produz toda a riqueza, mas que não possui nada. Para sobreviver, os trabalhadores devem vender sua força de trabalho aos capitalistas.

Em última análise, são as relações de propriedade da sociedade capitalista que determinam a consciência da classe trabalhadora. Isso não significa que as ideologias não desempenhem nenhum papel e não sejam dignas de consideração, mas apenas que as principais características ideológicas de uma determinada sociedade podem somente ser explicadas, em última análise, pela estrutura econômica dessa sociedade.



Cildo Meireles, Babel (2001)

O ILUMINISMO FOI TODO UM ERRO

Os “marxistas” da Escola de Frankfurt acreditavam que tal explicação era muito simplista, “mecânica” e reducionista. Segundo eles, Marx e Engels não levaram em consideração o impacto da cultura e ideologia burguesas, que acreditavam se sobrepor aos interesses de classe da classe trabalhadora, tornando-a uma classe inerentemente servil aos interesses do capitalismo.

A Escola de Frankfurt queria se apresentar como intelectuais que não aceitariam nada como parece ser, mas que, em vez disso, descobririam impiedosamente as

contradições para revelar algo totalmente diferente. É por isso que eles se referiam à sua Escola como “teoria crítica”. Eles e seus seguidores pensam que assim melhoraram o marxismo, libertando-o do dogmatismo. Seu foco na cultura e outros elementos da “superestrutura” também deve atualizar o marxismo para o século 20, que viu o nascimento da cultura de massa por meio do rádio e da televisão. A questão é: a Escola de Frankfurt atualizou e melhorou o marxismo para explicar melhor essa nova época de cultura de massa, entretenimento e propaganda, ou a abandonou por completo?

Em *Dialética do Iluminismo*, possivelmente o livro mais importante da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer explicam sua alternativa ao materialismo histórico. Para a Escola de Frankfurt, a sociedade moderna é de pura dominação do sistema capitalista sobre as massas. Segundo eles, o enorme aumento dos padrões de vida no Ocidente no período pós-guerra apenas produziu uma nova e mais insidiosa forma de dominação. Os luxos da vida moderna e a cultura de massa que esses luxos ajudaram a propagar, supostamente conseguiram criar um conformismo sem paralelo do qual era cada vez mais difícil para qualquer trabalhador escapar. Em outras palavras, a classe trabalhadora sofreu uma lavagem cerebral pela cultura popular e, assim, se adaptou e, em grande medida, tornou-se parte do sistema dominante. Como resultado, isso significava que a revolução socialista não poderia mais acontecer e, se acontecesse, só poderia levar à continuação dessa mesma repressão.

No nível mais fundamental, o conformismo e a repressão da sociedade não foram para Adorno e Horkheimer produtos do capitalismo, mas do pecado original do período do Iluminismo – a época de rápidos avanços na arte, ciência e filosofia nos primeiros dias da sociedade burguesa – ou para ser mais

específico, “pensamento iluminista”. Como eles explicam:

*“Não temos dúvidas – e aqui reside nossa petição de princípio – que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento iluminista. Acreditamos ter percebido com igual clareza, no entanto, que o próprio conceito desse pensamento, não menos do que as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, já contém o germe da regressão que está ocorrendo hoje em toda parte.”*⁵

Mas, pode-se perguntar, o que exatamente é esse “pensamento iluminista” que enlaçou a sociedade com consequências tão desastrosas? Tudo o que nos é dito é que “o Iluminismo é totalitário”⁴. De fato, “o Iluminismo se comporta em relação às coisas como um ditador em relação aos homens”⁵. “Pois o esclarecimento é tão totalitário quanto qualquer sistema”⁶.

Apesar do estilo complicado e do pensamento confuso que assola este livro, temos que elogiar Adorno e Horkheimer por sua clareza em um ponto. Abandonaram todos os vestígios do materialismo histórico, em favor do idealismo mais flagrante. De acordo com sua visão de mundo, a história é governada por uma ideia totalitária e todo-poderosa. Essa ideia não expressa

os interesses de uma classe definida, mas existe por conta própria e tem o poder de oprimir a sociedade. O traço definidor dessa ideia, nos dizem, é que ela quer dominar, controlar e ordenar sistematicamente os objetos do mundo externo.

Claramente, o “pensamento iluminista” referido aqui é o pensamento sistemático e científico, ou o que foi chamado de “razão” no vocabulário filosófico do Iluminismo. Assim, para a Escola de Frankfurt, a razão ou o pensamento científico é a fonte da dominação totalitária, e não das contradições do modo de produção capitalista. Para Adorno e Horkheimer, a razão não é produzida pela sociedade em um determinado estágio da história, mas é uma força supra-histórica com poderes especiais, algo com existência fora da sociedade e do tempo.

É bastante claro que este é um ponto de vista fundamentalmente idealista, que se resume a isto: tudo o que há de ruim no capitalismo, e a razão pela qual o socialismo não pode emancipar a humanidade, é por causa do suposto caráter totalitário do pensamento científico.

A pergunta que eles não podem responder é: de onde vem essa ideia todo-poderosa? Quando e por que surgiu e escravizou a humanidade? Não dão qualquer resposta a esta questão decisiva, porque não a consideram importante. Muito provavelmente, no que lhes diz respeito, até mesmo colocar tal questão seria um pecado do “pensamento iluminista” – isto é, uma tentativa de explicar as coisas de maneira racional e científica.

Segundo eles, o Iluminismo quer dominar as coisas, classificando o conhecimento cientificamente. Mas por que isso levaria da dominação das coisas à dominação do homem pelo homem, como eles afirmam? Adorno e Horkheimer apenas afirmam que “[o] que os homens querem aprender com a natureza é como usá-la para dominá-la inteiramente e aos outros homens. Esse é o único objetivo... Poder e conhecimento são sinônimos”⁷.

Assim, afirma-se, sem qualquer prova, que o Iluminismo “domina” as coisas e, portanto, conduz inevitavelmente a uma sociedade em que as pessoas são dominadas. Claro, nunca é especificado quais pessoas estão dominando outras pessoas. Por que algumas pessoas conseguiram exercer esse poder do Iluminismo e outras não? Típica do idealismo, sua “teoria” é inteiramente abstrata, vaga e arbitraria. Tendo abandonado o materialismo, eles não lidam com classes concretas explorando outras classes para fins definidos e historicamente condicionados. Não há trabalhadores e capitalistas, servos e senhores feudais ou escravos e donos de escravos; em vez disso, temos o “homem” abstrato dominando o “homem” abstrato, tudo graças ao poder milagroso da “razão” abstrata.



O astrômetro (c. 1668), Johannes Vermeer

O ILUMINISMO

Na realidade, o Iluminismo é um dos maiores avanços que a humanidade já fez intelectual, política e artisticamente. Longe de inaugurar uma opressão até então inimaginável, deu início ao processo de eliminação da servidão, do dogmatismo e do obscurantismo religioso da sociedade feudal e da Igreja. Uma galeria de heróis do pensamento e da cultura surgiu para desenvolver a ciência e a arte a um nível sem precedentes e desafiar preconceitos e privilégios. Os primeiros materialistas do Iluminismo não eram obcecados por “dominação”, mas eram enciclopedistas de mente aberta tentando libertar a humanidade da superstição.

Longe de ver isso como uma ameaça à classe trabalhadora, Marx e Engels celebraram essa ascensão do pensamento racional e o desenvolvimento da ciência e da técnica nos estágios iniciais do capitalismo, como um passo qualitativo para a humanidade. É precisamente aqui que se encontra o caráter progressista do capitalismo porque, desenvolvendo as forças produtivas, lança as bases do socialismo. Sem pensamento científico, o socialismo é impossível. A oposição da Escola de Frankfurt a esse avanço histórico significa a defesa do mesmo atraso, ignorância e obscurantismo que a Igreja defendia na época do Iluminismo.

É verdade que os ideais de liberdade e racionalidade do Iluminismo não puderam ser realizados naquela época. Havia uma contradição entre os elevados ideais dos maiores pensadores da época e a realidade material da sociedade capitalista que eles estavam ajudando a inaugurar. Nas mãos da burguesia, a ciência e a razão seriam usadas para aumentar o lucro e portanto, a exploração. Tal entendimento sempre foi parte integrante das ideias de Marx e Engels. Como Engels explicou em *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*:

“Sabemos hoje que este reino da razão nada mais era do que o reino idealizado da burguesia... que essa igualdade se reduzia à igualdade burguesa perante a lei... e que o governo da razão, o contrato social de Rousseau, se tornou e só poderia se tornar, numa república democrática burguesa. Os grandes pensadores do século 18 não podiam, mais que seus antecessores, ir além dos limites impostos por sua época.”⁸

Não há nada de original na percepção da Escola de Frankfurt de que “o Iluminismo” não libertou a humanidade da exploração e da opressão. Mas enquanto Marx e Engels entendiam que a base real desse fracasso estava no caráter de classe da sociedade da época, esse fato iludiu inteiramente Adorno e Horkheimer. Na verdade, eles repetiram o erro idealista de muitos pensadores do Iluminismo. Estes últimos acreditavam que a “razão” é algo de que todos os seres humanos são inerentemente dotados e

que, portanto, em princípio, as ideias do Iluminismo poderiam ter sido desenvolvidas em qualquer ponto da história. Da mesma forma, a Escola de Frankfurt vê a “razão” como um poder independente e superior à história. Mas ao invés do otimismo dos pensadores do Iluminismo, eles viam na razão apenas dominação e morte.

Apesar da abstração dessas ideias, não é difícil ver o que realmente está por trás delas. São as ideias de intelectuais pequeno-burgueses desmoralizados, que consideram o desenvolvimento do capitalismo nada mais que opressão e desastre. Adorno resumiu sua visão da seguinte maneira:

“Nenhuma história universal leva da selvageria ao humanitarismo, mas há uma que vai do estilingue à bomba de megaton. Termina na ameaça total, que a humanidade organizada representa para os homens organizados... o espírito do mundo, um objeto digno de definição, deveria ser definido como catástrofe permanente.”⁹

Em seus escritos, eles rotineiramente se remontam a uma era anterior de liberdade pequeno-burguesa, de “autonomia individual”, como eles chamam. A produção em larga escala, cientificamente organizada, aterroriza esses indivíduos pequeno-burgueses, assim como a cultura de massa. Para eles, é o pensamento científico, não a classe capitalista, que arruinou a sociedade.

Esses intelectuais pequeno-burgueses são impotentes. Eles não têm controle sobre a sociedade capitalista, mas acham que deveriam ter, dado o quão educados eles se sentem. Ao mesmo tempo, porém, relutam em se colocar a serviço da única alternativa ao grande negócio: a classe trabalhadora organizada. O poder potencial da classe trabalhadora é aterrorizante aos seus olhos. Os trabalhadores aparecem como tolos incultos e obedientes. Eles desprezam a classe trabalhadora, que consideram cúmplice dos crimes do capitalismo por causa de seu suposto “conformismo” ingênuo com a cultura do grande negócio produzida em massa. Eles assumem que, caso os trabalhadores assumam o poder, isso significaria simplesmente uma continuação da mesma sociedade opressiva e burocraticamente organizada que já temos – tudo porque os trabalhadores estão presos na mentalidade conformista que a produção científica e a cultura de massa criam.

Na realidade, porém, o que essas pessoas refletem é a visão da pequena burguesia, uma classe em um beco sem saída histórico, que está espremida entre o grande capital e a classe trabalhadora. O associado da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, admitiu isso com franqueza: “mais cedo ou mais tarde, com as classes médias que estão sendo esmagadas pela luta entre capital e trabalho, o escritor ‘independente’

também deve desaparecer”. Isso é o que mais aterroriza esses senhores!

A “RACIONALIDADE TÉCNICA” DE MARCUSE

A Escola de Frankfurt, e Marcuse em particular, ganharam destaque no período pós-guerra. Esta foi uma “idade de ouro” para o capitalismo, um período de crescimento sem precedentes à medida que as economias capitalistas avançadas se reconstruíam após a devastação da Segunda Guerra Mundial. Essa recuperação sustentada foi possível não apenas pela destruição maciça da guerra, mas também pelas condições políticas únicas que o fim da guerra produziu. A onda revolucionária que varreu a Europa Ocidental foi traída pelos líderes stalinistas e social-democratas, que conseguiram conter a classe trabalhadora. Foi uma contrarrevolução de forma democrática. Essa derrota forneceu a premissa política para a recuperação e expansão.

O imperialismo norte-americano emergente também foi capaz de impor sua autoridade na Europa ocidental. Temendo a revolução socialista, eles ajudaram a reconstruir as economias da Europa devastadas pela guerra. Eles impuseram o dólar como moeda mundial e desmantelaram as barreiras tarifárias do período entre guerras. Uma série de fatores se uniram para produzir uma ascensão massiva¹⁰.

A ascensão resultante, a maior da história do capitalismo, estabeleceu um equilíbrio social (temporário). Como resultado, concessões significativas, como o estado de bem-estar social, foram dadas à classe trabalhadora. Essas reformas não foram feitas por boa vontade da classe capitalista, mas sob o impacto da luta de classes e do medo à URSS.

Essas concessões fortaleceram maciçamente o reformismo, pelo menos nos países capitalistas avançados, e, portanto, as ilusões com o capitalismo. Parecia que o capitalismo havia superado suas contradições e que a luta de classes havia sido negada ou permanentemente amenizada. As técnicas de produção mais recentes, como o fordismo (produção industrial altamente organizada, planejada e mecanizada) juntamente com a regulação estatal, pareciam eliminar as crises capitalistas e a necessidade de revolução. Os padrões de vida estavam subindo. Hoje foi melhor que ontem, e amanhã será ainda melhor.

Durante todo esse tempo, a classe dominante aderiu à doutrina do keynesianismo, que pregava o uso da intervenção estatal na economia para suavizar as contradições do capitalismo. Dado que seu uso coincidiu com um boom e com um período prolongado de relativa paz social, parecia que as políticas keynesianas funcionavam e aperfeiçoavam o capitalismo, ou resolviam suas contradições internas.

NA ÓRBITA DO IDEALISMO SUBJETIVO

Este é o contexto em que as ideias da Escola de Frankfurt, de uma luta de classes mitigada e uma classe trabalhadora atordada, realmente se firmaram entre a in-telectualidade. Marcuse foi mais explícito ao relacionar a rejeição da Escola ao materialismo histórico a essa época de *boom* capitalista. Segundo ele, o caráter opressor da Razão se revelou no pós-guerra como “racionalidade técnica”: “O universo totalitário da racionalidade técnica é a mais recente transmutação da ideia de Razão”¹¹. Mas o que é “racionalidade técnica” e como ela funciona?

Tudo o que nos dizem sobre essa misteriosa “racionalidade técnica” é que ela é responsável pelo que Marcuse descreve como a “não-liberdade confortável, suave, razoável, democrática”, que “prevalece na civilização industrial avançada, um sinal de progresso técnico” e “parece cada vez mais capaz de satisfazer as necessidades dos indivíduos através da forma como se organiza”¹². Em outras palavras, um modo de pensar – a “racionalidade técnica” – trouxe o *boom* do pós-guerra, que apesar de elevar os padrões de vida e aumentar o tamanho da classe trabalhadora, ele vê como algo negativo¹³.

Tão eficaz é a “racionalidade técnica”, dizem-nos, que as crises capitalistas são coisa do passado. Embora ainda tenhamos o capitalismo, as leis do capitalismo foram usurpadas por essa organização racional recém-descoberta, que é capaz de cumprir uma “promessa de uma vida cada vez mais confortável para um número cada vez maior de pessoas que”, como resultado, “não pode imaginar um discurso qualitativamente diferente”¹⁴.

Segundo Marcuse:

“se o trabalhador e seu patrão curtem o mesmo programa de televisão e visitam os mesmos lugares de veraneio, se a datilógrafa é tão atraente quanto a filha de seu patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, então essa assimilação indica não o desaparecimento das classes, mas a medida em que as necessidades e satisfações que servem à preservação do establishment são compartilhadas pela população subjacente.”

Aqui vemos os preconceitos reacionários da Escola de Frankfurt em plena exibição: assumindo que os “negros” geralmente possuíam Cadillacs e viviam vidas similares aos dos membros da classe dominante, e que as massas trabalhadoras são cúmplices na “preservação do *establishment*”.

O erro fundamental decorre da suposição idealista de Marcuse de que a chamada ideologia da “racionalidade técnica” havia superado as contradições de classe material.

A que a “racionalidade técnica” realmente se refere é à ideologia do keynesianismo e à intervenção estatal, que era a doutrina econômica predominante no

Em seu último grande livro, *Dialética Negativa*, Adorno ataca explicitamente Hegel por sua crença no pensamento conceitual. Adorno afirma abertamente que “nenhum objeto é totalmente conhecido” (Adorno, *Negative Dialectics*, Taylor & Francis, 2004, pg 14-15). Segundo ele, é a “individualidade” e a “particularidade” que formam a base das coisas. Em outras palavras, tudo é diferente e nada é igual. E neste mundo infinitamente diverso não há traços e padrões recorrentes, nenhuma identidade que subjaz e unifique coisas diversas. E, é claro, se não houver padrões recorrentes no mundo, não se pode falar de generalizações ou pensamentos conceituais.

Este é um ataque direto contra o pensamento filosófico dialético e genuíno que nada mais é do que a tentativa de descobrir as leis e princípios gerais do mundo material. Assim, Adorno nos informa que “a filosofia tradicional acredita que conhece o desigual comparando-o a si mesma, enquanto ao fazê-lo conhece realmente apenas a si mesma” (*Ibid.*, p. 150). O que ele quer dizer é que nossas concepções gerais das coisas são puramente subjetivas, sem relação com o mundo material. Isso não passa de idealismo subjetivo grosseiro, que é a tendência filosófica que sustenta que as ideias são puramente subjetivas e o conhecimento objetivo é impossível.

A principal posição epistemológica de Adorno – a opinião de Adorno sobre como os humanos conhecem as coisas – era que “o todo é o falso”. O que ele quer dizer com “o todo” é o princípio dialético de que “o todo é mais do que a soma de suas partes”. Este princípio dialético vem do entendimento de que as partes de um determinado fenômeno não são indiferentes umas às outras, mas estão em relações definidas umas com as outras. Da soma dessas relações emergem as qualidades da coisa em questão. É por isso que o gelo e a água líquida são tão

diferentes, apesar de serem compostos exatamente das mesmas partes: as relações que essas partes mantêm são absolutamente decisivas para produzir as qualidades de liquidez e solidez. Mude as relações, mas não as partes, e você obterá qualidades radicalmente diferentes. Rejeitar a noção de que a verdade mais profunda de algo está na soma de suas relações (“o todo é o falso”) é rejeitar a generalização e, de fato, o conhecimento por completo, pois o conhecimento é sempre conhecimento de qualidades e relações.

Todos os principais pensadores desta Escola são explícitos em sua rejeição da posição central do materialismo filosófico do marxismo. No mesmo livro, Adorno conta-nos com presunção que “Engels viu isso, mas chegou à conclusão oposta, igualmente não dialética: que a matéria é o primeiro Ser” (*Ibid.*, p. 121). Horkheimer também “alegrou que o “verdadeiro materialismo” não significa que existe um mundo material independente. A matéria não é “ontologicamente primária”. (Citado em M. Jay, *The Dialectical Imagination*, University of California Press, 1973, pg 53 E Marcuse concordou: “[Não] faz sentido dizer se a matéria ou o espírito são anteriores. A natureza não tem história” (Citado em *ibid.*, p. 72-3).

Esses intelectuais desprezam a natureza assim como desprezam os trabalhadores. Se a matéria não é “o primeiro ser”, então presumivelmente suas próprias carreiras o são, e suas carreiras seriam ainda melhores se todos pudessem entender que nada pode realmente ser conhecido e, portanto, não deveríamos incomodá-los acerca da verdade de suas teorias. Afinal, em suas ideias, buscar a verdade seria submeter-se ao totalitarismo da “razão”. Em vez disso, devemos aceitar toda a sua tolice irracional, pois somente abraçando o absurdo podemos escapar da tirania.





Ocidente. Como todos os intelectuais pequeno-burgueses, Marcuse ficou impressionado com a tendência intelectual de sua época particular. Para Marcuse, a luta de classes é secundária ao poder da “racionalidade técnica” (ou seja, as políticas keynesianas), que ele supunha poderia simplesmente continuar entregando os bens, elevando os padrões de vida e evitando permanentemente crises de superprodução graças à sua suprema racionalidade.

A esse respeito, Marcuse e a Escola de Frankfurt encapsulam a noção difundida de que a disponibilidade de tecnologia de consumo avançada para a classe trabalhadora, como o Cadillac e as televisões, os entorpece a aceitar sua exploração sob o capitalismo. Se o capitalismo é capaz de tornar tais itens acessíveis o suficiente, então certamente ninguém vai querer derrubá-lo? A implicação é que qualquer trabalhador que tenha uma televisão – ou um iPhone – deve estar contente e tem um bom padrão de vida.

É elementar para qualquer marxista que, por mais forte que seja um *boom* econômico, de modo algum as contradições do capitalismo e da luta de classes são eliminadas. De fato, foi no auge da ascensão do pós-guerra, em 1968 e 1969, que as classes trabalhadoras francesas e italianas se ergueram em enormes movimentos revolucionários, que causaram ondas de choque em todo o mundo.

Enquanto isso, a ascensão econômica preparava uma enorme crise de superprodução. Aumentos perpétuos nos padrões de vida são impossíveis sob o capitalismo, porque o capitalismo não é racional e tem seus limites. Enquanto o capitalismo existir, a produção ocorrerá para os lucros da classe capitalista, e não para atender racionalmente às necessidades da sociedade como um todo. Mesmo quando os padrões de vida aumentam, no entanto, o mercado é limitado pelo fato de que a classe trabalhadora não pode comprar de volta o valor que cria.

Assim, o mercado acaba atingindo o limite de sua capacidade de absorver todas essas novas commodities. O capitalista contorna essa contradição reinvestindo a mais-valia extraída do trabalho não pago

Segundo a concepção materialista da história, o elemento determinante da história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real

da classe trabalhadora. No entanto, isso simplesmente cria maior capacidade produtiva e maiores quantidades de *commodities*. Eventualmente, uma crise de superprodução irrompe.

A ascensão do pós-guerra com a qual Marcuse ficou tão impressionado não foi diferente. Quando essa ascensão terminou, o que aconteceu com a “racionalidade técnica” de Marcuse? O que aconteceu com a “suave e confortável falta de liberdade” e os “interesses compartilhados” das classes anteriormente antagônicas? Tudo isso evaporou na crise de 1974-5 e no calor da ofensiva capitalista contra a classe trabalhadora.

É verdade que os trabalhadores ocidentais mantiveram seus aparelhos de televisão e carros, mas em muitos casos não seus empregos, pois o desemprego em massa voltou. Os chamados “interesses compartilhados” entre trabalhadores e capitalistas na manutenção da “racionalidade técnica” revelaram-se uma cruel ilusão, sustentada não tanto pelos capitalistas quanto pelos líderes reformistas da classe trabalhadora e uma camada de intelectuais, como Marcuse.

A recessão econômica mundial de 1974 não foi prevista por Marcuse, nem pelos keynesianos. Foram apenas os marxistas

que compreenderam a inevitabilidade de tal crise. Essa crise levou ao descrédito do keynesianismo e convenceu os capitalistas a se voltar para o monetarismo e recuperar as reformas que a classe trabalhadora havia conquistado anteriormente.

Isso, por sua vez, produziu uma década de intensificação da luta de classes entre as décadas de 1970 e 1980. Apesar de seus aparelhos de TV e aparelhos de vídeo, os trabalhadores lutaram militantemente contra a tentativa da classe dominante de fazê-los pagar pela crise capitalista. É claro que o aumento dos padrões de vida, bens de consumo e cultura burguesa podem afetar e, por um tempo, suavizar a consciência de classe. Mas isso só pode ser um fenômeno temporário. Quando o *boom* termina e começa uma época de crise, como aconteceu na década de 1970, a consciência de classe é mais uma vez fortalecida.

Como um aparte, o argumento foi usado por Hobsbawm e outros antes da greve dos mineiros de 1984-5 na Grã-Bretanha, de que os jovens mineiros nunca entrariam em greve porque tinham hipotecas, vídeos, carros etc. E, no entanto, chegada a hora, os mineiros ficaram 12 meses em greve em defesa de seus empregos e comunidades, provando que os Hobsbawms e Marcuses estavam errados.

Hoje, após décadas de austeridade, privatizações, desregulamentação, crescente desigualdade e crises financeiras, para não mencionar a iminente crise climática, a noção de que o capitalismo alcançou uma “não-liberdade suave e confortável” e um “consenso racional” entre as classes que produz um crescimento sem fim, está completamente desacreditada.

DESPREZO PELA CLASSE TRABALHADORA

É típico ouvir da “esquerda” acadêmica que o marxismo é “reducionista” econômico ou de classe. Com isso se quer dizer que Marx, unilateral e mecanicamente, reduziu todas as questões sociais e políticas a questões econômicas e ignorou o importante papel da cultura e da

ideologia na história. Claro, esta é uma falsa caricatura do marxismo, como Engels explicou muito claramente:

“Segundo a concepção materialista da história, o elemento determinante da história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu nunca afirmamos outra coisa além disto; por conseguinte, se alguém o tergiversa transformando-o na afirmação de que o elemento econômico é o único determinante, o transforma em uma frase sem sentido, abstrata e absurda. A situação econômica é a base, mas no curso do desenvolvimento histórico da luta, exercem influência também, e em muitos casos prevalecem na determinação de sua forma, diversos elementos da superestrutura: formas políticas da luta de classes e seus resultados, ou seja, as Constituições impostas pela classe triunfante depois de sua vitória etc., as formas jurídicas e, inclusive, o reflexo de todas essas batalhas reais no cérebro de quem participou nelas, as teorias políticas, jurídicas e filosóficas, as convicções religiosas e sua posterior evolução, até converter-se em um sistema de dogmas. Há uma interação de todos esses elementos dentro da interminável multidão de acidentes (isto é, de coisas e fatos cujo vínculo interno é tão distante ou tão impossível de demonstrar que os consideramos como inexistentes e que podemos desprezar), o movimento econômico termina por fazer-se valer como necessário. Se não fosse assim, a aplicação da teoria a qualquer período da história que se escolha seria mais fácil que a solução de uma simples equação de primeiro grau.” (Carta a J. Bloch, 1890)¹⁶

Mas nossos amigos na academia não gostam que os fatos atrapalhem uma boa história e, portanto, preferem ignorar isso e apresentar constantemente o marxismo como “reduccionismo econômico”. Com base nessa caricatura, a Escola de Frankfurt pode então ser apresentada como uma ruptura com a “ortodoxia” marxista, com seu reconhecimento da importância crescente da cultura, da ideologia e da propaganda, que aparentemente serve para atualizar o marxismo. A verdade é, de fato, o oposto disso: o idealismo da Escola de Frankfurt leva a um rígido “determinismo cultural”. Em vez de ter uma teoria abrangente da sociedade, eles se concentram exclusivamente na análise cultural, que nada mais é do que um ataque velado à classe trabalhadora.

Sua “análise cultural” equivale a queixas prolixas sobre quão terrível e entorpecedora é a cultura de massa que eles supõem que todos os trabalhadores aceitam. Adorno e Horkheimer queixam-se de que “a impotência e a flexibilidade das massas crescem com o aumento quantitativo das mercadorias que se lhes permite” (Adorno e Horkheimer, *Dialética do Iluminismo*, 1997, pp. xiv-xv)¹⁷; que “as massas enganadas são hoje cativadas pelo mito do sucesso ainda

mais do que os bem-sucedidos. Inabalavelmente, eles insistem na própria ideologia que os escraviza”¹⁸.

Quando a *Dialética do Iluminismo* foi republicada em 1969, Adorno e Horkheimer escreveram um novo prefácio no qual afirmam que o principal prognóstico do livro – ou seja, a ideia de que o desenvolvimento da consciência de classe e as convulsões revolucionárias estão descartados – “foi confirmado de forma esmagadora”! Parecia ter escapado a eles, mas em maio de 1968 (apenas um ano antes da publicação do acima), mais de 10 milhões de trabalhadores franceses entraram em greve, tomaram as fábricas e poderiam ter derrubado o capitalismo se não fosse pela traição dos líderes stalinistas do Partido Comunista Francês. 1968 e os anos seguintes viram uma onda de movimentos radicais e revolucionários em todo o mundo, e, no entanto, precisamente neste momento, esses senhores sustentaram que havia sido “confirmado de forma esmagadora” que a classe trabalhadora havia sido incuravelmente corrompida pelos meios de comunicação de massa e pelos padrões de vida mais elevados.

Mais revelador ainda é o trabalho inicial de Horkheimer sobre a consciência da classe trabalhadora. Em 1927, Horkheimer escreveu um artigo intitulado *A impotência da classe trabalhadora alemã*. Nele, ele argumentou que os trabalhadores alemães não podem fazer uma revolução porque sua consciência está dividida entre os trabalhadores em melhor situação (e mais conservadores) e os trabalhadores empobrecidos, revolucionários, mas de ultraesquerda. Mais tarde, em 1929, ele e Erich Fromm lançaram um projeto para pesquisar o suposto desejo da classe trabalhadora alemã de ser dominada por líderes autoritários. Este “projeto” tomou a forma de um questionário. Eles estavam tentando submeter a classe trabalhadora alemã a um teste de personalidade para ver se eles estavam à altura. A conclusão deste estudo foi, sem surpresa, que os trabalhadores alemães eram insuficientemente independentes para se emanciparem.

O que chama a atenção é o fato de que ambos, artigo e projeto de pesquisa, foram escritos menos de uma década após a Revolução Alemã de 1918-23, na qual milhões de trabalhadores lutaram como tigres para derrubar o capitalismo – e esses “marxistas” pareciam estar completamente alheios a tal fato! A classe trabalhadora e os soldados criaram seus próprios órgãos de democracia direta, os conselhos operários, que foram criados em todo o país aos milhares.

De fato, os trabalhadores alemães fizeram espontaneamente tudo o que era necessário para derrubar o capitalismo. O poder estava em suas mãos graças à sua própria iniciativa, organização e

consciência revolucionária. A única razão pela qual a derrubada do capitalismo não foi realizada foi por causa da traição consciente dos líderes social-democratas, e não do chamado “conservadorismo” e do “baixo nível de consciência” da classe trabalhadora. Esta, e não o suposto “conformismo” da classe trabalhadora, é a única razão pela qual o capitalismo continuou a existir na Alemanha quando surgiu a Escola de Frankfurt.

Os eventos titânicos da Revolução Alemã de 1918, a greve geral revolucionária contra o Putsch de Kapp e a situação revolucionária de 1923 foram certamente todas as evidências empíricas que os supostos “marxistas” precisariam de que os trabalhadores alemães tinham a capacidade de consciência revolucionária. Mas, em vez disso, Horkheimer e Fromm ignoraram esses eventos, enfiaram um termômetro na língua da classe trabalhadora e a declararam fatalmente doente.

Em sua pesquisa de 1929 sobre a mentalidade dos trabalhadores alemães, Horkheimer e Fromm concluem que os trabalhadores são incapazes de pensamento independente e, em vez disso, desejam ser dominados por um líder autoritário. Esta foi a época da ascensão de Hitler, um evento possível graças ao sectarismo da liderança do Partido Comunista e sua teoria do “social-fascismo” (ver o livro de Rob Sewell, *Germany 1918-1933: Socialism or Barbarism*)¹⁹. Não é de surpreender que nesse momento, após a derrota histórica da Revolução Alemã, a classe trabalhadora alemã estivesse dividida e confusa. Mas quais seriam os resultados da “pesquisa” se ela tivesse sido realizada em 1918, 1920 ou 1923, no auge da onda revolucionária?

Horkheimer e Fromm não levam em conta esses eventos e suas consequências. Na verdade, esses chamados “marxistas” nunca mencionam a Revolução Alemã! Esta grave omissão não pode ser atribuída a um descuido honesto. Suas opiniões eram um reflexo de seu desprezo pequeno-burguês pelas massas trabalhadoras. Eles já haviam decidido que os trabalhadores alemães eram retrógrados e reacionários.

Na realidade, não há evidências de que esses “marxistas” tenham acreditado na causa do socialismo e da luta de classes. Esses primeiros artigos e pesquisas não passavam de uma tentativa de reunir quaisquer “fatos” que pudessem justificar sua posição.

Isso não apenas desmente seu “marxismo”, mas também revela a filosofia mecânica e estática que eles realmente adotavam, apesar de seu amor declarado pela “dialética”. Para eles, para compreender a classe trabalhadora, não era necessário estudar sua história, muito menos participar dela. Em vez disso, simplesmente apresentavam um questionário ou criticavam seu gosto cultural. Nenhum dos teóricos da Escola de

Frankfurt deu a menor atenção aos eventos reais e à atividade da classe trabalhadora, mesmo quando estes se desenrolavam diante de seus próprios olhos.

Isso é típico da “esquerda acadêmica” como um todo, que sempre culpa a classe trabalhadora por sua consciência ser muito baixa e atrasada. Eles encobrem eventos reais e tempestuosos na luta de classes com essa “explicação” cultural geral para as derrotas da classe trabalhadora. Desta forma, eles justificam as traições passadas dos líderes stalinistas e social-democratas. Esta é a verdadeira função da Escola de Frankfurt.

Aos seus olhos, a vitória do fascismo era um resultado inevitável porque “simplesmente leva as pessoas pelo que são: crianças genuínas da cultura de massa padronizada de hoje que foram roubadas em grande parte de sua autonomia e espontaneidade” (Adorno, *A Indústria Cultural*, 2001, p. 150)²⁰. A falência do stalinismo, vinculado à sua teoria do social-fascismo, e o papel da social-democracia não têm, para eles, nenhuma consequência. De tal “Escola”, não se pode aprender nada.

Não são os marxistas que são os reducionistas rígidos. É muito mais rígido ignorar ou encobrir eventos reais e, em vez disso, buscar explicações na “cultura” e na ideologia abstratas, como se a consciência

dos trabalhadores permanecesse a mesma entre revolução e derrota.

Para os marxistas acadêmicos, não há necessidade de entender os eventos complexos de 1918-33 que levaram à ascensão do nazismo: basta declarar que a classe trabalhadora é estúpida. Isso é para eles motivo suficiente para explicar os horrores do fascismo.

Escusado será dizer que as teorias da Escola de Frankfurt não deram origem a nenhuma atividade política prática: a classe trabalhadora teria que elevar sua consciência ao nível de nossos intelectuais da Escola de Frankfurt e seu “inconformismo” antes que estes estivessem preparados para levantar um dedo para ajudá-los. Marcuse é bastante explícito sobre essa conclusão em seu panfleto de 1969, *Um ensaio sobre a libertação*, “a ruptura com o *continuum* conservador autopropulsor de necessidades deve preceder a revolução que deve inaugurar uma sociedade livre” (Marcuse, *Um ensaio sobre a libertação*, 1972, p. 27)²¹. Em completa contradição com o materialismo do marxismo, as revoluções do pensamento da Escola de Frankfurt só podem ser realizadas quando os trabalhadores, de alguma forma, já elevaram seu nível espiritual ao socialismo.

Para o marxismo, o dever maior é ajudar a elevar a consciência da classe trabalhadora para as tarefas colocadas pela

história, participando com ela dos eventos. É elementar que antes dessas experiências, os trabalhadores não terão a chance de elevar sua consciência ao nível do socialismo – pois somente os próprios eventos ajudam a produzir tal consciência. Mas é impossível ajudar os trabalhadores a fazê-lo com um desprezo altivo por eles – uma atitude que a Escola de Frankfurt como um todo subscreveu muito claramente.

UMA IDEOLOGIA PEQUENO-BURGUESA

Em sua formação de classe, suas personalidades e, mais importante, na própria razão da existência da Escola, a “teoria crítica” é a essência destilada da pequena burguesia. A Escola foi fundada com o objetivo explícito de libertar seus proponentes intelectuais da influência de ambas as classes rivais da sociedade capitalista: a burguesia e o proletariado. Manter uma pristina independência da sociedade era considerado por seus membros como a pré-condição para o desenvolvimento de tal teoria.

Isso encapsula a mentalidade do intelectual “radical” pequeno-burguês, que não deseja ser perturbado pelo povo comum na busca de sua carreira acadêmica. Ao longo de suas obras, há uma obsessão consistente com a perda da autonomia individual nas mãos da maioria conformista (ou seja, a classe trabalhadora). Eles



estavam desesperados para manter sua ativa independência pequeno-burguesa do movimento trabalhista. Stuart Jeffries escreveu uma boa biografia da Escola, apropriadamente intitulada *Grand Hotel Abyss*, que expõe completamente sua visão pequeno-burguesa. Ele explica que eles “nunca sentiram que a interação pessoal de trabalhadores e intelectuais seria benéfica para ambos” (Stuart Jeffries, *Grand Hotel Abyss*, 2016, p. 292)²².

Para pessoas como Adorno e Horkheimer, qualquer tipo de envolvimento político era visto como terrivelmente embaraçoso. O contato com a classe trabalhadora era considerado exclusivamente como uma influência corruptora a ser evitada a todo custo. Adorno reclamou que “é difícil até assinar apelos com os quais se simpatize, porque em seu inevitável desejo de ter um impacto político, eles sempre contêm um elemento de inverdade”. Ele prosseguiu afirmando que não se comprometer com tais declarações políticas é uma questão moral, “porque significa insistir na autonomia do próprio ponto de vista” (Citado em Muller-Doohm, Adorno: *A Biography*, p. 414)²³. Horkheimer se solidarizou corajosamente com a recusa destemida de Adorno em colocar ideias em prática: “O ativismo então, especialmente o ativismo político, é o único meio de realização? Eu hesito em dizer isso. ... A filosofia não deve ser transformada em propaganda, mesmo para o melhor propósito possível.” (Horkheimer, *O Eclipse da Razão*, 1947)²⁴.

Havia, no entanto, uma mosca na sopa e nossos bravos defensores da liberdade intelectual. Como um grupo de intelectuais mantém total independência da classe trabalhadora suja e conformista? Mesmo eles devem ser pagos, e esse dinheiro deve vir de algum lugar. Então, de onde veio o financiamento da Escola de Frankfurt?

Como tendência acadêmica, a Escola de Frankfurt estava vinculada a uma universidade, que, por sua vez, estava vinculada ao Estado burguês. O *Institut für Sozialforschung*, embora vinculado à Universidade de Frankfurt, era autônomo e esteve sob a direção de Horkheimer durante a maior parte de seu apogeu, graças ao dinheiro de um milionário simpático, Felix Weil.

Em 1935, quando a Escola se exilou nos EUA, fez questão de restabelecer a sua relação autônoma com uma universidade de prestígio, neste caso a Columbia. Martin Jay, autor da biografia mais respeitada da Escola de Frankfurt, escreve que “é bastante claro que o *Institut* se sentia inseguro na América e desejava fazer o mínimo possível para comprometer sua posição”. Ele fez isso, entre outras coisas, editando os artigos de Walter Benjamin “em uma direção menos radical”, trocando “‘Comunismo’ pelas ‘forças construtivas da humanidade’” e “‘guerra imperialista’ foi mudada para ‘guerra moderna’” (Martin Jay, *A Imaginação*

Dialética, 1974, p. 205)²⁵. Durante a guerra, Horkheimer insistiu que as palavras “revolução” e “Marx” fossem removidas de todos os jornais que publicavam para não assustar seus patrocinadores (Stuart Jeffries, *Grand Hotel Abyss*, 2016, p. 72)²⁶.

No período pós-guerra, a Escola assumiu uma nova geração de acadêmicos. Sem dúvida, muitos foram atraídos por sua reputação como “marxista” ou, pelo menos, radical. Uma dessas figuras foi Jürgen Habermas, que em sua juventude tentou submeter trabalhos com uma posição explicitamente revolucionária para publicação pela Escola. Horkheimer recusou-se a publicá-los e ficou claramente irritado com a ingenuidade de Habermas em pensar que isso era o tipo de coisa que eles fariam: “Simplesmente não é possível ter admissões desse tipo no relatório de pesquisa de um Instituto que existe nos fundos públicos desta sociedade algemada”. A razão específica pela qual eles não foram publicados é ainda mais reveladora: na época, a Escola tinha um contrato de pesquisa com o Ministério da Defesa alemão (!) e não queria assustá-los!²⁷

Trabalhar para as instituições militares do Estado burguês deve ter sido muito lucrativo, porque parece ter sido um tema recorrente para a Escola de Frankfurt. Um dos primeiros intelectuais da Escola, Henryck Grossman, na verdade participou das negociações de Brest-Litovsk que puseram fim ao envolvimento da Rússia revolucionária na Primeira Guerra Mundial. No entanto, ele não fazia parte da equipe de Trotsky ajudando o primeiro Estado operário do mundo em sua luta contra o imperialismo. Em vez disso, ele preparou *briefings* para o secretário de Relações Exteriores austro-húngaro, Conde Czernin, em sua luta para destruir a Revolução Russa. Pode-se pensar que ele teria aproveitado a oportunidade para expiar esses pecados quando a revolução estourou na Áustria um ano depois, mas “não há evidências de que ele tenha participado” desses eventos.²⁸

Marcuse também aceitou emprego nas Forças Armadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele conseguiu alavancar sua reputação como crítico cultural para conseguir um emprego como analista de inteligência no precursor da CIA, o Escritório de Serviços Estratégicos. Embora ele alegasse que isso era para ajudar a derrotar os nazistas, ele continuou no cargo no Departamento de Estado dos EUA após o fim da guerra, até 1951. Não é de admirar que Stuart Jeffries escreva em sua biografia da Escola que “a Escola de Frankfurt não era tão tanto um instituto marxista quanto uma hipocrisia organizada, uma ovelha conservadora em pele de lobo radical”.²⁹

A Escola de Frankfurt pensou que poderia se afastar da influência das várias classes da sociedade capitalista e submetê-las



Herbert Marcuse

a uma crítica implacável. Mas suas ações e ideias são um testemunho da impossibilidade dessa fantasia pequeno-burguesa. Eles não podiam operar no vácuo. A pequena burguesia está presa entre a classe trabalhadora e a burguesia, e deve decidir qual lado apoiar. Na prática, a Escola de Frankfurt era parte integrante da sociedade burguesa, apesar de suas barulhentas reclamações sobre ela. Isso rapidamente encontrou sua expressão em suas ideias, que não passam de uma tentativa de desacreditar e confundir a classe trabalhadora.

É precisamente porque a classe trabalhadora é a única classe interessada em levar a humanidade adiante que ela precisa de ideias objetivamente corretas. Ilusões e falsidades são inúteis na luta para derrubar o capitalismo, e é exatamente por isso que a classe capitalista não poupa gastos para espalhar suas mentiras e confusão.

Um bom exemplo da disseminação dessa confusão é o típico curso de sociologia que ensina aos jovens estudantes que a Escola de Frankfurt é uma variante legítima do marxismo. Infelizmente, há sempre uma camada de estudantes pequeno-burgueses levados por esse absurdo e que desenvolvem como resultado um desdém sarcástico pelo marxismo revolucionário genuíno. Tal como acontece com a Escola de Frankfurt, eles embarcam em uma

carreira acadêmica, onde seu “radicalismo” permanece meramente verbal. Suas vidas são passadas nas torres de marfim da academia, produzindo conversas moles antimarxistas.

VOLTAR AO MARXISMO GENUÍNO

Como Engels gostava de dizer, a prova do pudim está em comê-lo. As teorias do marxismo mudaram o curso da história. As ideias contidas no *Manifesto Comunista* permanecem surpreendentemente precisas até hoje, ao contrário das teorias liberais de seus contemporâneos. Elas explicaram a base real da luta de classes e as crises periódicas do capitalismo e anteciparam o desenvolvimento futuro do sistema capitalista: a ascensão do capital monopolista, o imperialismo e a globalização. Quem quiser entender a crise atual, a crescente desigualdade entre as classes, a atual polarização política e até a destruição do meio ambiente, deve estudar as ideias de Marx e Engels. Esta é uma filosofia verdadeiramente dialética e revolucionária: aquela que explica as principais contradições da sociedade. Marx e Engels não apenas repetiram as tendências de sua época, mas compreenderam como a sociedade seria transformada no futuro.

Que tipo de influência a “teoria crítica” desfrutou? Como foi colocado em uso e com que precisão explicou o desenvolvimento subsequente do capitalismo? A “teoria crítica” certamente começou fazendo afirmações extravagantes. Declarou corajosamente que levaria a filosofia dialética para além dos dogmas “ultrapassados” do marxismo, que deveriam ser submetidos à sua severa “crítica”. Insatisfeitos com as aparências, Adorno, Horkheimer e Marcuse revelariam a natureza transitória e incompleta de tudo. Em vez de se contentarem com as leis econômicas, às quais o marxismo teria reduzido o desenvolvimento humano, abririam novas perspectivas teóricas, finalmente trazendo à luz os supostos pontos cegos do marxismo, como a psicologia e a cultura de massa. Uma “teoria crítica” completa da sociedade era a promessa.

Qual foi o resultado? Em vez de uma teoria completa, eles demonstraram uma completa ignorância das leis econômicas básicas do capitalismo e dos principais eventos da luta de classes em suas próprias épocas. Em vez de “reducionismo econômico”, um erro do qual Marx e Engels nunca foram culpados, temos o reducionismo cultural, no qual seus pesadelos pessoais na cultura dominante dominam sua “teoria” com exclusão de tudo o mais. Centenas de anos de história são grosseiramente reduzidos aos pecados do Iluminismo no idealismo mais vulgar imaginável.

Para uma Escola que se autodenomina de “teoria crítica”, sua ideia principal – que a classe trabalhadora não pode se libertar da sociedade de classes – é, sob uma inspeção mais próxima, altamente acrítica das tendências do dia. Sua elevação idealista da “Razão” a um poder supra-histórico que supera a luta de classes, simplesmente repete acriticamente o preconceito padrão da classe média da época, que era de que o keynesianismo havia resolvido as contradições do capitalismo. Eles ignoravam as contradições econômicas que se acumulavam na sociedade. Ironicamente, esses autodenominados “dialéticos” não podiam ver além da variedade keynesiana do capitalismo, muito menos além do capitalismo como um todo. A “crítica” na “teoria crítica” não é do tipo dialética, mas do coloquial: eles são críticos apenas porque simplesmente reclamam de todos os aspectos da sociedade e da cultura modernas. Mais do que qualquer outra coisa, eles reclamam que a classe trabalhadora é muito conservadora e conformista para seus gostos. A “teoria crítica” é totalmente superficial porque, como uma forma de idealismo, restringe-se a uma análise cultural sem compreensão da base econômica e política dessa cultura, nem de sua transitoriedade. Carecendo de uma compreensão histórica séria, ela produz apenas o que pode ser descrito como uma frase vazia.

A noção de que a revolução está, na época atual, descartada graças aos mais recentes dispositivos de mídia é rotineiramente



apresentada a cada década como se fosse uma nova descoberta. Em uma geração, é a televisão; na próxima, é a mídia social. Todas as vezes nos dizem que isso significa que a luta de classes não se aplica mais, que o marxismo está ultrapassado. E a cada vez, a luta de classes volta a aparecer. Hoje, a classe trabalhadora é mais numerosa e poderosa do que nunca. Uma nova geração está se radicalizando e buscando ideias revolucionárias. O capitalismo é desprezado em todos os lugares. O chamado “campo do centro” está em colapso e a burguesia está perdendo o controle de seus próprios partidos tradicionais. Procuraríamos em vão explicações ou soluções para isso na Escola de Frankfurt, que nos forneceria apenas um desprezo cínico pela classe trabalhadora e pela juventude de hoje.

Mais uma vez, fica claro que somente o marxismo fornece as ferramentas para entender esses processos e as armas com as quais podemos acabar de uma vez por todas com a miséria da sociedade capitalista. A classe trabalhadora tem mostrado repetidamente que é a única classe revolucionária na sociedade moderna. Só ela pode tirar a sociedade da profunda crise em que o capitalismo mergulhou hoje. Mas não pode se dar ao luxo do cinismo pequeno-burguês. Precisa de líderes ousados, preparados para fazer sérios sacrifícios em sua luta pela emancipação. Precisa de líderes que aprenderam as verdadeiras lições das revoluções fracassadas, para que possamos ser vitoriosos da próxima vez. Precisa de um marxismo genuíno.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ K Marx, “The German Ideology”, *Marx & Engels Collected Works* vol. 5, Progress Publishers, 1968, pg 36

² K Marx, *Preface to A Contribution to the Critique of Political Economy*, International Library Publishing, 1904, pg 11

³ T Adorno, *Dialectic of Enlightenment*, Verso Books, 1997, p. xiii

⁴ *ibid.*, p. 6

⁵ *ibid.*, p. 7

⁶ *ibid.*, p. 24

⁷ *ibid.*, p. 4

⁸ F Engels, “Socialism: Utopian and Scientific”, *The Classics of Marxism* vol 1, WellRed Books, 2013, pg 39.

⁹ T Adorno, *Minima Moralia*, 2004, p. 320

¹⁰ See T Grant, *Will There be a Slump?*, 1960

¹¹ H Marcuse, *One Dimensional Man*, Routledge and Kegan Paul, 2002, pg 128.

¹² *ibid.*, pp 3-4

¹³ Marcuse deixa bem claro, apesar de sua linguagem pretensiosa, que ele acha que a mentalidade “racional” tem uma espécie de poder mágico para moldar a sociedade e assim usurpar a luta de classes: “A racionalidade científica cria uma organização social específica precisamente porque projeta mera forma [?!]... que pode ser curvada praticamente em todos os extremos”, *ibid.*, p. 160.

¹⁴ *ibid.*, p. 26

¹⁵ *ibid.*, p. 10. Mais uma vez, apesar de sua linguagem pretensiosa, fica claro que Marcuse pensa que o poder do pensamento racional usurpou a luta de classes: “o desenvolvimento capitalista [novo, racionalista técnico] alterou a estrutura e a função dessas duas classes [burguesas e proletárias] de tal forma que não parecem mais ser agentes de transformação histórica. Um interesse primordial na preservação e melhoria do status quo institucional une os antigos antagonistas nas áreas mais avançadas da sociedade contemporânea.” *ibid.*, pág. xliii

¹⁶ F Engels, “Engels to J. Bloch”, *Marx Engels Collected works* vol 49, Lawrence and Wishart, 2001, pg 33.

¹⁷ M Horkheimer & T Adorno, *Dialectic of Enlightenment*, Verso Books, 1997, pg xiv-xv.

¹⁸ *ibid.*, pg 133-4.

¹⁹ See R Sewell, *Germany 1918-1933: Socialism or Barbarism*, Wellred Books, 2018.

²⁰ T Adorno, *The Culture Industry*, Routledge, 2001, pg 150.

²¹ H Marcuse, “An Essay on Liberation”, *Zeitschrift für Philosophische Forschung* 26 (1), 1972, pg 27.

²² S Jeffries, *Grand Hotel Abyss*, Verso Books, 2016, pg 292.

²³ S Müller-Doohm, *Adorno: A Biography*, Polity Press, 2008, pg 414.

²⁴ M Horkheimer, *The Eclipse of Reason*, Oxford University Press, 1947, pg 124.

²⁵ M Jay, *The Dialectical Imagination*, University of California Trés, 1973, pg 205.

²⁶ S Jeffries, *Grand Hotel Abyss*, Verso Books, 2016, pg 72.

²⁷ *ibid.*,

²⁸ *ibid.*, pg 54.

²⁹ *ibid.*, pg 78.

REVOLUCIONÁRIO E AFIRMATIVO DA VIDA: CEM ANOS DO ULYSSES DE JAMES JOYCE

JOHN MCINALLY

Neste artigo, John McInally analisa o romance revolucionário de James Joyce, *Ulysses*, desafia a visão de que é apolítico e explica por que, cem anos após sua publicação, deveria estar na sua lista de leitura.

A Redação



“Para aprender é preciso ser humilde. Mas a vida é a grande professora.”

O *Ulysses* de James Joyce, iniciado em 1914 e publicado em fevereiro de 1922, narra um dia em Dublin, 16 de junho de 1904, e acompanha as atividades e pensamentos de seus três personagens principais, Leopold Bloom, um publicitário judeu, Stephen Dedalus, baseado no próprio e jovem Joyce, no capítulo final da esposa

de Bloom, Molly. O título vem do clássico mítico de Homero *A Odisseia*, pedra fundamental da literatura ocidental, que descreve as andanças de Odysseus (*Ulysses*), guerreiro relutante do conflito de Tróia que, como os personagens do meio pequeno-burguês descritos no romance, viveu de seu talento.

Tanto os reacionários de direita quanto os stalinistas condenaram e ridicularizaram o *Ulysses* de Joyce. Os primeiros viam nele uma ameaça, não apenas à

autoridade literária e artística conservadora, mas também a seus interesses políticos e sociais. Enquanto isso, em um discurso de 1934 sobre “Literatura Contemporânea Mundial e as Tarefas da Cultura Proletária”, Karl Radek¹, em um comentário muito citado, afirmou que não havia “nada a ser aprendido” da “trivialidade” de forma e conteúdo de *Ulysses* e que a “...característica básica é a convicção de que não há nada grande na vida, não há grandes acontecimentos, não há grandes

peças, não há grandes ideias...”; e era “Um monte de esterco, cheio de vermes, fotografado por um aparelho de cinema através de um microscópio”. Radek demonstrou um completo mal-entendido de tudo o que *Ulysses* representa e como ele significou uma revolução na forma e estrutura literária, na profundidade de conteúdo, especialmente em sua representação da complexidade da vida dos seres humanos comuns, seus processos de pensamento e inter-relações.

Apesar da falsa visão de que a obra de Joyce, incluindo *Ulysses*, ser “apolítica” não resistir ao escrutínio sério, ela ainda persiste; e não menos entre os socialistas.

Então, qual era a formação de Joyce, sua política e seus temas e objetivos artísticos? Ele nasceu em uma família abastada da nova classe média católica e nacionalista que caiu na pobreza abjeta durante sua juventude, o que causou um trauma pessoal que deixou um profundo impacto sobre ele. A traição ao líder nacionalista irlandês Charles Stewart Parnell¹ pela Igreja e outros nacionalistas também lhe deixou uma profunda impressão. Joyce veio da pequena burguesia e esse meio foi o tema de seus contos e romances: desde *Dublinenses*, *Retrato do Artista Quando Jovem*, *Ulysses*, até sua obra-prima final,

Finnegans Wake, ele produziu um conjunto interconectado de trabalho por onde o ponto de vista político desse autodeclarado “escritor socialista” corria em um fio consistente.

Dublinenses, sua coleção de contos naturalistas, reflete as lutas de seres humanos reconhecíveis em uma sociedade em estado de paralisia moral, social e política em que a pobreza, a exploração e os antagonismos de classe de uma cidade em declínio econômico são descritos de forma realista. A exploração e a opressão específicas das mulheres na sociedade irlandesa são representadas de forma nítida e sensível. E, em *Os mortos*, justificadamente considerado como o maior conto da língua inglesa, expressa-se, entre muitos temas interligados, o antagonismo entre indivíduos que representam diferentes tendências políticas pequeno-burguesas – aqueles que apoiam o novo renascimento nacionalista e aqueles que chegaram a uma acomodação com o colonialismo britânico.

Em *Um caso doloroso*, Joyce, que admirava a militância do Novo Sindicalismo, pinta um retrato muito espiritualizado, afiado e crítico de um diletante de classe média na política socialista: “Ele lhe disse que tinha assistido por

algum tempo as reuniões de um Partido Socialista Irlandês onde se sentira uma figura única em meio a vinte operários sóbrios em um sótão iluminado por um fumacento lampião a óleo. Quando o partido se dividiu em três seções, cada uma sob seus próprios líderes e em seu próprio sótão, ele deixou de comparecer. A discussão dos trabalhadores, disse ele, era muito tímida, o interesse que eles tinham pela questão dos salários era turbulento. Sentia que eram realistas de feições duras e que se ressentiam de uma exatidão que era o produto de um lazer que não estava ao seu alcance. Nenhuma revolução social, ele disse a ela, provavelmente açoitaria Dublin por alguns séculos”.

Joyce não tinha uma teoria do socialismo consistente e elaborada; sua perspectiva política se definia mais pelo que se opunha do que pelo que defendia. Ele nunca abandonou o individualismo de sua formação de classe e seu temperamento artístico, e foi mais influenciado pelas ideias anarquistas de Bakunin, que ele havia lido, do que pelas ideias de Marx. Ele se opôs intransigentemente ao colonialismo, ao imperialismo, ao militarismo – ele foi um pacifista ao longo da vida e um internacionalista instintivo inspirado



pelas lutas da classe trabalhadora europeia, como a greve geral de Trieste de 1903, onde viveu em exílio autoimposto e passou muito tempo conversando com os trabalhadores.

Joyce entendeu que a recusa estratégica da Grã-Bretanha em permitir o desenvolvimento da industrialização, exceto no “leal” Norte, foi um fator chave na subjugação colonial da Irlanda, encerrando o país no atraso agrário. Na mesma época em que Trotsky estava desenvolvendo a teoria da revolução permanente, Joyce acreditava que era o jovem proletariado da Irlanda, e não a classe média de onde ele veio, que tinha mais a ganhar com a quebra do vínculo colonial.

Joyce admirava o talento artístico de W.B. Yeats, mas desprezou seu papel no renascimento literário irlandês ao popularizar sua mitologia *ersatz*. Ele exigia que os artistas lidassem com o mundo das pessoas reais e comuns, em vez de contaminar as mentes com fantasias destrutivas e isso, um tema central no próprio *Ulysses*, se opunha a todo o conceito do “herói” que sustentava geração após geração de massacres.

Ele se opôs ao nacionalismo estreito e ao excepcionalismo racista da ideologia de Padraig Pearse², que ele considerava a imagem espelhada do imperialismo britânico e ficou revoltado com sua mitologização do “sacrifício de sangue”. Em uma cena em *Ulysses*, igualmente cômica e mortalmente séria, Bloom, diante do abuso antisemita e pessoal, desafia a adoção da força física por parte do “Cidadão” intolerante e nacionalista dizendo:

“Esta não é vida para homens e mulheres, insultos e ódio. E todo mundo sabe que é exatamente o oposto do que é a vida real.” Enquanto metaforicamente cega o Cidadão (correspondente ao Ciclope caolho em Homero) com razão e ‘amor’, ele é obrigado a fugir, embora gritando desafios diante de seu inimigo cada vez mais beligerante: ‘Mendelssohn era um judeu e Karl Marx e Mercadante e Spinoza. E o salvador era um judeu e seu pai era um judeu.’”

No primeiro capítulo de *Ulysses*, o “britânico” Haines sugere que Stephen é seu “próprio mestre”, mas retruca: “Sou servo de dois senhores, disse Stephen, um inglês e um italiano... o Estado imperial britânico... e a santa Igreja Católica e Apostólica Romana”. Para Joyce, o colonialismo britânico e a Igreja Católica eram igualmente tirânicos, esta última representava o colonialismo das mentes e almas do povo. A suspeita de Joyce em relação ao nacionalismo irlandês baseava-se em grande parte em seu medo de que, se o rompimento do

Para Joyce, o colonialismo britânico e a Igreja Católica eram igualmente tirânicos

vínculo com a Grã-Bretanha não fosse feito com base na classe, então os nacionalistas de classe média que traíram Parnell criariam uma Irlanda “dominada pelo padre”. O desprezo que o *establishment* irlandês demonstrou em relação a Joyce não foi apenas porque ele escreveu livros “imorais”, mas por sua oposição à natureza reacionária, política e religiosa do Estado irlandês.

Joyce escreveu sobre as classes médias, era o que ele conhecia, mas não via nenhum papel político independente para aquela classe. *Ulysses* foi publicado pouco antes da fundação do Estado Livre Irlandês; os líderes nacionalistas, como Michael Collins, exigiram que o “Trabalho Deve Esperar” e deixaram de lado suas demandas até que os britânicos fossem expulsos. Os “líderes” da classe trabalhadora que concordaram com essa traição estabeleceram as condições para a derrota da Revolução Irlandesa com terríveis consequências: partição, divisão sectária, contínua subjugação econômica e política pela Grã-Bretanha e, como temia Joyce, uma sociedade dominada por um Igreja repressiva e socialmente conservadora.

Ulysses foi banido nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e em outros lugares, e embora nunca tenha sido “oficialmente” proibido na Irlanda, era apreendido na alfândega, inalcançável em livrarias, e a imprensa irlandesa submeteu Joyce, e até sua família, aos



ataques mais cruéis e personalizados. Apesar das proibições, queimas e confiscos, teve apoiadores entusiasmados, preparados para arriscar multas e longas penas de prisão para contrabandear o “livro mais infamemente obscuro da literatura antiga ou moderna” para aqueles que desejavam lê-lo. Em um tribunal de Nova York, em 1933, o juiz John M. Woolsey, depois de ler o livro, proferiu um julgamento histórico em resposta a um desafio para bani-lo. Ele disse que em nenhum lugar encontrou o “olhar do sensualista”, mas um “comentário um tanto trágico, mas muito poderoso sobre a vida interior de homens e mulheres” e concluiu; “... enquanto em muitos lugares o efeito sobre o leitor é indubitavelmente um tanto emético, em nenhum momento ele tende a ser afrodisíaco.”

Como a maioria dos artistas sérios do período, Joyce procurava desenvolver novas formas artísticas para expressar e aceitar as rápidas e profundas mudanças na sociedade capitalista moderna: tecnológicas, científicas, econômicas, políticas, incluindo teorias emergentes em psicologia, de particular interesse para escritores e outros artistas. Joyce não estava, felizmente, escrevendo manifestos políticos. Ele estava na vanguarda dessas mudanças revolucionárias e avanços qualitativos na literatura: ele procurou expandir o conteúdo do romance para apresentar uma representação mais profunda e realista das contradições dialéticas e da unidade das relações humanas dentro das condições sociais e políticas mais amplas e determinantes do tempo.

Se a literatura é um caminho para a compaixão por meio da empatia, então a descrição e a autoidentificação de Stephen com o infeliz estudante cujo trabalho ele está corrigindo demonstram a integridade artística e o discernimento irrestritos de Joyce. Em outras mãos, essa passagem poderia facilmente parecer fria e distante, ou poderia ter recaído em uma “emoção imerecida”, como Joyce descreveu o sentimentalismo:

“Feio e fútil: pescoço magro e cabelos emaranhados e uma mancha de tinta, um leito de caracol. No entanto, alguém o amou e o carregou em seus braços e em seu coração. Mas por ele a corrida do mundo o teria pisoteado, um caracol desossado esmagado. Ela tinha amado seu sangue fraco e aguado drenado do seu próprio... Como ele fui eu, aqueles ombros inclinados, essa falta de graça. Minha infância se curva ao meu lado.”

Ulysses não é politicamente ou filosoficamente neutro. Joyce era um materialista. Em um dos capítulos mais “díficeis” que começa assim: “Modalidade

inelutável do visível: pelo menos isso se não mais, pensado através de meus olhos”, que é o ponto onde muitos leitores jogam a toalha, o pretensioso jovem Stephen está refletindo sobre o sentido da percepção, mas suas reflexões idealistas são consistentemente trazidas de volta ao mundo material real através da consciência de suas próprias funções corporais.

No capítulo final do romance, composto por oito longas e ininterruptas frases que somam cerca de 22.000 palavras, a última palavra é dada a Molly Bloom, em seu muito discutido e analisado “solilóquio”. Qualquer coisa a mais que possa ser revelada sobre Molly nesta evocação notável, esta é uma mulher que conhece sua própria mente e é mais do que capaz de se manter em um mundo dominado por homens. E, qualquer coisa a mais possa ser lido, sua declaração final “... eu disse sim, eu vou”, é, acima de tudo, uma afirmação clara e poderosa da vida; como o é todo o romance em si.

Aqueles críticos que condenaram a chamada crueza de *Ulysses* e sua suposta obsessão pelo corpo falharam ou se recusaram a reconhecer que esse era, em alguns aspectos, o lado mais revolucionário de toda a obra. Se Joyce estava querendo dizer alguma coisa, era que os corpos de seres humanos reais deveriam ser libertados da repressão, pobreza, degradação e, mais do que tudo, de sua manutenção sistemática nos campos de batalha servindo aos interesses das elites governantes corruptas.

Escrito durante a Primeira Guerra Mundial e a luta pela independência da Irlanda, *Ulysses*, embora ambientado antes desses eventos, foi moldado por eles e foi uma reação a eles. Que um dia em Dublin, em 1904, não é um mundo estático, preservado em gelatina, mas moldado pelos eventos sociais, políticos e econômicos que forneceram o contexto para futuras transformações cataclísmicas. Preocupações, dilemas e contradições políticas e filosóficas percorrem como um fio condutor o romance, apesar de sua forma e técnicas alusivas e simbolistas – foi uma tentativa revolucionária de desenvolver formas de expressão literária capazes de explicar e interpretar o mundo moderno, não rejeitando tudo o que aconteceu antes, mas preservando o que era progressista e libertador, expondo e rejeitando o que era opressivo e repressivo.



Barricada na Townsend Street, Dublin, durante a Revolta da Páscoa, 1916

Mas e o livro em si, vale a pena o esforço? Seria insincero negar que ele apresenta dificuldades para o leitor. Joyce foi uma artista intransigente que pretendia, ao descrever o particular – um dia em Dublin – abordar e revelar o universal.

Ulysses segue as divagações literais de seus personagens pelas ruas de Dublin. Suas outras “divagações”, conversacionais ou em “monólogo interior” contêm muitas referências oblíquas à política irlandesa e requerem algum conhecimento do período, e também alguma compreensão da história da literatura que Joyce brilhantemente parodia. Mas não há necessidade de se aprofundar nos produtos aparentemente infinitos da acadêmica “indústria de Joyce”: uma leitura rápida de um resumo de um Coles ou Sparkes dará a qualquer leitor uma visão geral da ação e dos temas.

Qualquer coisa que valha a pena na vida exige esforço, *Ulysses* também, mas não deve ser uma provação; a alegre musicalidade do romance e sua comédia,

em muitos lugares ainda hilárias, como na descrição heroica do “Cidadão”, por si só, vale a viagem.

O alcance expressivo de Joyce é inigualável, indo do mundano ao inesperadamente poético; quando Stephen e Leopold se despedem na porta da casa deste último, eles contemplam “A árvore celestial de estrelas pendurada com frutos úmidos azul-escuros”.

Mas se algo define *Ulysses* é sua empatia e compaixão pela humanidade. O monólogo íntimo de Bloom não é o caos sem sentido como Radek e os bispos o queriam, mas a caracterização completa de um ser humano de carne e osso, reconhecidamente real, e aquele que, enquanto enfrenta o fanatismo, a ignorância e todas as outras características destrutivas de uma sociedade fraturada que precisa de transformação, nunca sucumbe ao cinismo ou ao desespero, mas acredita na humanidade e em seu potencial para o progresso e a iluminação.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Radek, um bolchevique convertido ao stalinismo e capaz de escrever qualquer coisa que Stálin mandasse.

² Charles Stewart Parnell (1846-1891): líder da Land League e do Partido Parlamentar Irlandês que

defendia a reforma agrária e o Home Rule. Seu envolvimento em um caso de divórcio foi usado para provocar indignação moral, levando à sua traição por seu próprio partido a mando do líder liberal Gladstone.

³ Pádraig Pearse (1879-1916): professor e poeta, Pearse era membro da Irmandade Republicana Irlandesa e dos Voluntários Irlandeses. Ele foi um líder do Revolta da Páscoa de 1916, pelo qual foi executado pelos britânicos.



Penhascos Cósmicos na Nebulosa Carina

O TELESCÓPIO JAMES WEBB: UM OLHO EM UM UNIVERSO INFINITO NO TEMPO E NO ESPAÇO

DAVID GARCÍA COLÍN E VINCENT ANGERER

Trinta anos após o lançamento do telescópio Hubble, seu sucessor, o telescópio James Webb, já está operacional. Os cosmólogos do Big Bang esperavam que ele mostrasse galáxias jovens um pouco depois do “início” do próprio universo. Mas, como explicam David García Colín e Vincent Angerer, tendo perscrutado profundamente o cosmos, o telescópio James Webb está enviando de volta imagens que desafiam a cosmologia estabelecida e apontam para um universo infinito no tempo e no espaço.

A Redação

Imagens enviadas pelo Telescópio Espacial James Webb (JWST) surpreenderam o mundo. Essas são as imagens mais nítidas e de maior alcance do universo já obtidas pela humanidade. Como se poderia esperar, um astrônomo jesuíta que trabalha no próprio observatório do Vaticano descreveu essas imagens como “a criação de Deus sendo revelada a nós, e nela podemos ver tanto seu poder surpreendente quanto seu amor pela beleza”¹.

Mas, longe de exaltar a criação de Deus, o JWST agora está começando a enviar de volta

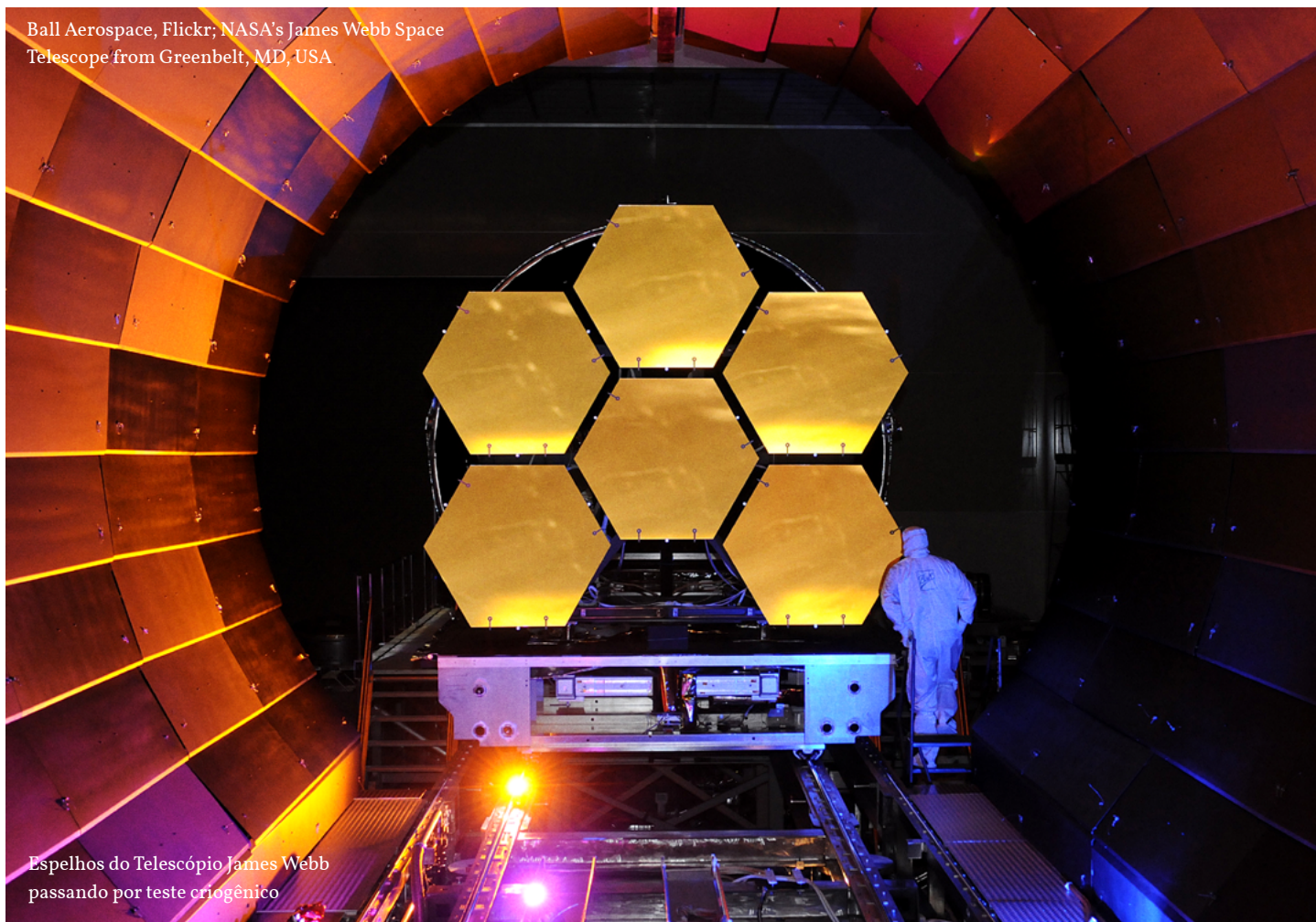
dados que apresentam sérias dificuldades para esse mito moderno da criação: a teoria do Big Bang. À medida que se aprofunda no espaço, está começando a desafiar preconceitos de longa data sobre a origem e o desenvolvimento do universo, e lançando uma luz brilhante sobre questões científicas e filosóficas profundas e importantes.

O JWST foi colocado em órbita a 1,5 milhão de quilômetros do nosso planeta em dezembro passado e, após cerca de seis meses de calibração e apenas 12 horas de operação completa, produziu as imagens mais deslumbrantes. Com seu poderoso olho de 25 metros

quadrados, capaz de detectar uma ampla faixa de luz infravermelha com cem vezes a potência de seu antecessor – o telescópio Hubble – Webb promete revolucionar nossa compreensão do universo e nosso lugar dentro dele.

EM UMA COLETIVA DE IMPRENSA, A NASA DIVULGOU CINCO IMAGENS INCRÍVEIS

Em uma dessas imagens observamos a Nebulosa Carina, localizada a 7.500 anos-luz da Terra: uma massa de gás e poeira que é um berçário de novas estrelas. Aqui os cientistas poderão estudar com precisão o processo



Espelhos do Telescópio James Webb passando por teste criogênico

de nascimento de estrelas. Como explicou a cientista da NASA Amber Straughn: “Vemos um grande número de estrelas onde se observam penhascos cósmicos e um mar sem fim. Estrelas bebês são vistas na Nebulosa Carina, onde a radiação ultravioleta e os ventos estelares formam paredes colossais de poeira e gás. Podemos ver centenas de novas estrelas. Exemplos de bolhas e jatos criados por estrelas recém-nascidas, com mais galáxias à espreita no fundo”.

Outra imagem impressionante é a da nebulosa “Oito Explosões”. Mostra uma estrela em seus momentos de morte, a cerca de 2.500 anos-luz do nosso planeta, cercada por uma esfera gigante de gás que parece uma ameiba colossal com uma estrela brilhante em eterna agonia em seu coração. Em “Carina” os cientistas podem estudar as estrelas em seu nascimento, enquanto aqui as vemos em sua morte.

Verdadeiramente surpreendente é a imagem do JWST do Quinteto de Stephan, a cerca de 300 milhões de anos-luz de distância. Cinco galáxias são capturadas no quadro, das quais quatro estão orbitando umas às outras, o primeiro conjunto compacto desse tipo já observado. A colossal dança cósmica está aparentemente ligada à existência de um buraco negro, que emite gás com uma energia equivalente a cerca de 40 bilhões de vezes a luminosidade do Sol. De acordo com a astrônoma da *European Space Agency* (ESA) Giovanna Giardino, “não podemos ver o próprio buraco

negro, mas o vemos consumindo o material em turbilhão”. Usando esses dados mais recentes, os cientistas esperam descobrir o tipo de interação que ocorre entre as galáxias e o papel que essas danças turbulentas desempenham no nascimento de entidades cósmicas.

A apenas 1.150 anos-luz da Terra, observamos um planeta gasoso gigante chamado WASP-96b, aproximadamente a metade da massa de Júpiter, mas 1,2 vezes maior, dentro da atmosfera do qual foram encontradas evidências de água. O vapor de água, uma pré-condição primária para o surgimento da vida como a conhecemos, pode ser abundante no universo. Cerca de 5.000 exoplanetas (planetas fora do nosso próprio sistema solar) foram descobertos desde 1995. O telescópio James Webb ajudará a estudá-los e determinar se alguns deles possuem condições para a vida.

As novas imagens mostram a variedade espetacular da matéria em todos os muitos momentos incríveis de sua evolução. Revelam um universo que é palco de colossais processos de nascimento e destruição, de tensões inimagináveis que geram estrelas e galáxias, e de onde emergem as condições para a vida; panoramas impressionantes que mostram a complexidade evolutiva da matéria em seu desenvolvimento dialético.

O BIG BANG

Talvez a fotografia mais espetacular e amplamente divulgada tenha sido a de uma vista incrível de galáxias distantes conhecidas

como Primeiro Campo Profundo de Webb. Segundo Bill Nelson, diretor da NASA, ela representa: “uma pequena porção do Universo, do tamanho de um grão de areia colado ao dedo de um braço estendido”. Incontáveis galáxias de todas as formas imagináveis podem ser observadas nessa porção evanescente do céu: alongadas, achatadas, redondas; outras tão brilhantes que ofuscam seus vizinhos. “O Universo nos domina”, disse Nelson. “Somos incapazes de concebê-lo e imaginar sua imensidão. Melhor com uma fotografia? Não há imagem que possa representá-lo em toda a sua grandeza, mas a partir desta semana temos a coisa mais próxima. Durante toda a semana olhamos com emoção para a primeira foto que o telescópio James Webb capturou. Como Carl Sagan sorriria hoje se pudesse ver essa imagem!”.

A mais distante dessas galáxias – que aparecem como arcos avermelhados devido ao seu chamado “*redshift*” e lentes gravitacionais, que distorcem sua forma aparente – emitiu sua luz há mais de 13 bilhões de anos, segundo cálculos preliminares: apenas alguns 100 milhões de anos após o momento em que todo o universo foi supostamente criado há 13,8 bilhões de anos, de acordo com a teoria do Big Bang. Observar cada vez mais galáxias em momentos que mal sucedem a suposta origem do universo levanta sérias questões sobre a viabilidade da teoria do Big Bang. Como poderiam existir galáxias brilhantes e totalmente formadas no que, em termos cosmológicos,

seria considerado um mero momento após o surgimento do universo? É como ver um adulto emergindo totalmente formado do parto. De acordo com os modelos de formação de galáxias mais amplamente aceitos, as galáxias gigantes são formadas a partir de nuvens pequenas e fracas que gradualmente coalescem através de fusões cósmicas. Esse processo leva bilhões de anos.

Em um momento em que o universo estaria supostamente em sua infância, a teoria prevê apenas as galáxias anãs mais fracas, tão pequenas e fracas que mal esperaríamos ver qualquer coisa. Só mais tarde as galáxias gigantes se formariam a partir de fusões cósmicas. E, no entanto, aqui, nas primeiras imagens enviadas pelo JWST já somos confrontados com gigantes galácticos: gigantes que simplesmente não poderiam ter se formado no tempo atribuído a eles na teoria estabelecida do Big Bang.

Observações anteriores às do JWST já estavam enchendo alguns astrônomos com dúvidas inquietantes. Em 2016, a galáxia GN-z11 foi descoberta. De acordo com as teorias estabelecidas, sua luz teria sido emitida há 13,4 bilhões de anos, apenas 400 milhões de anos após a suposta origem do universo. Em termos astronômicos, 400 milhões de anos é apenas um suspiro. Em 2020, o buraco negro mais antigo já observado foi descoberto, com 12,8 bilhões de anos. Mas como um buraco negro poderia surgir em um momento em que a matéria ainda era supostamente muito difusa para causar um colapso gravitacional? Becky Smethurst, pesquisadora júnior da Universidade de Oxford e especialista em buracos negros, diz:

“Vamos supor que as primeiras estrelas formaram buracos negros cerca de 200 milhões de anos após o Big Bang. Depois que eles colapsam, você tem cerca de treze bilhões e meio de anos para aumentar seu buraco negro para bilhões de vezes a massa do Sol. É um tempo muito curto para ficar tão grande apenas com a agregação.”²

Mais uma vez, foi apenas em 2021 que a galáxia BRI 1335-0417 foi descoberta, uma galáxia espiral de 12,4 bilhões de anos, cerca de um bilhão de anos antes do tempo que se pensava ser possível para formar esse tipo de galáxia complexa, de acordo com a teoria do Big Bang. “Descobrimos ‘mamutes’ no Universo em um momento em que parecia que eles não deveriam existir. Agora precisamos de mais dados para saber como eles chegaram lá”, disse o físico Guillermo Barro, da Universidade do Pacífico³. O JWST promete lançar mais luz sobre essas questões. Mas prevemos que novos dados apenas criarão mais problemas para os proponentes da teoria do Big Bang.

Ainda é cedo, e uma análise muito mais rigorosa é necessária para confirmar as observações iniciais, mas alguns já acreditam que o JWST fotografou as galáxias mais antigas já descobertas: GLASS-z11 e GLASS-z13,



apelidadas de “Glassy”⁴. De acordo com análises preliminares, essas galáxias se formaram apenas 300 milhões de anos após o Big Bang. Em comparação, nosso planeta tem 4,5 bilhões de anos e nossa galáxia, a Via Láctea, leva 200 milhões de anos para completar apenas uma rotação! A teoria clássica do desenvolvimento de galáxias não pode explicar como essas galáxias podem ter se formado em tão pouco tempo. E isso é apenas o começo. Outros documentos anteriores à publicação estão alegando ter identificado galáxias ainda mais antigas. Nas palavras de um jornalista científico:

“Na verdade, os astrofísicos já estão descobrindo que o universo primitivo pode ser muito mais movimentado do que eles esperavam. As estrelas podem ter começado a se formar a uma taxa muito mais rápida do que alguns modelos previram. Como a matéria se aglutinou e começou a formar essas galáxias desde o início? Nós não sabemos ainda. Mas Webb, aparentemente, já está reescrevendo o que pensávamos que sabíamos sobre o início, bem, de tudo.”⁵

Referindo-se a “Glassy”, o mesmo artigo continua:

“os astrônomos estão aproveitando a possibilidade de Glassy, que, além de ser um potencial recordista, também é muito mais estranho do que imaginavam. Os astrônomos sempre pensaram que as galáxias não poderiam ter ficado muito grandes tão cedo na história do universo e que começariam a se acumular em estrelas cerca de 500 milhões de anos depois do Big Bang. Mas Glassy é extremamente luminosa, sugerindo que contém uma abundância de estrelas, que juntas são 1 bilhão de vezes mais massivas que o nosso sol.”⁶

Não é apenas o tamanho dessas galáxias que representa um problema para a teoria estabelecida. O mesmo acontece com a sua composição. O material de que são feitos normalmente sugere que foi reciclado ao longo de muitas gerações de formação de estrelas. Os

teóricos do Big Bang calculam que, após a explosão inicial que criou o universo, tudo o que existia era hidrogênio e hélio e pequenas quantidades de elementos mais pesados. Mas já encontramos uma surpreendente abundância de elementos e poeira mais pesados, produzidos em estrelas anteriores, nessas primeiras galáxias. Novamente, nas palavras de um cientista que estuda essas galáxias iniciais em 2020:

“A partir de estudos anteriores, entendemos que essas galáxias jovens são pobres em poeira. No entanto, descobrimos que cerca de 20% das galáxias que se reuniram durante essa época inicial já estão muito empoeiradas e uma fração significativa da luz ultravioleta de estrelas recém-nascidas já está escondida por essa poeira.”⁷

A questão da formação de galáxias – enormes aglomerações de gás, poeira e estrelas em turbilhão – é apenas a ponta do iceberg. A astronomia observacional descobriu estruturas muito, muito maiores que confundem completamente os cosmólogos do Big Bang. De acordo com as suposições que fazem parte da cosmologia do Big Bang, nenhum objeto cósmico pode ter mais de 250 milhões de anos-luz de largura⁸. E, no entanto, todos os anos os astrônomos estão descobrindo megaestruturas cada vez maiores, com bilhões de anos-luz de largura.

Em 2021, os astrônomos identificaram uma estrutura apelidada de “O Arco Gigante”. Embora seja muito fraco para ser visto a olho nu, cobre uma região do céu que abrange 20 diâmetros de lua cheia de comprimento. No entanto, essa enorme cadeia de galáxias está localizada a 9 bilhões de anos-luz de distância, e tem 3,3 bilhões de anos-luz de comprimento. Não há dúvida de que o JWST continuará a descobrir outras estruturas gigantescas, e talvez algumas que pareçam ainda maiores do que “O Arco Gigante”⁹.

A própria luz levaria bilhões de anos para atravessar tal estrutura. O colapso em queda livre da matéria sob a gravidade teria demorado eras.

Essas descobertas estão pesando sobre a teoria do Big Bang. Há pouco tempo para que os defensores da teoria possam continuar movendo os postes, da maneira como se fez por décadas, para forçar as observações a se adequarem à sua visão preconcebida.

A ciência genuína progride à medida que são elaboradas teorias para explicar nossas observações. Um acúmulo de observações inexplicáveis em um determinado estágio exige a revisão de uma teoria. Certamente há um clima de desconcerto entre os astrônomos. “Pânico!”¹⁰ lê-se no título de um artigo de pré-publicação. “Agora me vejo acordada às três da manhã e me perguntando se tudo o que fiz está errado”, tuitou Alison Kirkpatrick, da Universidade do Kansas.

A consciência das elites da comunidade científica, no entanto, é bastante conservadora. Portanto, em vez de questionar a teoria subjacente – a teoria da cosmologia do Big

Bang – eles estão negando a infância das galáxias. Dada a evidência de galáxias quase tão antigas quanto o próprio universo, os proponentes do Big Bang assumem que as primeiras galáxias se formaram mais rápido do que inicialmente teorizado.

Não há razão para supor que a história do universo local não foi pontuada por períodos de desenvolvimento súbito. Pode muito bem ter havido um ou mais booms de formação de galáxias. O universo está repleto de processos dialéticos abruptos e repentinos. As tentativas de ajustar as taxas de natalidade das galáxias, no entanto, têm menos a ver com explicar o nascimento das galáxias e tudo a ver com salvar uma teoria que está rapidamente sendo questionada à luz de novas descobertas.

DESLOCAMENTO DOPPLER

A cosmologia do Big Bang sofreu muitos desses “ajustes” em sua história. Essa teoria cosmológica se origina talvez da extrapolação mais absurda da história da ciência. Na década de 1920, o astrônomo Edwin Hubble descobriu que quanto mais distante uma galáxia está de nós, mais vermelha ela parece. Esse avermelhamento pode ser explicado referindo-se a algo conhecido como “efeito Doppler”, pelo qual os espectros de luz dos objetos que se afastam de nós parecem mais vermelhos. A partir disso, os astrônomos concluíram que o universo observável parece estar se expandindo. No entanto, isso foi levado à sua conclusão extrema e absurda: se tudo está se afastando de todo o resto, em algum momento da história do universo, toda a matéria deve ter estado em um único ponto, que os defensores do Big Bang chamam de “singularidade”, não maior do que um único átomo de hidrogênio. Naquele momento, não apenas toda a matéria e energia passaram a existir, mas o próprio tecido do espaço e do tempo supostamente veio a existir também.

Mas o deslocamento Doppler é, na melhor das hipóteses, evidência da expansão de um setor do universo, não de um início singular e absoluto no tempo e no espaço. Aqui temos um exemplo infeliz de um fato sendo levado ao seu limite absurdo e literalmente dando um salto cósmico. O Big Bang não é tanto uma questão de evidência científica, mas de interpretação filosófica da evidência. Que uma parte do universo dentro de nosso estreito horizonte pareça estar se expandindo não nos autoriza a afirmar que o universo inteiro está fazendo isso. Menos ainda podemos extrapolar desse fato que tudo isso resulta de um ponto de singularidade onde espaço e tempo misticamente passaram a existir.

Alguns negam que o Big Bang signifique um começo para o tempo. Eles afirmam que a cosmologia do Big Bang apenas postula que o universo existiu em um estado quente e denso no passado. No entanto, cosmólogos modernos proeminentes de fato defendem um começo para o tempo. “O universo não existe desde sempre”, explicou Stephen Hawking. “Em vez disso, o universo e o próprio tempo

tiveram um começo no Big Bang... O início do tempo real teria sido uma singularidade, na qual as leis da física teriam se rompido”¹¹. Francamente, as teorias alternativas do Big Bang que tentam evitar uma singularidade (o “*Big Bounce*” [“Grande Rebote”], colisões de membranas etc.) não são menos especulativas ou absurdas do que a noção de uma singularidade.

O astrônomo que primeiro propôs a hipótese do Big Bang na década de 1920, Georges Lemaître, certamente não teve nenhum problema com a ideia de que o redshift cósmico de alguma forma prova que o universo foi criado *ex nihilo* [do nada]. Isso porque, sendo um sacerdote ordenado, era óbvio para ele como um universo pode ser criado do nada: foi criado por Deus, o Criador. Lemaître ganhou os louros efusivos do Vaticano por esta contribuição à fé.

No entanto, pode parecer impressionante que essa teoria, proposta pela primeira vez na década de 1920, tenha sobrevivido ao teste da astronomia observacional por um século inteiro. Mas a teoria do Big Bang, tal como existe hoje, tem apenas uma semelhança passageira com a hipótese original de Lemaître, precisamente por causa de seu repetido fracasso em corresponder aos achados observacionais. O único “sucesso” observacional da cosmologia do Big Bang no século passado foi a descoberta acidental em 1965 da chamada Radiação Cósmica de Fundo em Micro-ondas (CMBR) – radiação de corpo negro que permeia o espaço e tem uma temperatura de 2,7K.

Mas mesmo essa descoberta inesperada não correspondeu às previsões. Afinal, se o universo está se expandindo, a luz que chega até nós de uma parte do céu foi emitida por uma fonte que nunca poderia ter estado em contato causal com a região que emite luz na parte diretamente oposta do céu. No entanto, de alguma forma, tem a mesma temperatura.



A Nebulosa da Tarântula

Para levar em conta essa e outras observações inexplicáveis, o chamado “campo de inflação” foi inventado: um período de expansão vertiginosa no início da história do universo. Não há mecanismo conhecido para tal fase de expansão milagrosa. Foi simplesmente inventado para salvar a teoria. É um dos vários dispositivos puramente matemáticos para os quais não há evidência física que os cosmólogos inventaram para salvar a teoria. Outros incluem matéria escura e energia escura, que os cosmólogos nunca viram, mas que afirmam ser 95% das coisas existentes. A última história sobre galáxias e suas infâncias improvavelmente truncadas é apenas o mais recente complemento matemático de uma teoria que está começando a ruir sob o peso de suas contradições.

A ideia de tempo, espaço, matéria e energia surgindo do nada é completamente incompatível com uma visão materialista da natureza.

Toda a experiência da humanidade demonstra que nem uma gota de matéria pode ser criada ou destruída. A matéria é sua própria causa: combinando, dispersando e recombinao por toda a eternidade. Postular um ato de Criação coloca a questão: qual é a sua causa? Se não foi um fator material (e, de acordo com a cosmologia do Big Bang, não poderia ter sido um fator material quando a própria matéria passou a existir com o Big Bang), então deve ter sido um Criador imaterial: Deus.

A data da Criação pode ter sido atrasada de 6.000 anos atrás para 13,8 bilhões de anos atrás, mas isso não diminui seu absurdo. Não, como materialistas rejeitamos a ideia de a matéria ser criada do nada. O universo material é infinito e em evolução. Certamente isso traz novos problemas: por definição, um universo infinito sempre terá mais a ser descoberto. À medida que velhos problemas são resolvidos, novos e mais elevados são colocados. Mas assim como o mito da criação do Gênesis só apareceu para “resolver” o problema de onde a Terra veio, um problema que era insolúvel até que as origens nebulares da Terra fossem descobertas no século 18; então o próprio ato de criação do Big Bang parece apenas “resolver” problemas como o deslocamento Doppler e o CMBR.

Não somos cosmologistas. De forma alguma pretendemos oferecer soluções completas para esses problemas. Mas estamos confiantes de que novas descobertas e observações – como as do JWST – confirmarão a visão materialista e derrubarão a ideia de um momento da Criação.

UMA REVOLUÇÃO COPERNICANA

Quando damos um passo atrás e examinamos o estado atual da cosmologia moderna, somos lembrados da crise que arruinou a cosmologia geocêntrica (“centrada na Terra”) do século 15. Como a teoria do Big Bang de hoje, a visão geocêntrica do universo já existia há muito tempo – muito mais tempo, na verdade, do que a teoria do Big Bang! Anaximandro subscreveu tal teoria no século 6 a.C Aristóteles

deu-lhe uma forma mais elaborada em 350 a.C, com o sol, a lua, as estrelas e os planetas orbitando a Terra ao longo de caminhos circulares. Mas foi o astrônomo alexandrino Ptolomeu que deu à teoria uma expressão acabada e até um tanto elegante no século 2 d.C.

Nesse universo “ptolomaico”, o sol, a lua e as estrelas foram fixados em esferas de cristal que giravam ao redor da Terra. O movimento dos planetas sempre foi um pouco mais artificial. Para explicar seu movimento retrógrado, eles foram colocados em esferas celestes, chamadas epiciclos, dentro de outras esferas, chamadas deferentes. Apesar de todos os seus elementos inventados, esse modelo do universo fez um ótimo trabalho ao descrever as observações feitas até aquele momento. No entanto, novas observações mais precisas se acumularam com os séculos. Excelente trabalho astronômico foi realizado com base nessa cosmologia antiga, agora ossificada, mas a velha teoria lutou para incorporar seus resultados.

Em vez de jogar fora a velha teoria, os astrônomos inventaram novas esferas dentro de esferas. Excêntricos, epiciclos e deferentes foram multiplicados *ad absurdum* para fazer com que os novos fatos se encaixassem na teoria, assim como a “inflação”, a “matéria escura” e a “energia escura” de hoje. No século 15, a velha teoria estava em crise e aguardando o golpe de misericórdia, que foi devidamente desferido por Copérnico em 1543, quando do leito de morte lançou sua obra *De Revolutionibus Orbium Coelestium* (“Das órbitas do corpos celestes”).

De acordo com Copérnico, longe de a Terra ser um ponto central fixo do universo, ela se move junto com todos os outros planetas, ao longo de órbitas quase circulares ao redor do Sol. Essa foi uma profunda revolução na astronomia e o verdadeiro ponto de partida da ciência moderna na Europa. Mas a negação da velha teoria não significou sua completa destruição. De fato, a teoria de Copérnico não era matematicamente diferente da antiga visão ptolomaica, como o astrônomo dinamarquês Tycho Brahe mostrou posteriormente em sua luta contra o copernicanismo. De fato, sempre que uma teoria científica suplanta uma teoria mais antiga, ela sempre incorporará o que há de racional na velha teoria, em um processo dialético de negação, o que nunca significa a completa aniquilação da velha em favor da nova.



A velha e ossificada visão ptolomaica também se recusou a morrer por conta própria, e teve muitos apoiadores muito poderosos muito tempo após a morte de Copérnico. Tornou-se parte integrante da visão de mundo oficial da Igreja, segundo a qual a Terra (e o Homem) estava no centro da Criação de Deus, cercada pelas esferas celestes perfeitas. Esses céus eram o lar de uma hierarquia completa de anjos, arcanjos e, é claro – na esfera celestial mais alta além das estrelas – o próprio Deus. O velho establishment combateu a nova teoria com o terror da Inquisição, que silenciou Galileu e colocou Giordano Bruno na fogueira.

Curiosamente, hoje o establishment científico tem um forte aliado na Igreja Católica em defesa da cosmologia do Big Bang. Quantos velhos inimigos foram reconciliados! Felizmente, os hereges contra a teoria do Big Bang não enfrentam a fogueira. No entanto, eles enfrentam o que talvez sejam obstáculos ainda mais potentes. A ciência acadêmica é um grande negócio – bilhões de dólares são investidos em teorias e instituições. Uma teoria pode ter sobrevivido mais do que deveria, mas se levar milhões de dólares em investimento não será facilmente derrubada. Na época do alvorecer da Revolução Científica, o capitalismo era uma força revolucionária. Hoje impede o avanço científico. A teoria do Big Bang vive hoje porque é “grande demais para falir”.

Existem muitos cientistas tecnicamente capazes que fizeram todo tipo de contribuições sofisticadas para o campo da cosmologia do Big Bang. Não nos opomos às suas capacidades, mas à sua interpretação filosófica da evidência. A maioria dos cientistas não possui uma filosofia consciente

própria. Inevitavelmente, portanto, eles tenderão a adotar aqueles fragmentos de filosofia que predominam na sociedade, que refletem os interesses de uma classe dominante decrépita, que em sua decrepitude está revivendo o misticismo secular.

A academia tende na direção do idealismo filosófico, ali conduzido por uma classe dominante que se apega à “mão de Deus”, e por uma aristocracia acadêmica que defende ferozmente seus interesses, prestígio, orçamentos e bolsas de estudo. As ciências não são exceção. A conclusão lógica do idealismo é a criação do mundo: a matéria surgindo do puro nada. Na forma da cosmologia do Big Bang, essa visão chegou aos respeitáveis corredores da academia.

Mas esta é apenas uma tendência. Em oposição a isso, há muitos cientistas que desejam se posicionar contra a corrente do idealismo e do misticismo nas ciências. Digno de nota é Eric Lerner, que foi condenado ao ostracismo pela comunidade científica por sua corajosa posição contra o Big Bang. Recomendamos muito seu artigo *O Big Bang não aconteceu*, comentando os resultados do JWST.

Os marxistas entendem que a batalha contra o capitalismo decadente consiste não apenas em uma luta política e econômica, mas também ideológica. Como explicou Lênin, nessa luta os marxistas devem aprender a encontrar aliados entre “aqueles cientistas naturais modernos que se inclinam para o materialismo e não têm medo de defendê-lo e pregá-lo contra as divagações filosóficas da moda em direção ao idealismo e ceticismo que são predominantes na chamada sociedade educada”.¹²

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ <https://www.americamagazine.org/faith/2022/07/14/webb-telescope-images-jesuits-243363>

² <https://www.bbc.com/future/article/20210820-where-did-supermassive-black-holes-come-from>

³ <https://www.lavanguardia.com/vida/20190514/462251745745/hallados-los-mamuts-galacticos-del-universo-joven.html>

⁴ <https://arxiv.org/abs/2207.09434> (not sure, how do you reference pre-pub papers?)

⁵ <https://www.cnet.com/science/space/>

[the-webb-space-telescope-might-have-already-smashed-its-own-record/](https://www.theatlantic.com/science/archive/2022/07/james-webb-telescope-image-most-distant-galaxy/670616/)

⁶ <https://www.theatlantic.com/science/archive/2022/07/james-webb-telescope-image-most-distant-galaxy/670616/>

⁷ <https://public.nrao.edu/news/galaxies-in-the-infant-universe-were-surprisingly-mature/>

⁸ Yadav, Jaswant; J. S. Bagla; Nishikanta Khandai (25 February 2010). "Fractal dimension as a measure of the scale of homogeneity". *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*. 405 (3): 2009–2015. [arXiv:1001.0617](https://arxiv.org/abs/1001.0617).

Bibcode:2010MNRAS.405.2009Y. doi:10.1111/j.1365-2966.2010.16612.x. S2CID 118603499.

⁹ <https://www.quantamagazine.org/giant-arc-of-galaxies-puts-basic-cosmology-under-scrutiny-20211213/> (Maybe there is a better source than this?)

¹⁰ <https://arxiv.org/abs/2207.09428>

¹¹ <https://web.archive.org/web/20180713032222/http://www.hawking.org.uk/the-beginning-of-time.html>

¹² “On the Significance of Militant Materialism”, V. I. Lênin [add LCW reference]

VIVA OS 20 ANOS DAS FÁBRICAS OCUPADAS

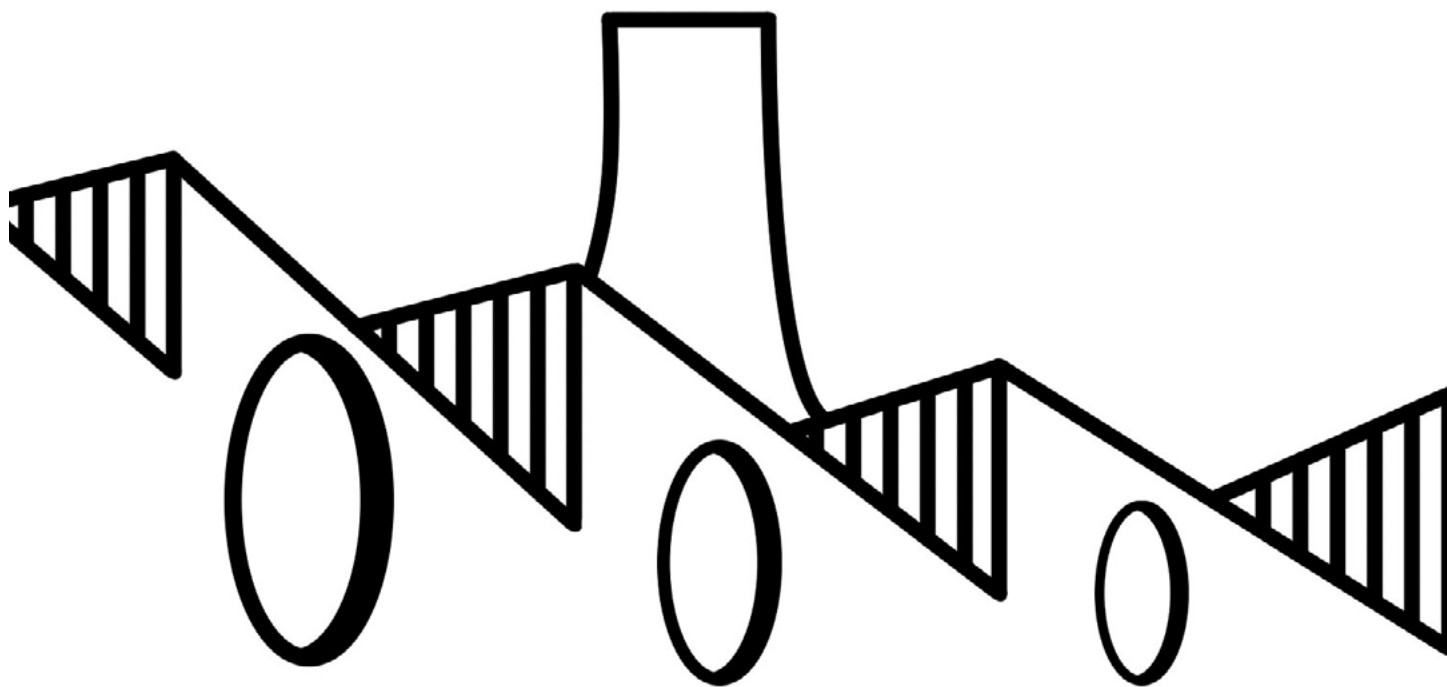
REDAÇÃO

Em comemoração aos 20 anos da ocupação¹ da Cipla pelos trabalhadores, a Revista *América Socialista - Em Defesa do Marxismo* traz a seus leitores dois textos importantes para nossa história. O primeiro é um texto teórico de Serge Goulart, coordenador do Movimento das Fábricas Ocupadas no Brasil, publicado inicialmente em 2005 e reeditado em 2006 que partindo da luta viva das ocupações de fábricas no Brasil e Venezuela, que se iniciaram em 2002, resgata os ensinamentos de Lênin e Trotsky. Ele elucida a relação entre as ocupações de fábricas e a revolução socialista, combatendo as ilusões e toda adaptação ao regime capitalista introduzida pelos defensores da sobrevivência do capitalismo. É um texto de combate que busca abrir uma via para o desenvolvimento da situação política e econômica, do ponto de vista de classe, e para avançar na luta pelo socialismo.



Na sequência e para fechar essa edição, homenageamos, nosso grande camarada Francisco João Lessa (Chico Lessa)², militante, advogado que

junto com Serge Goulart e outros foi um dos principais dirigentes das Fábricas Ocupadas eleito pelos trabalhadores. Um texto de combate, onde Chico Lessa fala sobre a situação da então gigante Busscar, fabricante brasileira de carrocerias de ônibus com sede no município de Joinville. A empresa que, na ocasião passava por dificuldades, decretou falência em 2013 e deixou uma dívida superior a 1 Bilhão de reais, os postos de trabalho fechados tiveram impacto em toda a cidade. Em 2017 o parque fabril da empresa foi arrematado por uma multinacional e hoje funciona com outro nome. Em 2008, como nossos leitores poderão verificar, Lessa nos falava dos passos que deveriam ser dados e por certo os trabalhadores poderiam ter tomado a frente da empresa e não permitido o fechamento e mais tarde a entrega da fábrica a novos patrões.



NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Nossos leitores podem ter acesso ao conjunto de atividades que estão sendo desenvolvidas em comemoração aos 20 anos da ocupação da Cipla pelos trabalhadores acessando: <https://www.marxismo.org.br/fabricas-ocupadas-20-anos/>

² Chico Lessa – Dirigente da Esquerda Marxista, das Fábricas Ocupadas e criminalizado com a intervenção, destacado advogado trabalhista em Santa Catarina, faleceu em um trágico acidente

em fevereiro de 2015. Para conhecer mais da trajetória desse militante acesse a página da Esquerda Marxista: <https://www.marxismo.org.br/chico-lessa-presente/>

O MARXISMO, AS OCUPAÇÕES DE FÁBRICAS E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

SERGE GOULART



Em junho de 2003, uma caravana de centenas de trabalhadores das fábricas ocupadas foi a Brasília em marcha com o MST, sendo recebidos por Lula

Este texto sobre a luta dura e difícil que travam os trabalhadores na atual situação revolucionária latino-americana apenas tem o objetivo de retomar os ensinamentos da luta de classes do proletariado e as lições dos marxistas sobre estas questões tão vivas em nossa época como a revolução na Venezuela, as ocupações de fábricas¹, a luta pelo controle operário. Enfim, a luta pela sobrevivência que trava o povo trabalhador contra o terror imperialista que ameaça afundar toda a humanidade na barbárie.

Retomar estes ensinamentos a partir dos resultados de nossa intervenção consciente nos últimos dois anos é o objetivo principal deste texto. Em especial após o 1º. Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores. Obviamente a

experiência e as constatações deste combate devem ser uma reflexão sobre como ajudar a avançar a revolução venezuelana. Mas, quando falo da Venezuela estou também falando do Brasil. Afinal, com as particularidades nacionais próprias, e que não é objeto deste texto estudar, também as massas proletárias do Brasil estão em luta contra os mesmos inimigos e vivem uma situação revolucionária (mesmo que não vivam uma revolução, que é outra coisa) desde a campanha eleitoral que levou Lula à presidência. Aliás, é só a existência desta situação revolucionária, que uma hora se esconde, outra hora surge, outra hora se insinua, mas não desaparece e vive na névoa, que as fábricas ocupadas no Brasil, em 2002 e 2003, ainda continuam sob controle dos trabalhadores enfrentando o governo Lula e seu

séquito de lacaios, os patrões, o judiciário, e os dirigentes sindicais e políticos vendidos ao capital.

Esta contribuição tem o caráter de análise e perspectivas sobre o que fazer depois de nossa participação no 1º. Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores. A delegação brasileira que organizamos incluía militantes das fábricas ocupadas, dirigentes sindicais operários importantes e dirigentes do MST (dois não puderam embarcar por problemas de passaporte e vacinas) e de fato a delegação das fábricas ocupadas do Brasil foi a espinha dorsal do encontro. Não há nenhuma dúvida que conseguimos fazer avançar, modificar, influir, conseguimos o acordo dos representantes de 21 centrais sindicais presentes

e colocamos na parede os defensores da “Economia Solidária”.

Nosso combate nas fábricas no Brasil tendo encontrado um ponto de apoio no governo e no movimento operário venezuelano, teve como contrapartida o ataque do governo Lula, primeiro tentando sabotar a realização do 1º. Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores, depois tentando desvirtuá-lo no caminho da “Economia Solidária”. O governo Lula já agia abertamente contra nosso combate tendo convocado um “Seminário Sobre Economia Solidária” para a mesma data em que estava marcada a 3ª. Conferência em Defesa do Emprego, dos Direitos, da Reforma Agrária e do Parque Fabril. E como o 1º. Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores recusou a proposta de adotar este Seminário como parte de sua continuidade, o aparato de Lula/DS reagiu modificando o nome e organizando no Brasil um “Seminário Latino-Americano Sobre Empresas Recuperadas pelos Trabalhadores” seis semanas mais tarde. Ao mesmo tempo em que os inventores do Orçamento Participativo partiam para se encontrar com Hugo Chávez e “assessorar a implantação” do OP em Caracas!

Foi vitorioso o resultado deste combate político e teórico, em que enfrentamos diferentes tipos de aparelhos contrarrevolucionários, foi vitorioso e se constituiu num importante ponto de apoio para a resistência do proletariado. Dialogamos e abrimos uma nova perspectiva para uma camada de ativistas operários e revolucionários venezuelanos. Combatemos o “latino-americanismo”, combate que se expressava na palavra de ordem que impulsionamos “A luta da classe operária é internacional”, assim como no esforço que fizemos para explicar a importância da classe operária norte-americana e europeia, antes e durante o Encontro, e que aparece depois tanto no discurso de Marcela Máspero como no de Chávez.

Nos últimos anos, em todo o mundo, a classe trabalhadora tem enfrentado uma ofensiva sem precedentes contra tudo o que conquistou nos últimos dois séculos de luta de classes. A revolução bolchevique foi esmagada pela burocracia contrarrevolucionária. A Queda do Muro de Berlim, e o desmoronamento do monstruoso aparato stalinista internacional trouxeram consigo a destruição do primeiro Estado operário. E isto teve como consequência um profundo golpe na consciência de classe das massas. A passagem dos restos do stalinismo diretamente para a defesa do capital instalou um período de confusão profunda no movimento operário que permitiu que a era Reagan/Thatcher fossem momentos de enormes derrotas para as massas trabalhadoras. Agora, apesar



Na caravana, os trabalhadores exigiam a garantia de seus postos de trabalho: “Presidente Lula: nós te elegemos para salvar nossos empregos!”

da continuidade dos ataques, um outro vento sopra no mundo e especialmente na América Latina.

A revolução venezuelana e seus mais recentes desenvolvimentos são um extraordinário alento para o fôlego revolucionário das massas em todo o mundo. Não compreender a mudança na situação e o fato de que hoje há um governo no mundo, apenas um, com todos seus limites e mesmo não sendo um governo operário e camponês, mas um governo que se choca e se enfrenta abertamente com o imperialismo, não compreender o significado disso, seria jogar no lixo décadas de preparação paciente, onde o trotskysmo combateu para romper o exílio em sua própria classe que o stalinismo e a social-democracia lhe haviam imposto.

Seria de fato, abdicar de combater pela revolução viva, real, das massas trabalhadoras para refugiar-se em uma revolução virtual, esquematizada em gabinetes por cérebros pretensamente sofisticados, na verdade apenas pedantes, que não conseguem perceber o que lhes passa pelo nariz. Olhar todas as tentativas desesperadas que faz, para vencer, a classe trabalhadora da Venezuela, com as lentes de procurar os problemas, os truques, e as armadilhas, ao invés de ver a pujança e o movimento progressivo em curso, é próprio dos que tantas derrotas sofreram, tantas ilusões tiveram negadas, tantos golpes sofreram, que não mais acreditam na capacidade da classe operária de superar os obstáculos e erguer-se como classe conquistadora, vitoriosa. Estes são os sectários, de direita e de esquerda.

Esta contribuição tenta ver através dos obstáculos, das confusões, das armadilhas, mas sem ignorá-las, para tentar ligar-se ao fluxo principal da revolução,

revelar seus traços dominantes e discutir os meios e as formas de construir a organização proletária que pode levar esta revolução à vitória. Este é o objetivo deste texto.

UMA DEFENSIVA REVOLUCIONÁRIA

A situação revolucionária que varre a América Latina se origina da crise que corrói o sistema capitalista e empurra o imperialismo, chefiado pelo imperialismo norte-americano, para ataques sem precedentes contra a classe operária, ameaçando toda a espécie humana. O capitalismo sufoca no quadro dos Estados nacionais, que é como historicamente ele se constituiu, e sob as amarras da propriedade privada dos grandes meios de produção. A contradição entre a produção social e a apropriação privada torna-se insuportável e tende a fazer tudo explodir arrastando junto todas as conquistas da civilização.

Esta situação leva a uma brutal ampliação, aprofundamento, da opressão nacional nos países dominados com uma consequente degradação bárbara das condições de vida das massas oprimidas e exploradas. Entretanto, as massas não estão derrotadas, esmagadas e em debandada. A resistência dos povos oprimidos, e em especial da classe trabalhadora, cria uma situação em que convivem convulsivamente revolução e contrarrevolução. Esta resistência busca se apoiar nas organizações que a classe construiu e que são os “bastiões da classe operária no interior da sociedade capitalista” para defender cada uma das suas conquistas.

Mas, esta resistência é permanentemente sabotada pelos aparatos políticos que em defesa do capital se passaram para o campo do inimigo, e que controlam estas organizações, obrigando as massas a combater para reconquistar suas organizações de frente única ou buscar constituí-las onde elas não existem. As massas sentem instintivamente que precisam de unidade para vencer, pois “em sua luta contra o capital não tem outra arma que não seja sua organização” (Lênin). É neste movimento que em momentos revolucionários (por exemplo, nas ocupações de fábricas) elas transbordam as suas organizações tradicionais, inclusive as de frente única, como sindicatos, e constituem organismos de luta superiores, como os Comitês de Fábrica, os Sovietes, as Assembleias Populares, como na Bolívia.

A compreensão da situação revolucionária não é nada sem o combate pela unidade das massas, pela frente única das massas e suas organizações, pela constituição de organismos de luta capazes de abarcar a maioria dos trabalhadores e suas diferentes frações políticas. Sem chegar a constituir-se em organização a consciência das massas trabalhadoras retroage ou desaparece, seja por esgotamento das

suas energias revolucionárias seja com o refluxo da situação revolucionária.

A atual onda revolucionária latino-americana, e que começa a tocar a Europa, apoia-se num poderoso impulso das massas oprimidas, um impulso de sobrevivência, de resistência coletiva profundo, onde um traço essencial é a tentativa de constituir-se, e reconstituir-se, como classe para si, sobre a base da independência de classe frente à traição aberta de seus dirigentes tradicionais. Isto recoloca com força a luta pela reconquista das organizações de Frente Única e a necessária ajuda que os revolucionários devem aportar ao impulso latente de construção da auto-organização das massas.

É nessa situação que se inscreve o atual combate dos trabalhadores das fábricas ocupadas no Brasil, na Argentina e na Venezuela. Um combate defensivo, evidentemente (salvar empregos, impedir o fechamento de fábricas), que se transforma imediatamente em um combate que mina e questiona os fundamentos do regime opressor.

A LUTA PELO CONTROLE OPERÁRIO NA VENEZUELA

A Venezuela vive uma clássica revolução permanente num país semicolonial. Com uma burguesia compradora e incapaz, o movimento de Chávez surge como expressão da necessidade de combate anti-imperialista num país onde a classe operária não tem partido próprio de massas e cuja central sindical tradicional, a CTV, se transformou num instrumento do imperialismo.

O nacionalismo de Chávez logo vai se chocar com as exigências imperialistas. Sua resistência amplifica o combate e ele é levado cada vez mais a se apoiar nas massas mobilizadas. A tentativa de derrubar Chávez, o “paro-sabotagem”² de 2002/2003² e a tentativa de revogar seu mandato em um referendo levaram a entrada em cena da classe operária enquanto tal e com seus próprios métodos. Ocupando a PDVSA para abastecer o país os trabalhadores abriram o caminho para a ocupação de outras fábricas e para o decreto de expropriação contra a sabotagem econômica da burguesia. A partir daí construíram a União Nacional de Trabalhadores (UNT), ocuparam a Venepal, a Construtora Nacional de Válvulas (CNV) e outras fábricas. Começaram a ocupar terras. E já arrancaram a estatização de Venepal e da CNV enquanto se prepararam novas ocupações.

Neste movimento, os trabalhadores que conquistaram a estatização e salvaram seus empregos não viram nenhuma razão para voltar a ter um patrão que os esmagasse diariamente, mesmo que fosse um funcionário do Estado. E resolveram que desejavam eles mesmos dirigir as

fábricas e lançaram-se num combate entremeadado de confusão e de iniciativas revolucionárias, enfrentando todo tipo de manobra dos aparatos, mas que na Venezuela chegou a uma definição, ainda confusa, mas que se expressa nas consignas “Estatização com cogestão”. Ou seja, os trabalhadores ocupam, o governo estatiza, e os trabalhadores gerem a fábrica com a participação de funcionários do governo Chávez.

É uma forma ainda incipiente dos operários colocarem a questão da planificação da economia sob controle operário. Eles reconhecem o governo Chávez como o seu governo, mas não o Estado como seu Estado e menos ainda os funcionários como seus representantes. Esta percepção, carregada de verdades e de ilusões, é que conduz à fórmula, hoje, nas condições da Venezuela de “Estatização com cogestão”. Aos marxistas cabe a tarefa de, partindo do fato positivo, explicar que a orientação correta é de luta pela estatização sob controle operário e que este é apenas parte de um movimento que deve se generalizar para atingir toda a economia colocando-a sob o controle democrático dos trabalhadores.

Todos os aparatos buscam desvirtuar isto para convencer os operários das vantagens da “Economia Solidária”, de fazer cooperativas e de se tornarem novos pequenos operários-patrões.

A atual proposta do governo venezuelano, de cogestão nas empresas dos capitalistas em dificuldades, é uma tentativa inútil de conciliar capital e trabalho durante uma revolução, onde as classes estão enfrentadas à morte. Injeções financeiras estatais não serão suficientes,

exceto por curtíssimos períodos, para impedir a desagregação da economia capitalista e a luta de classes. Ao contrário, esta proposta agudizará o conflito se a classe operária tiver o mínimo ponto de apoio para defender seus direitos e conquistas. E muito em breve estas pequenas empresas capitalistas, envoltas em um conflito interno crescente, serão levadas à lona pelas leis do mercado capitalista.

A preservação dos sindicatos e a implantação da UNT são, neste sentido, elementos essenciais da revolução venezuelana. Da simples defesa dos direitos, das reivindicações eles serão levados à questão da ocupação das empresas para preservar empregos e direitos. Mas, se a luta de classes nas fábricas é terreno direto do sindicato como deve, então, agir um sindicato nesta situação?

Acima de tudo orientando para o que é hoje a reivindicação transitória na situação revolucionária que é exigência da estatização, na recusa da falsa ideologia da “Economia Solidária”. Mas, isso é insuficiente. Mesmo na luta para preservação de todos os empregos com todas as conquistas operárias, a luta pela estatização é um fator limitado no Estado burguês e pelo Estado burguês.

Quando os operários ocupam uma fábrica o fazem coletivamente, como classe. Ao exigir a estatização colocam a questão do ponto de vista político. E ao exigir o controle da fábrica estatizada colocam a questão de que os operários devem controlar todas as fábricas e, portanto, através de sua organização planificar toda a economia no interesse dos operários, ou seja, de todo o povo trabalhador.



Alan Woods e dirigentes da FSTMB no Encontro Pan-Americano em Defesa de Emprego, de Direitos, da Reforma Agrária e do Parque Fabril, na Cipla, em 2006

Na Venepal, como o sindicato era por empresa (tradição sindical na Venezuela) ao coletivamente decidir eleger a direção da fábrica (o que é perfeitamente justo) os trabalhadores foram juntos levados a cometer dois erros. Primeiro, abandonaram (dissolvendo na prática) o sindicato já que seus dirigentes (todos sendo trabalhadores da Venepal) foram eleitos para dirigir a fábrica. Segundo aceitar a proposta de se constituir em cooperativa detentora de 49% das ações (do capital) da Venepal, agora Invepal.

É evidente que esta lógica de membros de uma sociedade proprietária de 49% do capital de uma enorme empresa tende a transformá-los em operários-patrões e se, com apoio e dinheiro do Estado, a nova Invepal tiver sucesso, estes acionistas podem ser tentados a contratar operários para suar enquanto eles “administram”³.

Mas, isto é um desvio do impulso revolucionário original. Trata-se de dar o combate político necessário contra os desvios, como temos que fazer em todas as etapas da luta de classes ou mesmo de uma revolução.

Já na empresa elétrica Cadafé a situação é outra. Os trabalhadores continuam assalariados do Estado e exigem a cogestão, ou seja, o controle operário compartilhado com o Estado.

Como ao Estado burguês não lhe agrada dividir controle (e o Estado venezuelano segue um Estado burguês mesmo com o governo anti-imperialista de Chávez) é evidente que surge daí um conflito infundável. Hoje, os trabalhadores, seu sindicato, seus eleitos para a cogestão, são acusados de terroristas e contrarrevolucionários pelos funcionários do governo. E os sindicalistas e dirigentes eleitos acusam os funcionários de sabotadores, privatizadores e de corruptos que tentam impedir a cogestão. E todos dizem apoiar Chávez. Na verdade, não é difícil ver que os trabalhadores estão se insurgindo, com razão, contra uma casta que busca, como em todo Estado burguês, e não só, se apropriar privadamente dos rendimentos das empresas estatais. Casta que como sempre busca se apresentar como “representantes revolucionários do povo”, sem ter minimamente demonstrado isso seja nas ruas seja no debate político. O sindicato é aí essencial para proteger os trabalhadores e as conquistas da revolução, portanto para a própria revolução.

A partir desta situação está colocada a questão de destruir, quebrar, o Estado burguês e sua coluna dorsal de funcionários para permitir que a revolução avance na Venezuela.

Em 1931, Trotsky relacionava a luta pelo controle operário da produção com a luta pela Frente Única e a partir daí centrava o combate pelo governo operário e camponês, ou seja, o combate pela constituição de um governo que fosse um passo em direção a liquidação do regime da propriedade privada dos grandes meios e produção. Trotsky mostrava aos revolucionários alemães que a luta

pelo controle operário da produção conduz diretamente à gestão da produção e ao fazer isso a classe operária coloca praticamente a questão do poder, pois esta gestão, que questiona “quem manda”, “quem é o proprietário”, não pode se desenvolver, ou sobreviver, sem o controle de um Estado operário sobre o conjunto da economia (Bancos, sistema financeiro, principais ramos industriais etc.).

Em 1931, Trotsky relacionava a luta pelo controle operário da produção com a luta pela Frente Única e a partir daí centrava o combate pelo governo operário e camponês

Escrito em plena crise política que devorava a Alemanha e que teria como trágico desfecho da traição stalinista a chegada ao poder de Hitler, este texto de Leon Trotsky, publicado no Brasil já em 1933, é ainda hoje de uma incrível atualidade:

“Em resposta à vossa pergunta, quero esboçar aqui algumas apreciações preliminares, algumas considerações gerais sobre o controle operário da produção.

A primeira pergunta que se faz é esta: Pode-se encarar o controle operário da produção como um regime estável, não eterno, evidentemente, mas bastante prolongado? Para responder-se a esta pergunta é preciso definir mais claramente a natureza de classe de um tal regime. Os operários têm o controle. Isto quer dizer que a propriedade e o direito de mando se conservam nas mãos dos capitalistas. Este regime tem assim um caráter contraditório, caracterizando-se a seu modo como um interregno econômico.

O controle é necessário aos operários não para um fim platônico, mas para influenciar praticamente a produção e as operações comerciais das empresas. Não se pode chegar a esse resultado se o controle não se transforma, de um modo ou de outro, em tal ou qual limite, numa gestão direta. Assim, na sua forma ampliada, o controle operário significa uma espécie de dualidade de poder na fábrica, nos bancos, nas casas de comércio etc.

Para ser duradoura, resistente, “normal”, a participação dos operários na direção da produção

deveria ser baseada na colaboração de classe e não na luta de classes. Mas uma tal colaboração de classe só é possível entre os vértices dos sindicatos e as organizações capitalistas. Tais experiências foram numerosas: na Alemanha (a democracia econômica), na Inglaterra (o mundismo) etc. Mas, em todos estes casos, trata-se não do controle operário sobre o capital, mas da domesticação da burocracia operária pelo capital. Uma tal domesticação pode, como o demonstra a experiência, durar muito tempo: isto depende da paciência do proletariado.

Quanto mais se está perto da produção, da fábrica, da oficina, tanto menos um tal regime é possível, porque se trata aí dos interesses vitais dos operários, e todo o processo se desenrola sob as vistas dos próprios operários. O controle exercido pelos comitês de empresa só é concebível na base de uma luta de classes aguda, e não da colaboração. Mas isto quer dizer que há dualidade de poder na empresa, no “truste”; em todos os ramos da produção, em toda a economia.

Que regime social corresponde ao controle operário da produção?

É claro que o poder ainda não está nas mãos do proletariado: neste caso teríamos não o controle operário sobre a produção, mas o controle do Estado operário sobre a produção, como introdução ao regime da produção estatal, na base da nacionalização. Tratamos aqui do controle operário sob o regime capitalista e o poder da burguesia. Ora, a burguesia, que se sente forte na sela, não permitirá jamais a dualidade de poder em suas empresas. O controle operário só é, pois, realizável com a condição de uma mudança brutal na relação das forças em detrimento da burguesia e seu Estado. O controle só pode ser imposto à burguesia pelo proletariado à força, estando este em vias de arrebatá-lo o poder e, com este, a propriedade dos meios de produção. Assim, o regime do controle operário é provisório, transitório por sua própria essência, não podendo senão corresponder a um período de estremecimento do Estado burguês, de ofensiva do proletariado, do recuo da burguesia: isto é, ao período da Revolução Proletária tomado no sentido mais largo da palavra.

Se o burguês não é mais o patrão, isto é, não é mais completamente o senhor na sua fábrica, segue-se que já não o é tampouco no seu Estado. Isto quer dizer que ao regime da dualidade de poder nas empresas corresponde o regime da dualidade e poder no Estado.

Não se deve, entretanto, compreender esta relação mecanicamente, como se a dualidade de poder na oficina e no Estado nascessem no mesmo dia. O regime da dualidade de poder em sua forma desenvolvida, como uma das etapas possíveis da Revolução Proletária em cada país, pode desenvolver-se diferentemente em cada país, com elementos múltiplos e diversos.

Assim, por exemplo, em certas circunstâncias (uma crise econômica profunda, duradoura, uma organização sólida dos operários nas empresas, fraqueza relativa do partido revolucionário, força relativa do Estado, tendo em reserva um fascismo forte etc.), o controle operário da produção pode adiantar-se consideravelmente em relação à dualidade do poder político no país.



Chávez inaugura a Petrocasa construída com a ajuda da Cipla Ocupada

LEON TROTSKI REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO NA ALEMANHA



EDIÇÕES CAUSA OPERÁRIA

Revolução e Contrarrevolução na Alemanha, Leon Trotsky, 1931



Vladimir Lenin e Leon Trotsky em Petrogrado, novembro de 1917

Nas condições que acabamos de esboçar em grandes traços, condições particularmente características para a Alemanha, a dualidade de poder no país pode nascer precisamente do controle operário, como de uma de suas fontes principais. É preciso parar neste ponto. Quanto mais não seja, para rejeitar o feiticismo da forma soviética que os epígonos da I.C. (Internacional Comunista) puseram em circulação. Segundo a opinião oficial que tem curso atualmente, a Revolução Proletária pode realizar-se unicamente com auxílio dos Sovietes, que só devem ser constituídos visando diretamente a insurreição armada. Todo este esquema não vale nada. Os Sovietes são apenas uma forma de organização, e o problema resolve-se pelo conteúdo de classe da política e não por sua forma. Na Alemanha houve Sovietes de Ebert, Scheidemann. Na Rússia, Sovietes conciliadores atacavam em julho de 17 os operários e soldados. Em consequência disto, Lênin pensou um momento que a insurreição armada seria realizada não com apoio nos Sovietes, mas nos comitês de empresa... Este cálculo foi rejeitado pelo curso dos acontecimentos, pois em dois meses e meio antes da insurreição tivemos tempo de conquistar os Sovietes mais importantes. Mas este exemplo só mostra quanto estávamos pouco dispostos a considerar os Sovietes como uma panaceia. No outono de 1923, opondo a Stalin e aos outros a necessidade urgente de se passar à ofensiva política, eu lutava ao mesmo tempo contra a criação, na Alemanha, de Sovietes por decreto, paralelamente aos conselhos de empresa, que de fato começavam a desempenhar o papel de Sovietes.

Muitos fatos permitem pensar que também no atual surto revolucionário os comitês de empresa poderão, a um certo estágio de seu desenvolvimento, desempenhar na Alemanha o papel de Sovietes e substituí-los. Em que me baseio para esta suposição? Na análise das condições

em que tiveram origem em fevereiro e março de 1917 os Sovietes na Rússia, e em novembro de 18 na Alemanha e na Áustria. Lá, como aqui, acontecia que os principais organizadores dos Sovietes eram os mencheviques, os social-democratas, constrangidos a isso pelas condições da revolução "democrática" durante a guerra. Na Rússia, os bolcheviques conseguiram arrancar os Sovietes dos conciliadores. Na Alemanha isso não foi conseguido, e foi o que determinou o desaparecimento dos Sovietes.

Atualmente, no ano de 1931, a palavra "soviète" soa de um modo completamente diverso do que soava em 1917-1918. Hoje, é sinônimo da ditadura bolchevique, um espantalho, pois, nas mãos da social-democracia.

Na Alemanha os social-democratas não só não retomarão pela segunda vez a iniciativa de criar Sovietes, nem mesmo a de ligar-se voluntariamente a um tal empreendimento, como o impedirão por todos os meios. Aos olhos do Estado burguês e particularmente de sua guarda fascista, o fato dos comunistas se meterem a criar Sovietes equivalerá a uma declaração aberta de guerra civil pelo proletariado e pode, conseqüentemente, ocasionar um conflito decisivo antes que o Partido o tenha considerado propício.

Todas estas considerações nos levam a duvidar que se consiga na Alemanha a criação dos Sovietes englobando realmente a maioria dos operários antes da insurreição e da tomada do poder. Na minha opinião, é mais provável que os Sovietes nasçam na Alemanha ao dia seguinte da vitória, já como órgãos imediatos do poder.

O problema dos conselhos de empresa se põe de modo diferente. Eles já existem. São criados pelos comunistas e pelos social-democratas. Numa certa medida, os conselhos de empresa realizam a unidade da frente da classe operária. Aprofundarão e ampliarão esta função na medida do fluxo revolucionário. O seu papel crescerá,

do mesmo modo que a sua interferência na vida da empresa, da cidade, nos ramos de indústria, nas regiões e enfim no Estado. Os congressos provinciais, regionais e nacionais dos conselhos de empresa poderão servir de base aos órgãos que de fato desempenharem o papel de Sovietes como órgãos da dualidade de poder. Arrastar os operários social-democratas a este regime por meio dos conselhos de empresa será muito mais fácil do que chamar os operários para construir Sovietes em dia e hora fixos.

O centro dos Comitês de empresa de uma cidade determinada pode perfeitamente desempenhar o papel de Sovietes da cidade. Isso já se podia observar na Alemanha em 1923. Ampliando as suas funções, atribuindo-lhes tarefas cada vez mais ousadas, criando os seus organismos nacionais, os conselhos de empresa podem transformar-se em Sovietes, unindo estreitamente os operários social-democratas e comunistas, e servir de ponto de apoio para a insurreição. Depois da vitória, esses conselhos de empresa-sovietes deverão inevitavelmente dividir-se em conselhos de empresa propriamente ditos e em Sovietes como organismos da ditadura proletária.

Não queremos dizer com isto que a criação de Sovietes seja antecipadamente de todo excluída na Alemanha antes da Revolução Proletária. Não se pode absolutamente prever todas as variantes imagináveis do desenvolvimento. Se a decomposição do Estado burguês precedesse de muito a Revolução Proletária e o fascismo se esfacelasse e decompusesse antes da Revolução Proletária, então se realizariam as condições necessárias para a criação de Sovietes como órgãos de luta pelo poder. É claro que neste caso os comunistas teriam em tempo estudado a situação e lançado a palavra de ordem de Sovietes. Seria esta a condição mais favorável das condições possíveis para a insurreição do proletariado. Se ela se apresentar, será preciso



Como esmagar o fascismo

utilizá-la até o fim. Mas não se pode absolutamente contar com isso de antemão. Na medida em que os comunistas são obrigados a contar com um aparelho estatal da burguesia suficientemente forte e com exército de reserva do fascismo, que se esconde atrás dela, o caminho através dos conselhos de empresa parece muito mais provável do que o dos Soviéticos.

Os epígonos, de uma forma toda mecânica, implantaram a ideia de que o controle operário sobre a produção, assim como os Soviéticos, só são realizáveis em condições revolucionárias. Se os stalinistas tentassem fazer de seus preconceitos um sistema consequente, raciocinariam sem dúvida da seguinte maneira: o controle operário, como uma espécie de dualidade de poder econômico, não é concebível sem dualidade de poder no país, o qual, por sua vez, não pode apresentar-se sem opor os Soviéticos ao poder burguês; por conseguinte, dirão os stalinistas, a palavra de ordem de controle sobre a produção só pode ser lançada ao mesmo tempo que a palavra de ordem dos Soviéticos. É evidente, segundo o que acaba de ser dito acima, que uma tal construção é falsa, esquemática e irreal. Praticamente, ela se transforma numa espécie de ultimato que o Partido impõe aos operários: Eu, Partido, só lhes permito lutar pelo controle operário com a condição de que estejam de acordo em construir

Soviéticos. Mas a questão toda reside nisto: esses processos não são obrigatoriamente paralelos e simultâneos. Sob a influência da crise, da desocupação e das combinações de rapina dos capitalistas, a classe operária pode, em sua maioria encontrar-se pronta a combater pela abolição dos segredos comerciais, pelo controle dos bancos, do comércio e da produção, antes de chegar à convicção da necessidade da conquista revolucionária do poder.

Lançado no caminho do controle da produção, o proletariado será inevitavelmente empurrado para a tomada do poder e dos meios de produção. Os problemas do crédito, as matérias-primas, do mercado, arrastam sem demora a questão do controle para fora dos limites das empresas isoladas. Em um país altamente industrializado como a Alemanha, só os problemas da importação e da exportação são suficientes para elevar imediatamente o controle operário até as tarefas gerais do Estado e opor os organismos centrais do Estado operário aos órgãos oficiais do Estado burguês. As contradições do regime, inconciliáveis por sua própria essência com o controle operário, aguçam-se-ão inevitavelmente com o alargamento de sua base e de suas tarefas e tornar-se-ão logo insuportáveis. A saída para estas contradições pode ser encontrada ou na tomada do poder pelo proletariado (Rússia), ou na contrarrevolução fascista, instituindo uma ditadura aberta do capital (Itália).

Na Alemanha, precisamente, com a sua forte social-democracia, a luta pelo controle operário sobre a produção será, segundo todas as probabilidades, a primeira etapa da frente única revolucionária dos operários, precedendo a luta aberta pelo poder.

Pode-se, entretanto, lançar hoje mesmo a palavra de ordem do controle operário? É a "maturidade" da situação revolucionária suficiente para isso? É difícil responder de longe a essa pergunta. Não há medida que permita julgar de um só golpe e sem erro o grau da situação revolucionária. Somos forçados a medi-la na ação, na luta, com auxílio dos mais variados instrumentos. Um desses instrumentos, e pode ser um dos mais importantes na situação atual, é justamente a palavra de ordem do controle operário da produção.

A importância dessa palavra de ordem reside antes de tudo no fato de que na sua base é possível realizar-se a frente única dos operários comunistas, social-democratas, sem-partido, católicos etc. A atitude dos operários social-democratas é de uma importância decisiva. A frente única dos comunistas e dos social-democratas, - eis aí precisamente a condição política fundamental que falta à Alemanha para uma situação revolucionária imediata. A presença de um sólido fascismo é evidentemente um obstáculo sério à vitória. Mas o fascismo só pode conservar uma força de atração nas condições de fraqueza e dispersão das forças do proletariado, o que tira a este último a possibilidade de conduzir o povo alemão no caminho da insurreição vitoriosa. A frente única revolucionária da classe operária é já em si um golpe político mortal desfechado contra o fascismo.

Eis porque, digamo-lo de passagem, a política do P.C. alemão na questão do plebiscito tem um caráter particularmente criminoso. O inimigo mais pérfido não poderia inventar um meio mais certo de opor os operários social-democratas ao Partido Comunista e entravar o desenvolvimento de frente única do proletariado.

É preciso reparar agora este erro. A palavra de ordem de controle operário pode contribuir muito para isso. Mas é preciso abordá-lo de um modo justo. Lançada sem nenhuma preparação, por uma ordem burocrática, a palavra de ordem de controle operário pode ser não só um golpe em falso, mas até comprometer ainda mais o Partido aos olhos da massa operária e minar a confiança dos operários que hoje votam por ele. Antes de lançar publicamente esta palavra de ordem de combate, de tão grande responsabilidade, é preciso tatear bem a situação e preparar o terreno.

É preciso começar por baixo, na fábrica, na oficina. É preciso verificar e experimentar os problemas do controle operário segundo o exemplo de algumas empresas industriais, bancárias e comerciais típicas. É preciso tomar por ponto de partida casos particularmente evidentes de especulação de "lockout" velado, de diminuição fraudulenta de lucro tendo por fim uma diminuição de salário, ou de um aumento fraudulento do preço de custo, com o mesmo objetivo etc. Nas empresas vítimas de maquinações dessa espécie, é preciso, por intermédio dos operários comunistas, tomar o pulso do estado de espírito da massa operária retardatária, e antes de tudo dos operários social-democratas, para se saber em que medida estão prontos a responder à reivindicação de abolir o segredo comercial e estabelecer o controle operário sobre a produção.

É preciso começar pondo o problema no seu plano puramente técnico, servindo-se dos exemplos particulares mais convincentes, levar a efeito uma propaganda tenaz para medir assim a força de resistência do conservantismo social-democrata. Eis aí um dos melhores meios para se julgar em que medida a situação revolucionária "amadureceu".

Esse apalpamento preliminar do terreno pressupõe ao mesmo tempo, da parte do Partido, aprofundamento da questão, tanto do ponto de vista teórico, como do ponto de vista da propaganda. O Partido deve instruir de modo sério e prático os operários avançados, e antes de tudo os membros dos comitês de empresa, os militantes sindicais de destaque etc. Só a marcha de todo esse trabalho de preparação é que pode, na medida de seus sucessos, indicar em que momento o Partido poderá passar de uma posição puramente propagandista a uma agitação aberta e a ações práticas imediatas, sob a bandeira do controle operário.

A política da Oposição de Esquerda nesta questão, pelo menos nos seus traços fundamentais, decorre muito claramente do que foi dito acima. Trata-se, para começar, da propaganda, por uma justa compreensão de princípios do problema, ao mesmo tempo do estudo das condições concretas de luta pelo controle operário.

A Oposição deve, em escala reduzida, nos limites modestos que correspondem às suas forças, começar esse trabalho de preparação caracterizado mais acima, que é uma das tarefas imediatas do Partido. Em relação com estas tarefas, a Oposição deve procurar ligação com os comunistas que militam nos conselhos de empresa e nos sindicatos, explicar-lhes como compreendemos a situação geral e aprender por meio deles como aplicar a nossa justa compreensão do desenvolvimento da situação às condições concretas da empresa e da oficina.” (Leon Trotsky, *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha, Sobre o controle operário da produção/Carta aos camaradas, 20/08/1931*)

E esta “marcha de todo esse trabalho de preparação é que pode, na medida de seus sucessos, indicar em que momento o Partido poderá passar de uma posição puramente propagandista a uma agitação aberta e a ações práticas imediatas, sob a bandeira do controle operário”, começa pela luta contra o desemprego, pelo respeito aos direitos e conquistas trabalhistas, contra a liquidação do parque fabril. Da ameaça de desemprego, das ameaças de falência, se deduz a exigência de abertura dos livros, da contabilidade. A partir daí, num processo crescente de mobilização e organização, a questão do controle operário da produção, da greve e da ocupação da fábrica e sua gestão direta pelos trabalhadores é um caminho que se constrói ao caminhar. A condição de que os dirigentes saibam para onde ir e os operários estejam firmemente decididos a defender suas conquistas e direitos.

Nesta batalha, os sindicatos podem jogar um grande papel. Ou de impulsionadores e construtores da vitória ou de co-veiros da luta operária. Tudo depende da orientação da direção sindical. Os perigos estão tanto a direita como a esquerda.

À direita, o principal perigo é a orientação da dita “Economia Solidária”, que nada mais é do que a ilusão contrarrevolucionária de construir o socialismo sem abolir o capitalismo e a propriedade privada, e a tentativa vã de transformar os operários em “operários-patrões” buscando desvanecer a luta de classes. Esta orientação, que tem origem na reação católica contra o socialismo, na Doutrina Social da Igreja (Encíclica *Rerum Novarum*)⁴, ainda ousa se apresentar, reciclada, como teoria que ensina a construir o socialismo tomando fábrica por fábrica, mansão por mansão.

Já à esquerda, o perigo mora nas posições ultra-esquerdistas sobre a independência dos sindicatos, que negam a possibilidade de os sindicatos jogarem um papel positivo na ocupação e gestão das fábricas ocupadas porque isso supostamente destruiria sua independência. Esta posição ajuda a desarmar os operários e sua luta, ao privá-los de um de seus mais

importantes instrumentos de combate no auge da batalha, os sindicatos, a Central Sindical. É como se um exército em pleno combate tivesse alguns de seus principais armamentos e batalhões retirados do combate. Ao largar os operários de uma fábrica ocupada à sua própria sorte, estes esquerdistas, nos fatos, se unem com os outros esquerdistas que negam a luta pela estatização “porque o Estado é burguês” e todos acabam unidos, nos fatos, ao deixar que os operários de cada fábrica ocupada se virem sozinhos.

Afinal, ninguém pode negar que é infinitamente mais difícil generalizar as ocupações e defendê-las assim como coordenar seu movimento (que instintivamente se levanta contra o Estado burguês e a propriedade privada) se os sindicatos e as Centrais Sindicais são afastados do combate prático e diário.

COMO LÊNIN COLOCAVA A QUESTÃO?

Entretanto, não é uma equação fácil definir como o sindicato deve participar da ocupação de fábricas, da luta pela estatização, do controle operário, da luta pela revolução, e ainda preservar-se como sindicato. Pois, é evidente que o sindicato deve ser preservado como órgão de defesa dos interesses de seus associados e dos interesses gerais de sua classe.

Assim é necessário nos remetermos a outras experiências e generalizações feitas em situações revolucionárias, ou durante uma revolução, pelas observações do mais genial organizador político que já teve a classe operária internacional, Lênin.

Em maio de 1917, em plena revolução, os bolcheviques combatiam por “Todo Poder aos Sovietes”:

“Enquanto formos minoria, realizaremos um trabalho de crítica e esclarecimento dos erros, defendendo simultaneamente a necessidade de que todo o poder do Estado passe às mãos dos Sovietes de deputados operários, a fim de que, sobre a base da experiência, as massas superem os seus erros.” (Lênin, Teses de Abril)



Marinheiro com a Bandeira Vermelha na Revolução Alemã de 1919

A situação econômica era caótica e quem mais sofria com isso era o povo. Os mencheviques e socialistas revolucionários apesar de majoritários nos Sovietes de operários, soldados e camponeses, insistiam em manter um governo de coalizão com a burguesia. Este governo mantinha a Rússia na guerra imperialista enquanto se agravavam dramaticamente as terríveis condições em que vivia o povo. Neste momento, Lênin, combatendo para transformar seu partido em maioria entre os trabalhadores buscava alentar e apoiar, propor, toda iniciativa capaz de defender as condições de vida do povo trabalhador assim como estimular sua mobilização e auto-organização. Em plena revolução, com um governo burguês, uma Frente Popular sustentada por partidos operários e pequeno-burgueses, Lênin não hesitava em propor aos operários que usassem tudo o que tivessem a mão para lutar e resistir. Lênin sempre foi avesso aos formalismos. Ele sabia que numa revolução se joga tudo, inclusive a cabeça do proletariado e seus dirigentes revolucionários. É o que demonstra a resolução que os bolcheviques apresentaram na Conferência dos Comitês de Fábrica de Petrogrado:

“A completa desordem de toda a vida econômica da Rússia atingiu tal proporção, que é inevitável uma catástrofe de extraordinárias dimensões que paralisará completamente uma série de indústrias da maior importância, impossibilitará os proprietários agrícolas de dirigirem suas fazendas dentro dos limites da necessidade, interromperá o tráfego ferroviário e impossibilitará o abastecimento de cereais à população industrial de milhões e milhões de seres e às cidades. Além disso, a ruína econômica já começou abarcando uma série de ramos. Só se pode lutar com êxito contra a ruína econômica elevando ao máximo a tensão das forças do povo e adotando diversas medidas revolucionárias imediatas, tanto no plano local como no centro do Estado.

Não é possível salvar-se da catástrofe nem seguindo um caminho burocrático, quer dizer, mediante a criação de instituições em que predominem os capitalistas e os funcionários, nem protegendo os lucros dos capitalistas, seu poder completo sobre a produção, seu domínio sobre o capital financeiro, seu segredo comercial em relação a seus assuntos bancários, mercantis e industriais. Isso ficou demonstrado com absoluta clareza pela experiência de toda uma série de manifestações parciais de crise em diferentes ramos da produção.

Só é possível salvar-se da catástrofe implantando um controle verdadeiramente operário da produção e da distribuição dos produtos. Para este controle é necessário, em primeiro lugar, que em todas as instituições fundamentais se garanta aos operários uma maioria não menor do que as três quartas partes de todos os votos, atraindo obrigatoriamente tanto os sócios que não tenham abandonado a direção de seus assuntos, quanto o pessoal técnico e científico; em segundo

lugar, que os comitês de fábricas, os Sovietes centrais e locais de deputados operários, soldados e camponeses, bem como os sindicatos obtenham o direito de participar no controle, sendo postos à disposição deles todos os livros comerciais e bancários e estabelecendo-se a obrigação de fornecer-lhes todos os dados que interessem; em terceiro lugar, que obtenham esse mesmo direito os representantes de todos os grandes partidos democráticos e socialistas.

O controle operário, já reconhecido pelos capitalistas em diversos casos de conflito, deve ser desenvolvido imediatamente através de uma série de medidas cuidadosamente meditadas e graduais, mas aplicadas sem demora alguma, transformando-se em um sistema de regulamentação completa da produção e da distribuição dos produtos pelos operários.

O controle operário deve ser igualmente entendido, e com esses mesmos direitos, a todas as operações financeiras e bancárias, com a obrigação de dar a conhecer em cada caso todo o estado financeiro e com a participação de conselhos e congressos, que deverão ser organizados imediatamente, com bancários, empregados dos consórcios e demais empregados.

Para salvar o país da catástrofe é necessário infundir, sobretudo na população operária e camponesa, não em palavras e sim de fato, a confiança mais completa e absoluta de que as instituições dirigentes e investidas de plenas atribuições, tanto no plano local como no centro do Estado, não se deterão diante da passagem para o povo da maior parte dos lucros, receitas e bens dos principais magnatas bancários, financeiros, comerciais e industriais da economia capitalista. Sem aplicar essa medida de modo efetivo não se pode exigir nem esperar a realização de medidas revolucionárias, nem tampouco uma tensão realmente revolucionária da energia das massas operárias e camponesas.

Em vista da completa desordem de todo o sistema financeiro e de toda a economia monetária, e diante da impossibilidade de sanear esta economia enquanto dure a guerra, o objetivo da organização geral do Estado deve ser o de levar a efeito em vasta escala, por regiões e a seguir em todo o Estado, o intercâmbio de instrumentos agrícolas, roupas, calçados e outros produtos por cereais e demais produtos agrícolas. Ampla incorporação das cooperativas da cidade e do campo a esta tarefa.

Só depois da aplicação dessas medidas, será possível e necessário implantar a obrigatoriedade geral de trabalho. Essa medida, por sua vez, requer a criação de uma milícia operária, onde os operários prestem serviço gratuito depois das oito horas de trabalho, para se chegar mais tarde à criação de uma milícia geral do povo, sendo as horas de serviço dos operários e empregados pagas pelos capitalistas. Esta milícia operária e a milícia popular que surja depois à base dela, são as únicas que podem e devem tornar efetivo o serviço geral de trabalho, não de modo burocrático, nem em benefício dos capitalistas, mas para salvar de verdade o povo da catástrofe. E essa milícia é a única que pode e deve implantar uma verdadeira disciplina revolucionária e conquistar

uma extremada tensão das forças de todo o povo para salvar o país da catástrofe. O serviço geral do trabalho é o único que pode tornar possível a maior economia de forças do trabalho do povo.

Entre as medidas indispensáveis para salvar o país da catástrofe, uma das mais importantes deve ser a trasladação da mão de obra, em grande quantidade, para a extração de carvão, para a obtenção de matérias-primas e para o transporte. Igualmente imprescindível é a passagem gradual da mão de obra da fabricação de material de guerra para a produção necessária ao restabelecimento da economia.

A realização sistemática e afortunada de todas as medidas indicadas só é possível sob a condição de que todo o poder do Estado passe às mãos dos proletários e semiproletários." (Sobre as Medidas Econômicas Contra a Desordem, redigido por Lênin, maio de 1917)

Como se vê Lênin indicava, numa situação revolucionária, qual devia ser a participação dos sindicatos na ocupação e na gestão das empresas pelos trabalhadores de forma cristalina e peremptória. Nenhuma suposta independência dos sindicatos, e dos partidos, devia afastá-los desta tarefa fundamental da revolução. Ao contrário esta era, e é, sua obrigação na luta pela revolução e em defesa das condições de vida e trabalho do proletariado.

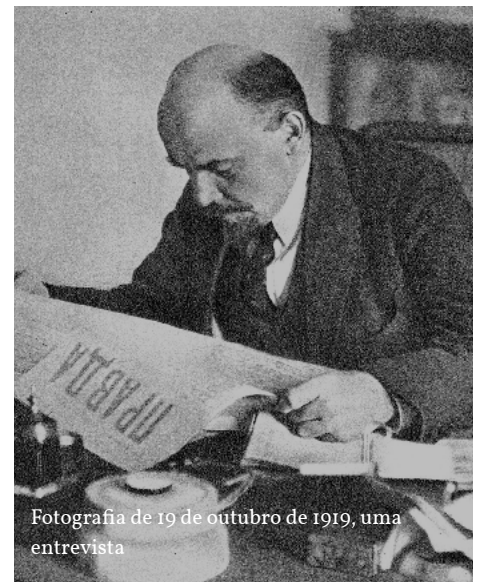
Alguns poderiam alegar que se trata de um texto apenas, em plena confusão revolucionária e que Lênin depois poderia ter se dado conta, mais tarde, de que estaria atentando contra a independência dos sindicatos etc. Nada mais longe da verdade. Em 27 de outubro, dois dias após a tomada do poder, Lênin transformava em lei nos Sovietes o que propunha em maio:

“1. É introduzido o controle operário sobre a produção, conservação e compra e venda de todos os produtos e matérias-primas, em todas as empresas industriais, comerciais, bancárias, agrícolas e outras com número de operários e empregados (em conjunto) não inferior a cinco pessoas ou com um movimento não inferior a 10 mil rublos por ano.

2. Exercerão o controle operário todos os operários e empregados da empresa, quer diretamente, se a empresa é tão pequena e isso é possível, quer através de seus representantes eleitos, que devem ser eleitos imediatamente em assembleias gerais com ata da eleição e a comunicação dos nomes dos eleitos ao governo e aos Sovietes locais de deputados operários, soldados e camponeses.

3. Fica absolutamente proibida a suspensão de trabalho de uma empresa ou de uma produção de importância nacional, bem como toda a alteração no seu funcionamento sem a autorização dos representantes eleitos pelos operários e empregados.

4. Todos os livros e documentos, sem exceção, assim como todos os armazéns e reservas de materiais, ferramentas e produtos sem qualquer exceção, devem ser abertos a estes representantes.



Fotografia de 19 de outubro de 1919, uma entrevista

5. As decisões dos representantes eleitos dos operários e empregados são obrigatórias para os proprietários das empresas e só podem ser anuladas pelos sindicatos e pelos congressos sindicais." (Regulamento Sobre o Controle Operário, outubro de 1917)

Como se vê o sindicato politicamente independente não é neutro na luta de classes e nem se desfigura ao participar do combate de ocupação e de gestão operária da produção.

Coerente com sua concepção revolucionária, em 1920, Vladimir Lênin reafirmava esta orientação apoiando as propostas feitas por um outro dirigente bolchevique, Ivan Rudzutak. E o fazia no mesmo discurso em que defendia, contra a posição equivocada de Trotsky, a independência dos sindicatos frente ao Estado, inclusive frente ao Estado operário. Este texto é conhecido como "O Erro Fundamental do Camarada Trotsky" e o próprio Leon Trotsky o reconheceria mais tarde como um texto justo e que corrigia um importante erro político. Este texto completo é esclarecedor sobre qual deve ser nossa posição frente aos sindicatos e sua relação com as ocupações de fábricas numa situação revolucionária ou numa revolução aberta. Dizia Lênin:

“A última coisa que queria dizer-lhe, e de que ontem tive que me criticar, é que passei por alto nas teses do camarada Rudzutak. Rudzutak tem o defeito de não saber falar alto, de maneira persuasiva e com beleza. É fácil não prestar atenção, não se inteirar do que ele diz. Ontem, ao não poder assistir à reunião, repassei meus papéis e encontrei entre eles uma folha editada a propósito da V Conferência de Sindicatos de Toda a Rússia, reunida de 2 a 6 de novembro, de 1920. Esta folha tem como título: As Tarefas dos Sindicatos na Produção. Vou lê-las, o texto não é muito grande.”

À V CONFERÊNCIA DE SINDICATOS DE TODA A RUSSIA: AS TAREFAS DOS SINDICATOS NA PRODUÇÃO

Teses do informe do camarada Rudzutak:

1. Imediatamente após a Revolução de Outubro, os sindicatos tornaram-se quase os únicos organismos que, ao lado da aplicação do controle operário, podiam e deviam assumir a tarefa de organizar e dirigir a produção. No primeiro período do poder soviético, o aparelho estatal de direção da economia nacional ainda não estava organizado, e a sabotagem dos donos das empresas e do pessoal técnico superior colocou com premência, ante a classe operária, as tarefas de manter a indústria e de restabelecer o funcionamento normal de todo o aparelho econômico do país.

2. No período seguinte de trabalho do Conselho Superior de Economia Nacional, quando uma parte considerável deste trabalho se reduzia à liquidação das empresas privadas e à organização da direção destas pelo Estado, os sindicatos realizaram este trabalho junto e conjuntamente com os organismos estatais de direção econômica.

A debilidade dos organismos estatais não só explicava, mas, além disso, justificava semelhante paralelismo; historicamente, esse paralelismo estava justificado por haver-se estabelecido um completo contato entre os sindicatos e os organismos de direção econômica.

3. A direção dos organismos econômicos do Estado e a dominação gradual por estes do aparelho da produção, direção e coordenação das diferentes partes deste aparelho, tudo isso fez com que passasse para os referidos organismos o centro de gravidade do trabalho de direção da indústria e de elaboração do programa de produção. Em virtude disso, o trabalho dos sindicatos na esfera da organização da produção se reduziu à participação na formação de juntas assessoras das direções gerais, departamentos centrais e administrações de fábricas.

4. Atualmente, voltamos novamente a abordar de cheio a questão relativa ao estabelecimento da mais estreita ligação entre os organismos econômicos da República soviética e os sindicatos, quando é necessário a todo custo utilizar racionalmente cada unidade de trabalho

e incorporar todos os trabalhadores a uma participação consciente no processo de produção; quando o aparelho estatal da direção econômica, ao crescer e complicar-se paulatinamente, converteu-se em uma máquina burocrática desproporcional, enorme em comparação com a própria produção, e quando impulsiona inevitavelmente os sindicatos a tomarem parte direta na organização da produção, não só através da representação pessoal nos organismos econômicos, senão como tal organização em seu conjunto.

5. Se o Conselho Superior de Economia Nacional focaliza a fixação do programa geral de produção partindo dos elementos materiais de produção existentes (matéria-prima, combustível, estado da maquinaria etc.), os sindicatos devem encarar este problema do ponto de vista da organização do trabalho com vistas às tarefas de produção e à utilização racional deste. Por isso, o programa geral de produção, por partes e em seu conjunto, deve ser traçado com a participação clara dos sindicatos a fim de combinar do modo mais conveniente o aproveitamento dos recursos materiais da produção e do trabalho.

6. A implantação de uma efetiva disciplina de trabalho e a luta eficaz contra os casos de deserção do trabalho etc., só são concebíveis com a participação consciente de todos os produtores no cumprimento das tarefas. Os métodos burocráticos e as ordens de cima não conseguem isto, ou melhor, é necessário que cada trabalhador compreenda a necessidade e a conveniência das tarefas a serem cumpridas na produção; é necessário que cada produtor não somente participe no cumprimento das tarefas indicadas de cima, mas que tome parte, conscientemente, na correção de todas as deficiências técnicas e de organização, na esfera da produção.

As tarefas dos sindicatos nesse terreno são enormes. Eles devem ensinar os seus membros, em cada oficina e em cada fábrica, a descobrir e levar em conta todos os defeitos no aproveitamento da mão de obra, derivados de uma utilização descasada dos meios técnicos ou de um trabalho administrativo deficiente. A soma da experiência das diferentes empresas e da produção deve ser utilizada para uma luta decidida contra a papelada, a negligência e o burocratismo.

7. Para assinalar, especialmente, a importância destas tarefas de produção, do ponto de vista da organização, devem os sindicatos ocupar um posto determinado no trabalho corrente. As seções econômicas, que em virtude de um acordo do III Congresso de Toda a Rússia estão sendo organizadas anexas aos sindicatos, ao desenvolver o seu trabalho devem deixar claro e determinar paulatinamente o caráter de todo o trabalho sindical. Assim, por exemplo, nas atuais condições sociais, quando toda a população se encaminha para satisfazer as necessidades dos próprios trabalhadores, as quotas de salários e os prêmios devem manter a mais estreita conexão e dependência como grau do cumprimento do plano de produção. O sistema de prêmios em espécie e o pagamento de uma parte do salário em espécie devem converter-se gradualmente em um sistema de abastecimento dos operários em função do nível alcançado pela produtividade do trabalho.

8. Esta forma de encarar o trabalho dos sindicatos deve, de um lado, pôr fim à existência de organismos paralelos (seções políticas etc.) e, de outro, restabelecer a estreita conexão das massas com os organismos de direção econômica.

9. Depois do II Congresso, os sindicatos não conseguiram aplicar em grau considerável o seu programa no que se refere à sua participação na edificação da economia nacional, devido, de um lado, às condições próprias do tempo de guerra, e, de outro, em consequência de sua debilidade orgânica e por estarem desligados do trabalho dirigente e prático dos organismos econômicos.

10. Por isso, os sindicatos devem propor as seguintes tarefas práticas imediatas: a) participação mais ativa na solução dos problemas da produção e da direção; b) participação direta, conjuntamente com os correspondentes organismos econômicos, na constituição de organismos competentes de direção; c) estudo minucioso e influência dos diferentes tipos de direção na produção; d) participação obrigatória na elaboração e no estabelecimento dos planos econômicos e dos programas de produção; e) organização do trabalho em relação com o grau de urgência das tarefas econômicas; f) desenvolvimento de uma ampla organização da agitação e propaganda na esfera da produção.



Mówią wieki, Histmag.com

Ato de recebimento ao Exército Vermelho. Arquivo: Mówią wieki, Histmag.com

11. É necessário que as seções econômicas anexas aos sindicatos e às organizações sindicais se convertam efetivamente em poderosos meios que atuem com rapidez para assegurar a participação sistemática dos sindicatos na organização da produção.

12. Com o objetivo de regulamentar o abastecimento material dos operários, é necessário que os sindicatos transfiram sua influência para os organismos de distribuição do Commissariado do Povo de Abastecimento, tanto locais como central, tornando efetivos a participação prática e o controle em todos os organismos de distribuição, dando especial atenção à atividade das comissões de abastecimento operário centrais e provinciais.

13. Uma vez que o chamado "sistema de trabalho de choque", devido à compreensão estreita por parte das diferentes direções gerais, departamentos centrais, etc., já adquiriram o mais desordenado caráter, é preciso que os sindicatos se mobilizem em toda parte em defesa da aplicação efetiva do referido sistema de trabalho na economia e da revisão do sistema vigente de determinação do trabalho de choque em relação com a importância da respectiva produção, tendo em conta os recursos materiais existentes no país.

14. É necessário concentrar, especialmente, a atenção no chamado grupo-modelo de empresas, fazendo com que sejam verdadeiramente modelos mediante a criação de uma direção competente, a observação da disciplina de trabalho e o trabalho de organização sindical.

15. Em virtude da organização do trabalho, além de estabelecer um sistema regular de tarifas de salários e de revisar em todos os aspectos as normas de rendimento, é preciso que os sindicatos tomem firmemente em suas mãos a luta contra os diferentes casos de deserção do trabalho (ausência injustificada ao trabalho, falta de pontualidade etc.). Os tribunais disciplinadores, aos quais até agora não se dedicou a devida atenção, devem ser transformados em um meio eficaz de luta contra a infração da disciplina proletária no trabalho.

16. O cumprimento das tarefas enumeradas, bem como a elaboração de um plano prático de propaganda na esfera da produção e de diversas medidas para melhorar a situação econômica dos operários, devem recair sobre as seções econômicas. Por isso, é necessário recomendar à seção econômica do Conselho Central dos Sindicatos da Rússia que convoque com brevidade uma conferência de seções econômicas de toda a Rússia para examinar as questões práticas da edificação econômica em conexão com o trabalho dos organismos econômicos do Estado." (Rudzutak, 1920).

"Espero que agora compreenderéis por que tive de censurar-me. Isto, sim, é uma plataforma, cem vezes melhor do que o que escreveu o camarada Trotsky, depois de haver pensado muito, e do que o que escreveu o camarada Bukhárin (resolução do pleno de 7 de dezembro), sem haver pensado nada. Todos nós, membros do Comitê Central, que não trabalhamos durante muitos anos no movimento sindical, teríamos que aprender com o camarada Rudzutak, e o camarada Trotsky e o camarada Bukhárin também teriam que aprender com ele. Os sindicatos adotaram esta plataforma."



Trabalhadores soviéticos nos anos 1930

(Discurso durante sessão conjunta do 8º Congresso dos Sovietes, de membros do Conselho Central dos Sindicatos da Rússia, do Conselho de Sindicatos de Moscou e de militantes do PC(b) da Rússia)

Assim, para Lênin, os sindicatos são parte das organizações operárias e devem juntar-se ao combate pela revolução operária. Seus textos demonstram que neste aspecto ele não fazia diferença, de fundo ou significativa, entre o período revolucionário em que ainda sobrevivia um governo burguês ou um período revolucionário com um governo revolucionário. Para Lênin se tratava da marcha viva da revolução e dos combates em que cada classe usa todas as suas fortalezas e armas para vencer.

Trotsky, que sabia aprender e era avesso às receitas prontas para qualquer situação, explicou a mesma coisa discutindo uma situação prática no México

nos anos 40. Cito integralmente a análise do fundador da 4ª Internacional:

"Nos países industrialmente atrasados o capital estrangeiro joga um papel decisivo. Daí a relativa debilidade da burguesia nacional em relação ao proletariado nacional. Isto cria condições especiais de poder estatal. O governo gira entre o capital estrangeiro e o nacional, entre a relativamente débil burguesia nacional e o relativamente poderoso proletariado. Isto dá ao governo um caráter bonapartista de índole particular. Se eleva, por assim dizer, por cima das classes. Em realidade, pode governar ou bem convertendo-se em instrumento do capitalismo estrangeiro e submetendo o proletariado com as cadeias de umaditadura policial, ou manobrando com o proletariado, chegando inclusive a fazer-lhe concessões, ganhando deste modo a possibilidade de dispor de certa libertada em relação aos capitalistas estrangeiros. A atual política [do governo mexicano] se situa na segunda alternativa; suas maiores conquistas são a expropriação das ferrovias e das companhias petrolíferas.

Estas medidas se enquadram inteiramente nos marcos do capitalismo de Estado. Entretanto, em um país semicolonial, o capitalismo de Estado se acha sob a grande pressão do capital privado estrangeiro e de seus governos, e não pode manter-se sem o apoio ativo dos trabalhadores. Isso é o que explica por que, sem deixar que o poder real escape de suas mãos, [o governo mexicano] trata de dar às organizações operárias uma considerável parte da responsabilidade na marcha da produção dos ramos nacionalizados da indústria.

Qual deveria ser a política do partido operário nestas circunstâncias? Seria um erro desastroso, um completo engano, afirmar que o caminho para o socialismo não passa pela revolução proletária, senão pela nacionalização (estatização) que faça o Estado burguês em alguns ramos da indústria e sua transferência às organizações operárias. Mas, esta não é a questão. O governo burguês levou a cabo por si mesmo a estatização e se viu obrigado a pedir a participação dos trabalhadores na administração da indústria nacionalizada. Por suposto, se pode evadir a questão aduzindo que, a menos que o proletariado tome o poder, a participação dos sindicatos no manejo das empresas do capitalismo de Estado não pode dar resultados socialistas. Entretanto, uma política tão negativa de parte da ala revolucionária não seria compreendida pelas massas e reforçaria as posições oportunistas. Para os marxistas não se trata de construir o socialismo com as mãos da burguesia, mas de utilizar as situações que se apresentam dentro do capitalismo de Estado e fazer avançar o movimento revolucionário dos trabalhadores.

A participação nos parlamentos burgueses não pode já oferecer resultados positivos importantes; em determinadas situações, pode inclusive conduzir à desmoralização dos deputados operários. Mas, isto não é argumento para que os revolucionários apoiem o antiparlamentarismo.

Seria inexacto identificar a participação operária na administração da indústria nacionalizada com a participação dos socialistas em um governo burguês (o que se chama ministerialismo). Todos os membros de um governo estão ligados por laços de solidariedade. Um partido representado no governo é responsável da política do governo em seu conjunto. A participação e manejo de um certo ramo da indústria fornece, em troca, uma ampla oportunidade de oposição política. No caso de que os representantes operários estejam em minoria na administração, têm todas as oportunidades para proclamar e publicar suas propostas rechaçadas pela maioria, fazer com que os trabalhadores as conheçam etc.

A participação dos sindicatos na administração da indústria nacionalizada pode comparar-se com a dos socialistas nos governos municipais, onde ganham as vezes a maioria e estão obrigados a dirigir uma importante economia urbana, enquanto a burguesia continua dominando o Estado e segue vigentes as leis burguesas de propriedade. Na municipalidade, os reformistas se adaptam passivamente ao regime burguês. No mesmo terreno, os revolucionários fazem tudo o que podem no interesse dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, lhes ensinam

a cada passo que, sem a conquista do poder de Estado, a política municipal é impotente.

A diferença é, sem dúvida, que no governo municipal os trabalhadores ganham certas posições por meio de eleições democráticas, enquanto na esfera da indústria nacionalizada o próprio governo os convida a fazer-se cargo de determinados postos. Mas, esta diferença tem um caráter puramente formal. Em ambos os casos, a burguesia se vê obrigada a conceder aos trabalhadores certas esferas de atividade. Os trabalhadores as utilizam em favor de seus próprios interesses.

Estes consistem em que o capitalismo de Estado, por meio de sindicatos controlados, pode conter os operários, explorá-los cruelmente e paralisar sua resistência

Seria estúpido não ter em conta os perigos que surgem de uma situação em que os sindicatos desempenham um papel importante na indústria nacionalizada. O risco está na conexão dos dirigentes sindicais com o aparato do capitalismo de Estado, na transformação dos representantes do proletariado em reféns do Estado burguês. Mas, por maior que possa ser o perigo, só constitui uma parte do perigo geral, mais exatamente, de uma enfermidade geral: a degeneração burguesa dos aparatos sindicais na época do imperialismo, não só nos velhos centros metropolitanos senão também nos países coloniais. Os líderes sindicais são, na ampla maioria dos casos, agentes políticos da burguesia e de seu Estado. Na indústria nacionalizada podem tornar-se, e já estão se tornando, seus agentes administrativos diretos. Contra isto não há outra alternativa a não ser lutar pela independência do movimento operário em geral; e em particular pela formação nos sindicatos de firmas núcleos revolucionários que, por sua vez defendam a unidade do movimento sindical e sejam capazes de lutar por uma política de classe e uma composição revolucionária dos organismos diretivos.

Outro perigo reside no fato de que os bancos e outras empresas capitalistas, das quais depende economicamente um ramo determinado da

indústria nacionalizada, podem utilizar, e sem dúvida o farão, métodos especiais de sabotagem para pôr obstáculos no caminho da administração operária, desacreditá-la e empurrá-la ao desastre. Os dirigentes reformistas tratarão de evitar o perigo adaptando-se servilmente às exigências de seus provedores capitalistas, em particular dos bancos. Os líderes revolucionários, ao contrário, da sabotagem bancária extrairão a conclusão de que é necessário expropriar os bancos e estabelecer um só banco nacional, que faria a contabilidade de toda a economia. Certamente, esta questão deve estar indissolúvelmente ligada à da conquista do poder pela classe trabalhadora.

As distintas empresas capitalistas, nacionais e estrangeiras, conspirarão inevitavelmente, junto com as instituições estatais, para obstaculizar a administração operária da indústria nacionalizada. Por sua parte, as organizações operárias que manejem os distintos ramos da indústria nacionalizada devem unir-se para trocar experiências, dar-se mútuo apoio econômico, e atuar unidas frente ao governo, pelas condições de crédito etc. Claro que, essa direção central da administração operária dos ramos nacionalizados da indústria deve estar em estreito contato com os sindicatos.

Para resumir, pode afirmar-se que este novo campo de trabalho implica as maiores oportunidades e os maiores perigos. Estes consistem em que o capitalismo de Estado, por meio de sindicatos controlados, pode conter os operários, explorá-los cruelmente e paralisar sua resistência. As possibilidades revolucionárias consistem em que, baseando-se em suas posições nos ramos industriais de excepcional importância, os operários levem o ataque contra todas as forças do capital e do Estado burguês.

Qual destas possibilidades triunfará? E em quanto tempo?

Naturalmente, é impossível prever. Depende totalmente da luta das diferentes tendências da classe operária, da experiência dos próprios trabalhadores, da situação mundial. De todo modo, para utilizar esta nova forma de atividade no interesse dos trabalhadores e não da burocracia e aristocracia operária, só se necessita uma condição: a existência de um partido marxista revolucionário que estude cuidadosamente todas as formas de atividade da classe operária, critique cada desvio, eduque e organize os trabalhadores, ganhe influência nos sindicatos e assegure uma representação operária revolucionária na indústria nacionalizada." (Leon Trotsky, *A indústria nacionalizada e a administração operária*, 12 de maio de 1939)

Tanto Lênin como Trotsky definem o papel do sindicato numa situação revolucionária e de mobilização dos trabalhadores de forma a ajudar a que estes se apoderem dos meios de produção, mas, principalmente, para que se coloque a questão de todo o poder, da necessidade de controlar toda a economia e, portanto, colocando-se desde o ponto de vista de controlar o Estado.

Isto nada tem que ver com a “cogestão” da social-democracia alemã em que os sindicatos são convocados a ajudar a gerir os negócios da burguesia para fazer passar os planos antioperários da patronal. A questão chave aqui é se a ação dos trabalhadores e seus sindicatos através da mobilização e de métodos de luta proletários questionam a propriedade privada dos grandes meios de produção ou se apenas se trata de um acordo de gestão para salvar o capital. A situação política, a disposição dos trabalhadores e os métodos de luta, e a reivindicação que levantam, são as questões essenciais para definir que tipo de movimento se enfrenta. Enfim, a questão chave é: quem manda na fábrica, quem toma as decisões.

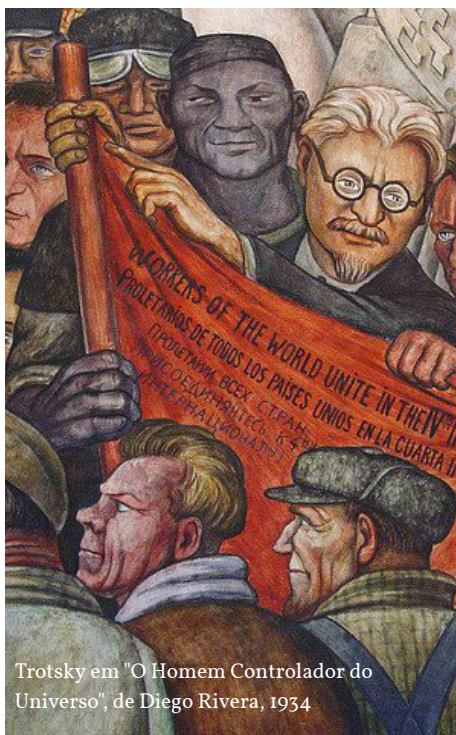
No caso da Venezuela, e do Brasil, não há nenhuma dúvida de que é o movimento da revolução que impulsiona as ocupações de fábricas e provoca o aparecimento de palavras de ordem como estatização com controle operário, estatização com cogestão etc.

Na Cipla e Interfibra o sindicato não está na origem da luta, mas foi envolvido pelos trabalhadores e foi junto até certo ponto. A partir do questionamento prático da propriedade privada dos meios de produção e da defesa de todas as reivindicações operárias dos trabalhadores de Joinville, assumidas pelo Conselho de Fábrica, a direção reacionária do sindicato não suportou mais e rompeu com os trabalhadores das fábricas ocupadas abertamente.

Mas, no início, foi o Sindicato que nomeou legalmente a Comissão eleita pelos trabalhadores para gerir a Cipla e a Interfibra. Esta Comissão prestava contas periodicamente ao Sindicato, até a ruptura. No caso da Flaskô (SP), a participação do Sindicato dos Químicos era ainda mais efetiva, com um diretor do Sindicato tendo assento permanente no Conselho de Fábrica.

Em nenhum momento a independência dos sindicatos esteve ameaçada por isso. Ao contrário, a questão das ocupações e da gestão das fábricas pelos trabalhadores em luta pela sua estatização, levou a que estes dois sindicatos se afastassem porque, de fato, a questão colocava uma ruptura tal com a burguesia que eles não podiam suportar. Afinal não se tratava de, no quadro do capitalismo, trocar um proprietário falido por centenas ou milhares de pequenos e iludidos proprietários, mas de questionar através da ação coletiva, de classe, a propriedade privada dos meios de produção e colocar na parede o conjunto do regime e seu Comitê Central, o Estado burguês.

Toda a discussão que se trava hoje no movimento operário não é nova. Ela repete, em linhas gerais, a discussão entre mencheviques, anarquistas e bolcheviques, durante o ano de 1917 nas Conferências e Congressos dos Comitês de Fábrica



Trotsky em "O Homem Controlador do Universo", de Diego Rivera, 1934

que se espalharam por Petrogrado durante a revolução. Os mencheviques falavam de controle operário para impedir o caminho da revolução, eles colocavam que o objetivo das empresas com administração operária era ser rentável e melhorar assim a vida daqueles operários. São os autogestionários de hoje em dia cujo maior exemplo é a UNIFORJA, a rede UNISOL, a ANTEAG e as cooperativas de todo tipo.

Os anarquistas sustentavam que a gestão operária era o caminho para as “comunidades produtivas autônomas”, ou seja, uma espécie de “socialismo em cada fábrica”. São ancestrais dos atuais defensores da dita “Economia Solidária” que anunciam aos trabalhadores que é possível construir paraísos socialistas artificiais e ir substituindo a distraidada burguesia e o capitalismo pouco a pouco sem que eles percebam.

Já os bolcheviques colocavam a questão do ponto de vista da luta dos trabalhadores pelo poder. O controle operário era a prova da incapacidade e esgotamento do capitalismo assim como da prova prática de que os proprietários, os burgueses, são parasitas, supérfluos, e podem ser descartados, com vantagem para o povo. O controle operário é apenas um mecanismo transitório da luta pela expropriação de todo o capital e a planificação da economia pelo Estado operário.

Esta orientação era tão clara para os operários que na Conferência dos Comitês de Fábrica, em junho de 1917, apesar de continuar sendo ainda minoria nos Soviotes, a resolução apresentada pelos bolcheviques sobre o controle operário conquistou 335 votos de um total de 421 delegados.

À Lênin jamais ocorreu que o controle operário não fosse apenas uma ponte, uma transição, para um verdadeiro

governo operário e camponês sobre a base da propriedade social:

“Quando dizemos, controle operário, colocando sempre esta palavra de ordem junto a da ditadura do proletariado, imediatamente depois dela, damos a entender com nitidez a que Estado estamos nos referindo.” (A Catástrofe que nos ameaça e como combatê-la, Lênin, setembro de 1917)

Os sindicatos não devem ser independentes da luta de classes do proletariado, mas da burguesia, do capital e do Estado. Cabe aos sindicatos organizar, hoje, a luta em defesa do emprego que é a defesa da própria existência da classe operária e da continuidade da existência do parque fabril. Isto exige estar pronto para mobilizar, ocupar e participar na direção das fábricas sob controle dos trabalhadores.

Onde ele perde a independência é quando aplica uma política de “Economia Solidária”, de acompanhamento da crise e gestão da empresa pelos capitalistas e quando abandona a luta pela estatização, pelo controle operário e pela planificação da economia pelos trabalhadores no controle do Estado.

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DA AMÉRICA LATINA

A situação na Venezuela é complexa e seguidamente confusa. Aliás, como só pode ser toda revolução. Ninguém sensato pode esperar uma revolução organizada com hora e data, com conceitos claros na cabeça dos operários e organizações perfeitas. A revolução é uma grande bagunça onde a classe operária tenta chegar ao paraíso, ou ao menos, escapar do inferno.

Tendo perdido sua central sindical (CTV), tomada pela contrarrevolução, e sem um verdadeiro partido operário independente, tentando ocupar seu lugar na revolução permanente de caráter proletária anti-imperialista, é evidente que a classe operária venezuelana pagaria um preço caríssimo por todo tipo de desenvolvimento, por cada vitória e cada derrota, cada avanço e cada recuo. Mas a questão central para que ela encontre o melhor caminho em meio ao turbilhão revolucionário é que ela se constitua como classe para si através de suas organizações próprias. Por isso, têm um caráter central no desenvolvimento da revolução venezuelana a construção da UNT e as ocupações de fábricas, sua estatização e todo o esforço que faz o proletariado para impor o controle operário e generalizá-lo em busca de uma saída global positiva. Faz parte do combate anti-imperialista da classe trabalhadora venezuelana sua afirmação como classe, assim como a defesa dos objetivos imediatos e históricos próprios da classe operária é uma necessidade e consequência da hegemonia do proletariado na revolução. A Venezuela é um exemplo

de revolução permanente. E a questão das ocupações de fábricas começa a colocar cada dia mais claramente a necessidade de um governo operário e camponês que avance no sentido do controle e da planificação da economia.

É para ajudar neste combate que é preciso correr contra o relógio na construção de uma organização sobre a base do programa da 4ª Internacional. O que só pode ser feito no combate pelo controle operário, pela consolidação da UNT, e neste processo ajudar a clarificação que a luta de classes e nossa ação vão operar abrindo o caminho para a constituição de um verdadeiro Partido Operário Independente. Este seria o primeiro passo, a independência de classe, para o desenvolvimento da ala consequentemente revolucionária da classe trabalhadora em direção à construção de um partido operário revolucionário de massas, como foi o partido bolchevique.

Este combate operário concreto, hoje, passa pela marcha, lado a lado, com Chávez em todas as suas medidas anti-imperialistas e populares, em defesa da nação ameaçada. Mas, a orientação central é o desenvolvimento da auto-organização das massas em choque com o Estado burguês que resiste e tenta desmontar a revolução.

Chávez declarou que o capitalismo conduz à barbárie, combateu a ALCA, declarou que luta pelo "Socialismo do século 21", estatiza fábricas e distribui terras. Declarou que é um trabalhador, um pobre e não "um dos ricos". As massas populares se reconhecem nele. Todas suas declarações sobre a convivência com a propriedade privada, sua política hesitante em relação às multinacionais e ao capital financeiro, as esperanças em Lula, Kirchner e Tabaré Vázquez, as tentativas de conciliação com a burguesia venezuelana, não impedirão que ele seja um intruso insuportável aos olhos dos capitalistas e seus representantes. Sua adesão ao Mercosul dizendo que é um instrumento contra a Alca, só mostra que sua oscilação prossegue, e é extraordinariamente perigosa para a revolução venezuelana. A origem política de Chávez se expressa aqui numa permanente oscilação entre a burguesia e as massas populares, entre as classes sociais em luta.

Entretanto, quaisquer que sejam as oscilações de Chávez sobre a questão, a entrada da Venezuela no Mercosul é objetivamente um fator de acréscimo de ilusões no Mercosul como um bloco de resistência contra a Alca, que é a política de Lula (e do SU em particular). É preciso entender claramente que a entrada da Venezuela e o reavivamento do Mercosul corresponde a uma situação complexa em que parece o "enterro" da ALCA (na verdade sua passagem para um segundo plano momentâneo) por causa da resistência das massas em escala continental, assim como o aprofundamento da situação

revolucionária na América Latina, que obriga Lula a tentar jogar um papel chave na estabilização do continente, ou seja, no esmagamento da resistências das massas e suas organizações.

Uma forma apropriada deve ser encontrada para abrir uma discussão e um combate real contra o Mercosul em escala da América do Sul. Mas, especialmente esta discussão deve se desenvolver com o movimento operário venezuelano sobre o caráter do Mercosul, seu significado e consequências para as massas laboriosas e a soberania das nações⁵.

O Mercosul é contraditório com a luta das fábricas ocupadas. As consequências do Mercosul serão um desastre sobre o projeto de industrialização da Venezuela, pois questiona a soberania nacional, assim como sobre os direitos trabalhistas e o incremento da divisão entre operários dos países envolvidos (questionamento da independência das organizações operárias). As explicações necessárias devem partir das declarações do 1º. *Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores* (Caracas, 29/10/06) e da 3ª. Conferência Nacional em defesa do emprego, dos direitos, da reforma agrária e do parque fabril (Joinville, 18/12/05), em especial das formulações:

"Nós combatemos a integração como nos propõe o capital internacional com seus Tratados de Livre Comércio. Somos pela integração fraterna e soberana dos povos, que somente pode ser construída pelos próprios povos na luta contra a guerra e a exploração, em defesa das nossas conquistas." (Primeiro Encontro Latino-Americano de empresas recuperadas pelos trabalhadores/ Declaração da mesa de trabalhadores de empresas recuperadas)

"Sabemos como isto é verdade, pois já sofremos na pele as consequências do Mercosul (acordo das multinacionais) que já destruiu 50 mil pequenos produtores de leite no Brasil, milhares de empregos e de pequenas empresas no Uruguai e Argentina." (Declaração final da 3ª. Conferência Nacional em Defesa do Emprego, dos Direitos, da Reforma Agrária e do Parque Fabril, Joinville, SC)

Uma coisa é certa. A revolução venezuelana não pode manter-se indefinidamente no estágio atual de mobilização e hesitação, de tentativas de conciliação de classes, de um avanço e uma manobra. Ela deve mais cedo ou mais tarde desembocar numa vitória ou numa derrota das massas. E só pode ser vitoriosa expropriando o capitalismo e constituindo um verdadeiro governo operário e camponês, que se apoiando na auto-organização das massas, seja de fato um passo em direção à ditadura do proletariado. E isso significa que a revolução

venezuelana não pode ser vitoriosa nos limites da Venezuela. Ou ela se estende para toda a América Latina ou será sufocada. Começou na Venezuela, mas depende da ação revolucionária das massas no continente para derrubar os governos títeres e expulsar o imperialismo, fazer a Reforma Agrária e expropriar o capital.

Venezuela não é Cuba, e nem a situação política é dos anos 60. A Venezuela revolucionária só pode sobreviver no terreno internacional, aliando-se aos oprimidos e explorados de toda a América Latina e combatendo pela Federação Socialista da América Latina, uma união livre de repúblicas operárias soberanas. Esta é a única e verdadeira integração que interessa aos povos do continente e este é o eixo de construção da Internacional nas Américas. O lugar e a ajuda que podem dar aqui os trabalhadores dos EUA são inestimáveis.

O ENCONTRO DE CARACAS E NOSSO COMBATE

Mas, para poder utilizar os pontos de apoio que temos para ajudar a revolução é preciso compreender a profundidade de que se passa quando um governo nacionalista, anti-imperialista, cercado e pressionado por todos os lados, em especial por seus pretensos aliados (Lula, Kirchner, etc.), decide, apesar de tudo, realizar um acordo de Estado com as fábricas ocupadas no Brasil. E que Chávez e seu governo sabem muito bem, é um movimento operário dirigido por militantes que reivindicam a 4ª Internacional e estão em choque com o governo Lula.

"Na noite anterior havia se estendido as negociações entre Cipla (SG e O.) e Pequiven (T. e R.) para fechamento do acordo comercial com o texto final ficando redigido apenas às 22:30h. Entretanto, no dia seguinte, às 06:30h da manhã, a Chancelaria Venezuelana chama a Ministra do Trabalho, Maria Cristina, porque o embaixador brasileiro tem em mãos uma cópia do texto final do acordo enviado do Brasil pela Brasquem (multinacional brasileira da petroquímica). O embaixador brasileiro tenta dissuadir o governo venezuelano de assinar o acordo com a Cipla e inclusive alega impedimento pelas regras da OMC. A discussão prossegue toda a manhã. O Ato de encerramento estava previsto para as 11 horas, mas só começou às 13:30 quando se encerrou a reunião com a embaixada brasileira com a recusa do governo venezuelano de romper o acordo com as fábricas ocupadas. ...

Houve também uma cerimônia de assinatura do acordo comercial entre o governo da Venezuela e a Cipla, quando Serge Goulart e o presidente da estatal Pequiven, Saul Ameliach, assinaram o contrato diante do plenário. Neste Acordo, a Pequiven se compromete a fornecer matérias-primas para as Fábricas Ocupadas, representadas pela Cipla, com prazo de um ano para pagamento, e estas se

Votação no Encontro Pan-Americano em Defesa de Emprego, de Direitos, da Reforma Agrária e do Parque Fabril, na Cipla, em 2006



comprometem a transferir tecnologia para construção de casas de plástico, para diversos produtos plásticos e para a produção de tubos de Epóxi, da Interfibra, para a extração de petróleo, através da PDVSA.” (Relatório Factual do 1º. Encontro, JTF, SG e mais cinco camaradas da DN OT)

Não compreender que Chávez enfrentou Lula e toda sua política, seus meios de pressão, e bancou o acordo com a Cipla, inclusive contra as regras da OMC, se apoiando no movimento das massas, é não compreender que tremendo movimento é este da Venezuela e o choque que se prepara. É preciso compreender que Chávez busca um acordo com a revolução proletária internacional, com sua expressão política, as organizações que se reivindicam da 4ª. Internacional e seu programa. Não se trata, longe disso, de uma “operação de aparelho para capturar”, como um sectário traduziria esta situação, mas da força da revolução e da força do Programa.

Quaisquer que sejam seus problemas políticos, não há como não ver que Chávez globalmente avança como parte e produto do movimento revolucionário das massas. E isso não lhe será perdoado pelo imperialismo. Ele ousou dizer “Não” em uma época em que todos os governos, e os dirigentes operários tradicionais, só dizem “Sim, senhor”.

De certa forma, a política de Chávez é a pura expressão das dificuldades e das ilusões que ainda carregam as massas oprimidas na Venezuela.

Mas, Chávez tem um mérito extraordinário, de ter tomado iniciativas que empurraram para frente a situação revolucionária, e neste turbilhão, manteve-se ao lado das massas cada vez que elas avançaram e travaram um combate. Ele compreende isso como demonstrou ao declarar no 1º. Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores:

“...realmente, porque aparecemos nós, não eu, nós, no 4 de fevereiro de 1992. Aparecemos por vocês, porque já o povo venezuelano havia indicado o rumo e sempre tenho dito, não houvesse ocorrido o 4 de fevereiro de 1992, se não houvesse ocorrido antes o 27 de fevereiro de 1989, onde o povo venezuelano se revelou contra o imperialismo, contra o FMI, contra o capitalismo, são fatos concatenados, são fatos enlaçados profundamente.” (Discurso de Chávez na abertura do 1º. Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores, Caracas, 28/10/05)

Ao promover junto com as fábricas ocupadas do Brasil o 1º. Encontro Latino-Americano de Empresas Recuperadas pelos Trabalhadores, cuja Declaração Final é um libelo contra o capitalismo e o regime da propriedade privada dos meios de produção, o governo Chávez dá um passo significativo à frente. Eis o que diz a declaração final:

“Na Venezuela, que vive uma revolução, os trabalhadores colocaram na ordem do dia a expropriação, sob o controle dos

trabalhadores, destas empresas de diferentes maneiras. Saudamos o anúncio do companheiro presidente Chávez durante a instalação deste Encontro, de realizar duas novas expropriações de empresas e colocá-las sob o controle dos trabalhadores. É isso que necessitamos em nossos países. Devemos avançar até o controle total da economia pelos trabalhadores, para colocá-la planejadamente a serviço de todo o povo.

Nosso movimento é anti-imperialista, anticapitalista. É um grito e um movimento organizado da classe trabalhadora contra o regime de propriedade privada dos grandes meios de produção que somente pode sobreviver fazendo a guerra, explorando e oprimindo os povos.

...

Nós combatemos a integração como nos propõe o capital internacional com seus Tratados de Livre Comércio. Somos pela integração fraterna e soberana dos povos, que somente pode ser construída pelos próprios povos na luta contra a guerra e a exploração, em defesa das nossas conquistas.” (Declaração da Mesa de Trabalhadores, aprovada por aclamação na Plenária final do 1º. Encontro Latino-Americano de Empresas Recuperadas pelos Trabalhadores)

Mas, acima de tudo se destaca o anúncio feito por Chávez das novas expropriações e a reivindicação da consciência de classe operária:

“Digam vocês, sim existem 235 empresas segundo li esta tarde, há mais de 10 mil trabalhadores, bom que recuperaram a empresa ao largo de nosso continente e seguro que há muito mais e que haverá muito mais, eu disse a Maria Cristina (ministra do Trabalho, nota SG) que me desse uns informes antes da viagem a Mar del Plata, vou assinar os decretos de expropriação que estão pendentes por aí!

Um é o de SIDEROCA! Uma siderúrgica para fazer tubos, lá na parte oriental do lago Maracaibo e outro decreto de expropriação vai ser para a central açucareira de Cumanacoa. Por aí também está o caso da Tomateira Caigua, que já está fazendo molho de tomates!

Assim é que seguirá crescendo e aparecendo por todos os lados, porque o neoliberalismo, o capitalismo, bem, vai quebrando empresas, e empresas que foram quebradas pelo capitalismo, são empresas que devem ser recuperadas pelos trabalhadores. Claro que aqui é onde entra a jogar seu papel a consciência da classe operária, porque não é que vamos expropriar a Central Cumanacoa, por exemplo, para que então os trabalhadores da Central se façam donos dela e fiquem ricos depois de amanhã. Verdade que não! Tampouco em SIDEROCA!” (Discurso de Chávez na abertura do 1º. Encontro Latino-Americano de Empresas Recuperadas pelos Trabalhadores)

Como ensinou Karl Marx “*Cada passo prático vale mais que uma dúzia de programas*” (Carta a Bracke, em “*Crítica do Programa de Gotha e Erfurt*, 5/5/1875).

Este anúncio de Chávez, feito num Encontro que anuncia o combate contra o regime da propriedade privada dos meios de produção, tem um significado de qualidade e repercussões internacionais. E foi realizado apesar das tentativas dos “aliados” dos Chávez, Lula e Kirchner, de impedi-lo assim como a concretização dos acordos do governo Chávez com a Cipla e as outras fábricas ocupadas, que são acordos políticos de sustentação das ocupações, obviamente. Acordos estes que sendo um fôlego para o prosseguimento do combate dos trabalhadores das fábricas ocupadas pela sua estatização, no Brasil, são também um passo a mais no enfrentamento de Chávez com o imperialismo ao rasgar as regras da OMC (cotas e controles internacionais de matérias-primas derivadas de petróleo) e buscar aprofundar o processo de industrialização da Venezuela com a transferência de tecnologia das fábricas ocupadas no Brasil. Com estas tecnologias serão construídas novas fábricas estatais na Venezuela que empregarão diretamente cerca de 13.000 novos operários e milhares de outros empregos indiretos serão criados. Sem falar que com a primeira fábrica se começa o segundo maior programa habitacional do mundo, só perdendo, em números reais, para a China.

AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NÃO SÃO POUCAS

O 1º Encontro de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores está integralmente inscrito na continuidade do combate pela estatização e pelo controle operário nas fábricas ocupadas no Brasil, e se constitui num ponto de apoio continental para a resistência operária frente ao afundamento da economia capitalista, para realizar sua unidade classe e constituir um governo dos trabalhadores do campo e da cidade.

Um outro ensinamento importante foi o resultado da batalha política pela realização vitoriosa deste Encontro. Desde o início, quando a questão se colocou, houve dificuldades na compreensão de seu significado e tivemos que evitar as posições ultra-sectárias que viam na iniciativa apenas uma manobra dos aparelhos para nos envolver na linha do Fórum Social Mundial. Como se a história fosse feita das manobras e contramanobras dos aparelhos ou contra os aparelhos e não pela luta real, viva, das classes e suas organizações. Evidentemente que forças poderosas se moviam, e continuam a se mover, para enredar todas as iniciativas dos trabalhadores na malha da “sociedade civil”, da colaboração de classes, na sustentação do capitalismo.

Não só vemos isso na atividade frenética de Marta Hannecker, que a serviço da burocracia castrista, é assessora governamental e tenta implantar o Orçamento Participativo (OP) na Venezuela, como em outras questões. Depois de um acordo político em Caracas, que incluía o governo da Venezuela, sobre a forma e o conteúdo da atividade, foi acordada uma Convocatória entre a UNT, as fábricas ocupadas do Brasil, o MNR da Argentina e a COB. Esta convocatória, entretanto, desaparece e há três semanas do Encontro a UNT divulga uma nova Convocatória assinada UNT, COB e PIT-CNT, sem o conhecimento dos outros participantes e que além do apoio aberto aos governos de Lula, Tabaré e Kirchner reintroduzia a “economia solidária” e a “sociedade civil” no Encontro. Uma carta é enviada protestando e restabelecendo as bases da convocatória original. Então, é a vez de desaparecer a “nova” Convocatória, que nem mesmo reapareceu em qualquer momento do Encontro.

Mas, o combate final se deu durante o próprio Encontro. A primeira proposta de texto final era inteira baseada no Fórum Social Mundial e na Economia Solidária etc. Nosso combate recolocou a discussão no patamar correto. Em três dias de atividade entre centenas de representantes de diferentes combates nas fábricas, envolvidos e imersos no ambiente ardente e envolvente da revolução venezuelana, outras declarações foram escritas e aprovadas por aclamação num plenário entusiasmado, combativo e disposto ao combate no terreno internacional.

De fato, os aparatos manobram para sufocar a revolução. E sem o combate consciente do trotskismo imerso no movimento de massas, guiando-se pelas necessidades das amplas massas, apoiando-se no combate dessas mesmas massas, não há como chegar à vitória. O programa, a confiança no Programa, a classe operária e a confiança na classe operária, são condições fundamentais para a vitória.

A QUESTÃO DO PARTIDO

Nesta situação os trotskistas devem compreender que o caminho para construir um verdadeiro partido da classe trabalhadora na Venezuela passa hoje por intervir ombro a ombro com Chávez contra o imperialismo. O movimento “chavista” das massas populares significa, de fato, apenas uma deformação da vontade revolucionária das massas expressa na sua relação direta com Chávez. Para os revolucionários está fora de questão seguir a orientação política de Chávez, mas, sim, combater junto com ele no interesse das massas, da expulsão do imperialismo, pelo aprofundamento da revolução. Marchar separados, golpear juntos. Combater junto do “movimento bolivariano”

mantendo toda independência política e organizativa. Os trotskistas que compreenderam a teoria da revolução permanente sabem perfeitamente que

“Ela demonstrava que, em nossa época, o cumprimento das tarefas democráticas, proposto pelos países burgueses atrasados, conduzia diretamente à ditadura do proletariado, que coloca as tarefas socialistas na ordem do dia. Nisto consistia a ideia fundamental da teoria. Enquanto a opinião tradicional considerava que o caminho para a ditadura do proletariado passa por um longo período de democracia, a teoria da revolução permanente proclamava que para os países atrasados, o caminho para a democracia passa a ditadura do proletariado. Por conseguinte, a democracia era considerada não como um fim em si, que deveria durar dezenas de anos, mas como o prólogo imediato da revolução socialista, à qual se ligava por vínculo indissolúvel. Desta maneira, tornava-se permanente o desenvolvimento revolucionário que ia da revolução democrática à transformação socialista da sociedade.” (Leon Trotsky, *A Revolução Permanente*)

Na Venezuela revolucionária é no terreno da revolução, do “chavismo das massas populares”, que a organização revolucionária tem que ser construída. Não como partido autoproclamado, mas como a tendência mais resoluta do combate anti-imperialista, anticapitalista. E isto é um dos maiores ensinamentos do Manifesto Comunista:

“Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários. Não têm interesses que os separem do proletariado em geral.

Não proclamam princípios particulares (sectários, nota de Serge), segundo os quais, pretendiam modelar o movimento operário.

Os comunistas só se distinguem dos outros partidos operários em dois pontos:

1) Nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade.

2) Nas diferentes fases por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam, sempre, e em toda parte, os interesses do movimento em seu conjunto.

Na prática, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário.” (Marx e Engels, *Manifesto Comunista*)

Os revolucionários consequentes na Venezuela são aqueles que defendem a unidade e a consolidação da UNT combatendo no seu interior em defesa das ocupações de fábricas, pela estatização sob controle operário e pela extensão e generalização deste movimento, como parte

da luta pela expulsão do imperialismo, em direção à expropriação do capital e a planificação da economia. E isto exige um jornal próprio, expressões próprias e total independência política e organizativa como organização trotskista, mas, neste momento, não como um partido a parte.

É por isso que a tentativa de alguns sindicalistas de constituir o PRS não pode resultar na constituição de um verdadeiro partido dos trabalhadores, apesar de reunir em seu primeiro encontro grande parte do melhor da classe operária venezuelana. A orientação sectária imposta no documento inicial do PRS em relação ao governo Chávez e seu significado é a expressão morenista de recusa do combate pela Frente Única Anti-imperialista, e só pode conduzir ao isolamento os importantes dirigentes sindicais aí reunidos. Assim como ao fracasso do PRS, apesar de sua composição inicial.

Muitos bons sindicalistas estão sendo empurrados para a posição morenista por não encontrarem uma saída imediata para a questão do partido operário na Venezuela. É evidente que a política hesitante e muitas vezes contraditória de Chávez está levando um enorme setor da vanguarda a buscar um atalho para resolver a dura situação em que vive o povo trabalhador. Esta vanguarda, entretanto, é toda “chavista”, exceto alguns dos dirigentes, mesmo se ela não se reconhece nos atuais partidos ou no MVR (partido oficial de Chávez). Foi nesta situação contraditória que se reuniu “grande parte do melhor da classe operária venezuelana” a convite de alguns dos principais dirigentes da UNT para constituir o PRS.

Mas, a primeira prova prática da orientação política do PRS (orientação central definida pelos morenistas), já se realizou com o resultado eleitoral do PRS nas eleições de 4/12/05, onde colheu apenas cerca de 600 votos em seu principal bastião sindical (Carabobo). As massas trabalhadoras não ouviram seu apelo “revolucionário proletário” mesmo se durante as eleições eles deixaram de criticar Chávez. Ao mesmo tempo estas mesmas massas elegiam os dirigentes sindicais da UNT através do MVR, apesar do que é o próprio MVR. É evidente que, hoje, no interior do MVR, que é um Movimento “Chavista”, e não um verdadeiro partido, se chocam setores populares interessados em avançar a revolução e os instrumentos da contrarrevolução interessados em estrangular a revolução.

É nesta situação que os trotskistas devem combater, garantindo sempre e em qualquer caso, toda sua independência política e estrutura organizativa própria, portanto construindo sua própria organização num combate de Frente Única com Chávez. Mas, sem se proclamar um partido concorrente e sim uma organização política que se constrói na luta de classes.



Caravana a Brasília do Movimento das Fábricas Ocupadas

Neste momento, na Venezuela, é inteiramente correto que “Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários”. E podemos dizer, nem ao “movimento chavista”.

É nesta situação
que os trotskistas
devem
combater,
garantindo
sempre e
em qualquer
caso, toda sua
independência
política e
estrutura
organizativa
própria

O LUGAR DA REVOLUÇÃO NA VENEZUELA

O combate pela vitória da revolução, entretanto, não é, e não pode ser, um combate nacional. Aliás, é exatamente por isso que combatemos e se realizou o 1º Encontro Latino-Americano de Empresas Recuperadas pelos Trabalhadores. Nosso combate é internacional. Uma revolução anti-imperialista tem, em nosso tempo, sempre, um caráter proletário e internacional: “Em seu terceiro aspecto, a teoria da revolução permanente implica o caráter internacional da revolução socialista que resulta do estado da economia e da estrutura social da humanidade. O internacionalismo não é um princípio abstrato: ele não é senão o reflexo político e teórico do caráter mundial da economia, do desenvolvimento mundial das forças produtivas e do ímpeto mundial da luta de classes. A revolução socialista começa no âmbito nacional, mas nele não pode permanecer. A revolução proletária não

pode ser mantida em limites nacionais senão sob a forma de um regime transitório, mesmo que este dure muito tempo, como o demonstra o exemplo da União Soviética. No caso de existir uma ditadura proletária isolada, as contradições internas e externas aumentam inevitavelmente e ao mesmo passo que os êxitos. Se o Estado proletário continuar isolado, ele, ao cabo, sucumbirá vítima dessas contradições. Sua salvação reside unicamente na vitória do proletariado dos países avançados. Deste ponto de vista, a revolução nacional não constitui um fim em si, apenas representa um elo da cadeia internacional. A revolução internacional, a despeito de seus recuos e refluxos provisórios, representa um processo permanente” (Leon Trotsky, *A Revolução Permanente*)

Como continuidade deste combate internacional, que tem um ponto de inflexão no 1º Encontro Latino-Americano de Empresas Recuperadas pelos Trabalhadores, é preciso tirar todas as consequências do que significa a revolução na Venezuela, o governo Chávez e o lugar que ocupamos neste combate e nesta situação. Em primeiro lugar estendendo na América Latina e ajudando a ampliar para a Europa e EUA o combate em defesa da revolução venezuelana. Na Venezuela se joga, de certa forma, o futuro da revolução na América Latina. A constituição de um governo operário e camponês na Venezuela, a expropriação do capital e a planificação da economia, jogariam um papel extraordinário em todo o mundo, lançando massas de milhões de proletários ao combate contra o imperialismo.

Uma revolução social vitoriosa em nossos dias, sem a existência do monstruoso aparelho stalinista, artífice da contrarrevolução, enfrentaria, na arena da luta de classes, diretamente o aparelho social-democrata internacional, assim como o satélite pablista do imperialismo. Uma clarificação extraordinária se operaria na classe operária sobre o papel de cada partido, cada dirigente político ou sindical, e se abriria um caminho imenso para a construção de partidos revolucionários de massa em todo o mundo.

O fator subjetivo é a chave de tudo, mas ele não cai do céu. A direção revolucionária,

o partido revolucionário, é uma tarefa estratégica a ser cuidadosa e firmemente construída e, hoje, depende exclusivamente daqueles que agem sobre a base do Programa da Transição. Mesmo que os bolcheviques tenham consciência de que, como ensina a experiência da Internacional Comunista e nossa tradição tão incompreendida, outras tendências operárias revolucionárias, tendo outras origens e diferentes experiências do que as nossas, e mesmo algumas que não se reivindicam do marxismo, serão levadas a participar da construção, e serão parte integrante, da Internacional Revolucionária.

Nesta época de guerras e revoluções, onde a revolução e a contrarrevolução se olham e se tocam todos os dias, é preciso ajudar, facilitar, este reagrupamento assim como em sua evolução. E se a base programática sobre a qual agem os bolcheviques está confirmada pela história e é intocável, isto não quer dizer, ao contrário, que toda discussão não possa ser feita.

CONCLUSÃO

E neste momento uma extraordinária ajuda à revolução na Venezuela que os trotskistas podem dar é ajudando a classe operária daquele país a estender seus laços políticos e organizativos com o proletariado revolucionário de todo o mundo. Para isso o trabalho nas fábricas ocupadas no Brasil e na Venezuela, incluída a ajuda à

implantação de fábricas estatais venezuelanas que as fábricas ocupadas estão dando, é de um enorme e inestimável valor.

Mas, é preciso muito mais. É preciso trabalhar internacionalmente para salvar a revolução, permanentemente ameaçada por dentro e por fora. É uma tarefa maior ajudar a chegar à vitória a revolução mais avançada que hoje o mundo conhece. É preciso ajudar a abrir, a desenvolver, a fortalecer a revolução venezuelana em toda sua extensão na arena mundial da luta de classes, em especial nos EUA e na Europa. O apoio da classe operária norte-americana e europeia é uma das mais importantes fortalezas com que poderia contar a classe trabalhadora da Venezuela.

Um esforço precisa ser feito para organizar um Encontro Pan-Americano em Defesa do Emprego, dos Direitos, da Reforma agrária e do Parque Fabril⁶, organizado a partir das fábricas ocupadas da Venezuela, Brasil, Argentina e Uruguai⁶. Um lugar especial deve ter a preparação desta conferência nos EUA.

A partir deste Encontro podemos propor a realização de uma Conferência Mundial de Trabalhadores e suas Organizações em Defesa da Revolução Venezuelana, da Soberania dos Povos e pela Conquista da Propriedade Social⁷.

Esta Conferência deveria ser realizada na Europa, precedida de uma ampla mobilização e agitação em todo o mundo. Este combate seria um importante

instrumento de construção e aproximação de militantes e forças políticas estabelecendo uma ponte no sentido da transição de forças operárias em direção ao programa marxista.

Sabe-se que entre a intenção e o gesto há uma larga distância. E que a hora é de agir.

Vivemos a era das guerras e das revoluções. A humanidade está na encruzilhada: Socialismo ou Barbárie. Convivemos hoje no mundo, convulsivamente, revolução e contrarrevolução. Só a classe operária organizada internacionalmente sobre a base de um programa marxista, o Programa de Transição, pode salvar a civilização do desastre. O desaparecimento do monstruoso aparelho contrarrevolucionário do stalinismo, a passagem aberta de seus restos, assim como da Internacional Social-Democrata e os seus satélites centristas de esquerda, para a aplicação direta dos planos do capital, esta situação contraditória criou um quadro extremamente difícil para a classe operária em escala mundial.

Mas a luta de classes é que tudo determina e a resistência das massas oprimidas e exploradas também abriu o caminho para a reorganização da classe operária internacional sobre um novo eixo de independência de classe e para a liquidação do regime da propriedade privada dos meios de produção.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Este artigo foi escrito em 2005, e atualizado em julho de 2006, por Serge Goulart, Coordenador do Conselho de Fábrica da Cipla e Interfíbra, duas fábricas ocupadas em Joinville, SC, Brasil, e dirigente da Esquerda Marxista. Serge Goulart coordenou também a organização dos diversos Encontros de Fábricas Ocupadas na América Latina realizados no Brasil e Venezuela.

² O fato conhecido como Paro Petrolero de 2002-2003, chamado pela direita de Paro Nacional ou Greve Geral consistiu na paralisação das atividades econômicas de caráter geral e indefinido contra o governo da Venezuela presidido por Hugo Chávez. Este Lockout, greve patronal, foi promovida principalmente pela patronal organizada na FEDECAMARAS (Central patronal) e apoiada pela direção da estatal e maior empresa do país, a Petróleo de Venezuela (PDVSA), pelos partidos burgueses de oposição aglutinados na coalizão "Coordenadora Democrática", pela central trabalhista pelega, a Confederação de Trabalhadores da Venezuela (CTV), e inclusive pelos meios de comunicação privados, imprensa, rádio e televisão. A paralisação se estendeu de dezembro de 2002 até fevereiro de 2003, levando a economia ao caos, quando foi vencida pelos trabalhadores que ocuparam PDVSA e outras empresas e as puseram para funcionar sob seu controle.

³ E foi exatamente isso o que aconteceu. A direção da Cooperativa assume a gestão da fábrica e dois anos depois estava enfrentando greves de trabalhadores contratados por salários mais baixos e que não eram "sócios", não eram "acionistas". Pouco mais tarde toda a diretoria da Cooperativa, que dirigia a fábrica,

foi destituída (pelo sócio majoritário, o governo, com apoio da assembleia de trabalhadores) sob acusações generalizadas de corrupção, desfalque etc. O governo retoma os 49% de ações dos cooperativados e envia um coronel para dirigir INVEPAL. A direita e os burocratas do governo cantam o "fracasso de entregar fábricas aos operários".

⁴ Carta Encíclica "RERUM NOVARUM" do Papa Leão XIII, "sobre a condição dos operários" de 15 de Maio de 1891, que tinha o objetivo de frear o avanço dos socialistas na organização dos trabalhadores. Nesta Encíclica um capítulo com o título "A Solução socialista" é dedicado expressamente a isso: "3. Os Socialistas, para curar este mal, instigam nos pobres o ódio invejoso contra os que possuem, e pretendem que toda a propriedade de bens particulares deve ser suprimida, que os bens dum indivíduo qualquer devem ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para - os Municípios ou para o Estado. Mediante esta transladação das propriedades e esta igual repartição das riquezas e das comodidades que elas proporcionam entre os cidadãos, lisonjeiam-se de aplicar um remédio eficaz aos males presentes. Mas semelhante teoria, longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posta em prática. Pelo contrário, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social."

⁵ Sobre esta questão, significado e caráter do Mercosul remeto à minha brochura "Mercosul, Nafta, o que são os Tratados de Livre Comércio" que junto com as declarações e documentos do Encontro Internacional

Contra o Mercosul e a ALCA, realizados em Porto Alegre, em 1997, esclarecem perfeitamente a posição do marxismo sobre o Mercosul e os diversos tipos de Tratados de Livre Comércio.

⁶ Este Encontro se realizou em dezembro de 2006, nas dependências da Cipla, a fábrica ocupada em Joinville, SC. Vindos de 12 países, 691 delegados reuniram-se nos dias 8, 9 e 10/12/2006, com o apoio das centrais sindicais - CUT (Brasil), COB (Bolívia), UNT (Venezuela) e PIT-CNT (Uruguai). O Encontro foi aberto com a assinatura do Acordo Coletivo de Trabalho entre os trabalhadores da CIPLA, a CUT (BRASIL) e a Confederação dos Químicos (CNQ/CUT), estabelecendo a jornada de trabalho de 30 horas semanais (sem qualquer redução de salário ou benefícios). Este processo de luta foi abortado em 31/05/2007 com a intervenção policial federal (um assalto de 150 homens armados de metralhadoras, carros de combate, bombas etc.), na Cipla a pedido do Ministério da Previdência alegando querer cobrar uma dívida com o INSS devida desde 1998 pelos antigos patrões. Até hoje, agosto de 2011 nem um centavo desta dívida foi paga pelo interventor nomeado pelo judiciário, mas, praticamente todos os 800 operários da Cipla que haviam ocupado e salvado a Cipla foram demitidos.

⁷ A convocação deste Encontro Internacional foi aprovada no Encontro de dezembro de 2006, na Cipla, para ser realizado em Buenos Aires em 2007. Entretanto, não se realizou por razões objetivas (intervenção nas fábricas ocupadas no Brasil, entre outras) e políticas (divisão no movimento na Venezuela e na Argentina, assim como fragmentação e confusão na Bolívia etc.)

ACEITAR O FECHAMENTO DE FÁBRICAS? JAMAIS!

CHICO LESSA

As fábricas, quando fecham, fecham contra a classe trabalhadora.

Na Carta aos Trabalhadores Brasileiros, adotada por unanimidade na Conferência Nacional em Defesa do Emprego, dos Direitos, da Terra e do Parque Fabril Brasileiro, realizada nos dias 3, 4 e 5 de outubro de 2003 em Joinville, patrocinada pelos trabalhadores das empresas ocupadas Cipla, Interfibra e Flaskô, nós já afirmávamos que:

“cada fábrica fechada é um túmulo de postos de trabalho onde são sepultadas as esperanças de uma vida digna. Um monumento à especulação e à voracidade capitalista. E junto com este desastre vem a revogação de leis e conquistas trabalhistas e previdenciárias que custaram muitas e longas lutas, muito esforço e mortes, ao

povo trabalhador da cidade e do campo. Por isso, os trabalhadores têm o direito de ocupar as fábricas para manter a civilização funcionando com a dignidade que querem lhe retirar.”

A Flaskô, em Sumaré-SP, uma das dezenas de empresas do Grupo Cipla, permanece em funcionamento sob o controle operário desde 12 de junho de 2003. Em Joinville, na Cipla e Interfibra, persiste a intervenção judicial federal desastrosa desde 31 de maio de 2007, que interrompeu uma das experiências operárias mais capazes e democráticas de controle e administração de fábrica pelos seus próprios funcionários. Estamos lembrando estes bons exemplos para dizer que os trabalhadores não

podem e não devem deixar suas fábricas fecharem, seja por incapacidade dos patrões ou mesmo pela impossibilidade do sistema capitalista dar lugar para todos.

O fechamento de uma fábrica remete os trabalhadores diretamente para a demissão, que é sinônimo de desemprego, miséria e de destruição da sociedade. Cada fábrica fechada é uma parcela de civilização que morre.

Estas recordações nos ocorrem neste momento em que refletimos sobre a situação da Busscar, uma das principais empresas de carrocerias de ônibus da América do Sul. Desde o mês de julho a empresa volta a passar por sérias dificuldades, pois desde então mantém em licença remunerada cerca de 70% de seu quadro de pessoal, que se encontra ao redor de 6 mil funcionários.

Ninguém quer ou espera que aconteça, mas é preciso alertar que a falta de uma folha de pagamento mensal de 6 milhões de reais será um corte profundo nas condições de vida dos trabalhadores envolvidos e de seus familiares, assim como para a economia de Joinville, especialmente nestes tempos difíceis de crise.

A direção da empresa, que permitiu que o empreendimento chegasse a essa situação, deve uma resposta ao povo joinvilense. O sindicato dos trabalhadores, responsável pela organização da categoria e pela defesa dos postos de trabalho e dos direitos trabalhistas de seus representados, também está devendo palavras e atitudes de mobilização e luta, que efetivamente apontem uma saída para o grave problema que se avoluma dia a dia, para que a fábrica não feche para os trabalhadores.



Colagem do ônibus e da planta da fábrica Busscar em Joinville-SC



ESTATIZAÇÃO DAS FÁBRICAS OCUPADAS

ESTATIZAÇÃO DAS FÁBRICAS OCUPADAS

ESTATIZAÇÃO DAS FÁBRICAS OCUPADAS

ESTATIZAÇÃO DAS FÁBRICAS OCUPADAS

INTERFERL - FLAKEPET

CIPLA - INTERFIBRA

CIPLA - INTERFIBRA

TEMPO DE REVOLUÇÃO

O jornal Tempo de Revolução é o Órgão do Comitê Central da Esquerda Marxista e traz em suas páginas relatos das lutas dos trabalhadores do Brasil e do mundo, análises da situação política, teoria marxista e muito mais.

Assinatura Impressa+Digital: R\$ 70,00

(Receba o jornal impresso em casa e a versão digital no e-mail e WhatsApp)

Assinatura Digital: R\$ 60,00

(Receba a versão digital no e-mail e WhatsApp)



Acesse www.livrariamarxista.com.br
ou utilize o QR Code para fazer
sua assinatura!

